

Ana Maria Ribeiro de Jesus

**Variação Terminológica Português-Francês
no Domínio da Dermatologia**



1910001360



Ana Maria Ribeiro de Jesus

**VARIAÇÃO TERMINOLÓGICA PORTUGUÊS-FRANCÊS
NO DOMÍNIO DA DERMATOLOGIA**

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências,
Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual
Paulista "Júlio de Mesquita Filho", campus de São
José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre.
Área de concentração: Análise Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Lidia Almeida Barros



**São José do Rio Preto
2005**



Ana Maria Ribeiro de Jesus

Variação terminológica português-francês no domínio da Dermatologia

Dissertação apresentada no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", campus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Análise Linguística.

**VARIAÇÃO TERMINOLÓGICA PORTUGUÊS-FRANCÊS
NO DOMÍNIO DA DERMATOLOGIA**

Dissertação apresentada no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", campus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Análise Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lidia Almeida Barros



T. 1360/05

**São José do Rio Preto
2005**

411.616.5
J58v

80101003

04/03/2005
Doação
R\$ 32,00
Autor(a)
076/2005
74/05

Jesus, Ana Maria Ribeiro de.

Variação terminológica português-francês no domínio da
dermatologia / Ana Maria Ribeiro de Jesus – São José do Rio Preto:
[s.n.], 2005

183 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Lidia Almeida Barros

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista. Instituto de
Biociências, Letras e Ciências Exatas

I. Análise lingüística. 2. Terminologia. 3. Socioterminologia. 4.
Variação (Lingüística). 5. Dermatologia – Terminologia. Barros, Lidia
Almeida. II. Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências,
Letras e Ciências Exatas. III. Título.

CDU – 81'374:611.77



T. 336/02

São José do Rio Preto
2005

Ana Maria Ribeiro de Jesus

Agradecimentos

**Variação terminológica português-francês no domínio da
Dermatologia**

Dissertação apresentada no Instituto de Biociências,
Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual
Paulista "Júlio de Mesquita Filho", campus de São
José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre.
Área de concentração: Análise Lingüística.

Banca examinadora:

Profª. Drª. Ieda Maria Alves
USP/FFLCH

Profª. Drª. Claudia Maria Xatara
UNESP/IBILCE

Profª. Drª. Lidia Almeida Barros (orientadora)
UNESP/IBILCE



Agradecimentos

A Deus.

À Profª. Drª. Lidia Almeida Barros, pelo bom-humor e orientação constantes.

Às "pupilas do VMD": Gil, Frin, Vivi, Vaninha, Vivis, Fran, Érica, Mari, Karina.

Aos professores e amigos da Pós-graduação em Lingüística, pelo apoio e motivação; em particular, à Profª. Drª. Claudia Maria Xatara e ao Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho pela atenção dispensada no Exame de Qualificação; à Profª. Drª. Cristina Carneiro Rodrigues e ao Prof. Dr. Eli Nazareth Bechara, pela amizade e contribuição direta a este trabalho.

À Profª. Drª. Ieda Maria Alves, pela dedicação a este trabalho no IV SELin.

Em especial:

À minha mãe, pela força inexplicável.

Ao GOU UNidos no ESPírito pela ajuda nos momentos difíceis e nos outros também.

E ao Aderson, pelo amor surreal.

=)

De tudo, ficaram três coisas:
A certeza de que estamos sempre começando;
A certeza de que é preciso continuar;
A certeza de que seremos interrompidos antes de terminar...

Portanto, descanse,
Pela vida interrompa um caminho novo,
Da queda, um passo de dança;
Do medo, uma escada;
Do sonho, uma planta;
Do progresso, um momento...

Fernando Pessoa

Este trabalho de pesquisa nasceu do projeto *Vocabulário Multilíngua de Dermatologia*, atualmente em processo de publicação. Esse dicionário tem no português a língua de partida e como *lingua-alvo* o francês, o inglês, o italiano e o espanhol. A presente pesquisa tem como objetivo a busca de correspondências com ênfase de um conjunto de 500 termos que compõem a terminologia da pele e o estudo da variação terminológica que se apresenta nesse conjunto terminológico bilíngüe.

Palavras-chave: Terminologia, Terminologia bilíngüe, Socioterminologia, Variação terminológica, Dermatologia.

De tudo, ficaram três coisas:
A certeza de que estamos sempre começando...
A certeza de que é preciso continuar...
A certeza de que seremos interrompidos antes de terminar...

Portanto devemos:
Fazer da interrupção um caminho novo...
Da queda, um passo de dança...
Do medo, uma escada...
Do sonho, uma ponte...
Da procura, um encontro...

Fernando Pessoa

Resumo

Este trabalho de pesquisa nasceu no projeto *Vocabulário Multilíngüe de Dermatologia*, atualmente em processo de publicação. Esse dicionário tem no português a língua de partida e como idiomas-alvo o francês, o inglês, o italiano e o espanhol. A presente pesquisa teve como objetivos a busca de equivalentes em francês de um conjunto de 500 termos que compõem a nomenclatura do projeto e o estudo da variação terminológica que se apresenta nesse conjunto terminológico bilíngüe.

Palavras-chave: Terminologia. Terminologia bilíngüe. Socioterminologia. Variação terminológica. Dermatologia.

INTRODUÇÃO

This research is part of the project *Dermatology Multilingual Vocabulary*, which is to be published. This multilingual dictionary in the area of Dermatology has Portuguese as the source-language and French, English, Italian and Spanish as target-languages. The purpose of this work is to find the French equivalents for a set of 500 terms that compose VMD nomenclature and we also make a study of the terminological variation that occurs in this bilingual terminological domain.

Keywords: Terminology. Bilingual Terminology. Socioterminology. Terminological variation. Dermatology.

1.1	Objetivo Geral da Terminologia	8
1.2	Novas abordagens	9
1.3	A Terminologia Clínica de Dermatologia	11
1.4	Objetivo	12
1.5	Algumas considerações sobre Terminologia	13
2	TERMINOLOGIA BILÍNGUE	15
2.1	Definições gerais	15
2.2	Terminologia e Tradução	16
2.3	Problemas de equivalência em dicionários bi e multilíngues	17
2.4	Classificação terminológica em dicionários bi e multilíngues	19
2.5	Tipos de equivalência	20
2.5.1	Equivalência total	21
2.5.2	Intersecção	24
2.5.3	Superordenação	24
2.5.4	Micro-equivalência	25
2.6	A metodologia de pesquisa terminológica bi e multilíngue	26
3	ESTUDOS LINGÜÍSTICO-SOCIAIS	28
3.1	Contexto Nacional	29
3.2	Contexto Internacional	30
3.2.1	Variação linguística	31
3.2.2	A variação da terminologia de língua	32

INTRODUÇÃO	1
Objetivos	2
Hipóteses e organização do trabalho	3
ARCABOUÇO TEÓRICO.....	5
1. TERMINOLOGIA	5
1.1. A Teoria Geral da Terminologia.....	8
1.2. Novos horizontes	9
1.3. A Teoria Comunicativa da Terminologia	11
1.4. O termo	12
1.5. Algumas considerações sobre Terminologia	13
2. TERMINOLOGIA BILÍNGÜE	15
2.1. Questões gerais	15
2.2. Terminologia e Tradução	16
2.3. Problemas de equivalência em dicionários bi- e multilíngües	17
2.4. Criação de neologismos em dicionários.....	19
2.5. Graus de equivalência	20
2.5.1. Equivalência total	23
2.5.2. Intersecção.....	24
2.5.3. Superioridade	24
2.5.4. Não-equivalência.....	25
2.6. A metodologia da pesquisa terminológica bi- e multilíngüe.....	26
3. ESTUDOS LINGÜÍSTICO-SOCIAIS.....	28
3.1. Enfoque funcional.....	29
3.2. Sociolingüística.....	30
3.2.2. Variação lingüística.....	31
3.2.3. A variação nos níveis de língua.....	32

3.3.	Socioterminologia	33
3.3.1.	Definição e objeto de estudo	33
3.3.2.	Socioterminologia X Sociolinguística	35
3.3.3.	Algumas considerações sobre a Socioterminologia	37
3.4.	Variação terminológica	39
3.4.1.	Princípios gerais	39
3.4.2.	Terminologia tradicional e variação terminológica	41
3.4.3.	Variação e sinonímia	43
3.4.4.	Propostas de classificação da variação terminológica	44
3.4.4.1.	Alain Rey	44
3.4.4.2.	Maria Teresa Cabré	45
3.4.4.3.	Louis-Jean Rousseau	46
3.4.4.4.	Pierre Auger	46
3.4.4.5.	Enilde Faulstich	46
3.4.5.	As variantes nos dicionários	49
3.4.5.1.	Questões de base	49
3.4.5.2.	Marcas de uso	50
3.4.6.	Variação terminológica e informatização	53
3.4.7.	Variação terminológica na língua francesa	54
4.	PARTICULARIDADES DA TERMINOLOGIA MÉDICA E DERMATOLÓGICA	57
4.1.	O domínio da Dermatologia	57
4.2.	Medicina e informatização	60
4.3.	Variação terminológica e linguagem médica	61
4.4.	Necessidade de normalização	63
	METODOLOGIA	66
5.	PROCEDIMENTOS DA PESQUISA	66
5.1.	<i>Corpus</i> da pesquisa	66
5.2.	Criação de base de dados textuais – BDTex	68
5.3.	A Classificação Internacional das Doenças - CID	70
5.4.	Criação de base de dados terminológicos bilíngüe	71
5.5.	Determinação dos equivalentes	76
5.5.1.	Os ganchos terminológicos	77
5.5.2.	“Outras designações”	79
5.6.	Busca de variantes em francês	81
	RESULTADOS DA PESQUISA E ANÁLISE DOS DADOS	83

6.	QUADRO DE EQUIVALÊNCIAS TERMINOLÓGICAS PORTUGUÊS – FRANCÊS.....	83
7.	ANÁLISE DOS EQUIVALENTES	105
7.1.	Modelo de verbete do VMD	106
7.2.	Sistema de remissivas	107
7.3.	Graus de equivalência terminológica português – francês em Dermatologia.....	108
7.3.1.	Equivalência total.....	109
7.3.2.	Intersecção.....	115
7.3.3.	Superioridade	118
7.3.4.	Não-equivalência.....	121
7.4.	Equivalências e variação terminológica.....	123
8.	ANÁLISE DAS VARIANTES DE TERMOS DO DOMÍNIO DA DERMATOLOGIA	124
8.1.	PORTUGUÊS	126
8.1.1.	Variantes terminológicas lingüísticas.....	126
8.1.1.1.	Variantes fonológicas	127
8.1.1.2.	Variantes morfológicas.....	128
8.1.1.3.	Variantes ortográficas.....	130
8.1.1.4.	Variantes sintáticas	131
8.1.1.5.	Variantes lexicais.....	132
8.1.2.	Variantes terminológicas sociolingüísticas	135
8.1.2.1.	Variantes geográficas	135
8.1.2.2.	Variantes socioletais	136
8.1.2.3.	Variantes cronoletais	138
8.1.3.	Outros tipos de variantes	139
8.1.3.1.	Variantes designativas do aspecto formal da doença.....	139
8.1.3.2.	Variantes designativas da causa da doença	145
8.1.3.3.	Variantes que designam topônimos	146
8.1.3.4.	Variantes designativas de termos religiosos	148
8.1.3.5.	Variantes designativas de termos relacionados à sexualidade.....	149
8.1.3.6.	Variantes designativas de profissões	149
8.1.3.7.	Variantes designativas de animais	150
8.1.3.8.	Variantes influenciadas por fatores ideológicos	151
8.1.3.9.	Variantes designativas do local de ocorrência no corpo.....	152
8.2.	FRANCÊS.....	152
8.2.1.	Variantes terminológicas lingüísticas.....	152
8.2.1.1.	Variantes fonológicas	152
8.2.1.2.	Variantes morfológicas.....	152
8.2.1.3.	Variantes ortográficas.....	154
8.2.1.4.	Variantes sintáticas	155
8.2.1.5.	Variantes lexicais.....	156
8.2.2.	Variantes terminológicas sociolingüísticas	158
8.2.2.1.	Variantes geográficas	158
8.2.2.2.	Variantes socioletais	158
8.2.2.3.	Variantes cronoletais	160
8.2.3.	Outros tipos de variantes	161

8.2.3.1.	Variantes designativas do aspecto formal da doença.....	161
8.2.3.2.	Variantes designativas da causa da doença	164
8.2.3.3.	Variantes designativas de animais	165
8.2.3.4.	Variantes formadas por referência à religião.....	165
8.2.3.5.	Variantes formadas por alusão à sexualidade.....	166
8.2.3.6.	Variantes designativas de profissões	166
8.2.3.7.	Variantes influenciadas por fatores ideológicos	167
8.3.	Estudo comparado português–francês das variantes terminológicas	168
9.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	173
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	178
	BIBLIOGRAFIA.....	182

Introdução

O presente trabalho situa-se no contexto de um projeto maior, cujo objetivo é a elaboração de um dicionário terminológico multilíngüe especializado na área da Dermatologia. O *Vocabulário Multilíngüe de Dermatologia* (VMD), elaborado no IBILCE (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas) – UNESP *campus* de São José do Rio Preto, por uma equipe coordenada pela Prof^a. Dr^a. Lidia Almeida Barros, encontra-se atualmente em fase de revisão textual para publicação. Ao longo de todo o trabalho, a equipe contou com a assessoria dos especialistas em Dermatologia da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto – FAMERP, sob a coordenação do Dr. João Roberto Antonio.

O *corpus* de base para esse trabalho compôs-se de obras especializadas no campo da Dermatologia, adotadas nos cursos superiores de Medicina e indicadas por médicos e professores da FAMERP. Dele foi recolhido um conjunto terminológico composto por cerca de 3800 termos (somados os termos-entrada dos verbetes e suas outras designações), que foram organizados e um sistema conceptual de tipo predominantemente genérico-específico, apresentado com mais detalhes no item 4.2. *O domínio da Dermatologia*:

- 1.Dermatologia e seus ramos;
- 2.Sistema tegumentar;
- 3.Lesões;
- 4.Dermatoses.

Do ponto de vista tipológico, essa obra se caracteriza como um dicionário monolíngüe com equivalências em quatro outras línguas: francês, espanhol, italiano e inglês, tendo o português como língua de partida e de definição (os enunciados definicionais são redigidos apenas nesse idioma).



Nossa participação nesse projeto data de 2001 e durante dois anos procedemos a pesquisas em nível de Iniciação Científica. Durante esse período, desenvolvemos as seguintes atividades, em colaboração com os demais membros da equipe:

- coleta de dados para os termos em português;
- revisão de definições anteriormente elaboradas;
- elaboração de definições de termos da nomenclatura em língua portuguesa;
- reorganização do sistema conceptual do Vocabulário;
- pesquisa sobre os valores sociolingüísticos de 200 termos;
- elaboração de base de dados textuais em francês;
- montagem da ficha terminológica eletrônica bilíngüe;
- busca de 300 termos equivalentes em francês.

As pesquisas com vistas à identificação das equivalências lexicais em francês ocorridas durante nossa Iniciação Científica conduziram-nos a observações sobre múltiplos aspectos da terminologia da Dermatologia. Dentre esses aspectos encontram-se os graus de equivalência lexical e a variação terminológica. As indagações que essas questões nos suscitaram levaram-nos a desejar dar continuidade ao estudo em nível de Mestrado. A presente dissertação resulta desse processo.

Objetivos

O primeiro objetivo deste trabalho é pesquisar as equivalências em francês de 500 termos do campo conceptual 4. *Dermatoses* e estudar o comportamento e as relações que essas estabelecem entre si nas duas línguas. Optamos por não apresentar as definições dos 500 termos devido à extensão que tomaria nosso trabalho, pois elas ocupariam mais de 160 páginas.

No campo da Terminologia bilíngüe, servimo-nos, como embasamento teórico, dos estudos feitos por Alpízar-Castillo (1995, 2002), Pavel e Nolet (2002), Barros (2004), Cabré (1993, 1996, 1999), Aubert (1996) Jammal (1999), Lerat (1995), Corbeil (1999), Dubuc (1985), Felber (1987), entre outros.

O VMD contempla em sua nomenclatura não apenas termos científicos, mas também populares, aqueles que os pacientes empregam e que os médicos precisam conhecer para que a comunicação seja possível. Essa nomenclatura também contempla todo tipo de variantes encontradas durante as pesquisas do VMD: ortográficas, lexicais, topoletais, socioletais e outras. Assim sendo, o segundo objetivo da presente pesquisa é a descrição do perfil do conjunto terminológico (500 termos) na área da Dermatologia no que concerne à variação terminológica em português e em francês. O arcabouço teórico que deu sustentação às nossas análises centrou-se nos seguintes autores, entre outros: Labov (1991), Turell (1995), Camacho (2001), Gasquet-Cyrus (2002), Cabré (1996), Mollica (2003), Gaudin (1993, 1993a), Gambier (1991), Boulanger (1995), Corbeil (1999), Faulstich (1995, 1997, 2002), Auger (2001), Alves (1997), Krieger (2000) e Rousseau (1996).

Hipóteses e organização do trabalho

As seguintes questões levantadas serão discutidas durante o trabalho:

- Quais os graus de equivalência mais freqüentes na terminologia dermatológica português – francês?
- Há possibilidade de ocorrer equivalência total?
- Como devem ser tratados os casos de ausência de equivalência em língua de chegada?
- Como a variação lingüística é reconhecida e tratada nos estudos terminológicos atuais?
- Como se comporta, em português e em francês, a variação terminológica no domínio da Dermatologia?

Organizamos, então, o presente trabalho da seguinte forma: a primeira parte descreve os fundamentos teóricos nos quais se apoiou nossa pesquisa. No primeiro capítulo apresentamos a Terminologia, suas correntes e tendências. No segundo capítulo, sobre Terminologia bilíngüe, refletimos mais detalhadamente sobre os possíveis graus de equivalência que os termos técnicos e científicos podem assumir.

O terceiro capítulo, denominado *Estudos lingüístico-sociais*, apresenta os fundamentos de três correntes teóricas importantes para nossa análise: o Funcionalismo, a Sociolingüística e a Socioterminologia. A variação terminológica é tratada de modo aprofundado após a exposição desses três enfoques pragmático-comunicativos dos estudos lingüísticos no item 3.4.

No quarto capítulo tratamos algumas particularidades da terminologia médica e dermatológica, visto que o domínio especializado no qual se insere o presente estudo é a Dermatologia.

A metodologia de nossa pesquisa é apresentada detalhadamente no quinto capítulo do trabalho, juntamente com breves discussões sobre Lingüística computacional, *corpora* e bases de dados eletrônicas porque, durante toda a pesquisa, servimo-nos dessas ferramentas informáticas para seu desenvolvimento.

Em seguida, descrevemos os resultados da pesquisa e procedemos à análise dos dados. Assim, no sexto capítulo apresentamos o quadro de equivalências francês – português e, nos dois capítulos subseqüentes, expomos nossas análises relativas aos equivalentes e à variação presentes no conjunto terminológico objeto de estudo desse trabalho.

As principais conclusões a que chegamos após esse estudo serão expostas no último capítulo, sendo este seguido das referências bibliográficas citadas na presente dissertação.

ARCABOUÇO TEÓRICO

1. Terminologia

Se etc,
se etc,
se etc,
se etc,
se etc,
se etc,
se etc,
se etc,

Serás um teorema, meu filho.

José Paulo Paes, *Kipling revisitado*

Em *Kipling revisitado*, José Paulo Paes parodia o poema *If*¹, de Rudyard Kipling, e evidencia o fato de que este propõe que, para se atingirem metas quase impossíveis, é necessário um esforço sobre-humano. Em *If*, Kipling dita padrões morais para o indivíduo, mas acaba buscando um ser incomum. Com muita simplicidade, Paes demonstra que esse “ser ideal”, se existisse, seria, na verdade, um “teorema”. Do ponto de vista da criação poética, contudo, sem Kipling não haveria Paes. De fato, o segundo poema (de Paes), por mais original que seja, não deixa de se inspirar em um anteriormente instituído. Como acontece na Literatura, que é um campo privilegiado da criação e, portanto, da inovação, assim também é na Ciência, que é o lugar privilegiado da renovação e do aprofundamento de descobertas precedentes.

¹ Se

Rudyard Kipling (Tradução de Guilherme de Almeida)

Se és capaz de manter a tua calma quando todo o mundo ao teu redor já a perdeu e te culpa;

Se és capaz de crer em ti quando estão todos duvidando, e para esses no entanto achar uma desculpa; [...]

Se encontrando a desgraça e o triunfo conseguires tratar da mesma forma a esses dois impostores; [...]

Se és capaz de arriscar numa única parada tudo quanto ganhaste em toda a tua vida,

E perder e, ao perder, sem nunca dizer nada, resignado, tornar ao ponto de partida; [...]

Se a todos podes ser de alguma utilidade, [...]

Tua é a terra com tudo o que existe no mundo

E o que mais – **tu serás um homem, ó meu filho!**

Esse “dinamismo” da Ciência faz com que esta evolua no decorrer da história, com continuidades e rupturas, quebrando limites e propondo novas teorias, mas reconhecendo que uma descoberta só foi possível por contar com antecessoras. Nesse sentido, ao discorrer sobre a natureza e extensão do objeto da Lingüística, Roberto Gomes Camacho (1994), baseado em princípios desenvolvidos por Thomas Khun, relata que

A crise é o prenúncio da emergência de novas teorias. A forma de responder a ela é, inicialmente, opor-lhe resistência. [...] É interessante a idéia de que a rejeição de um modelo teórico não significa seu falseamento através da comparação entre teoria e realidade. [...] pois rejeitar um paradigma sem substituí-lo por outro equivale a rejeitar a própria Ciência. (CAMACHO, 1994, p. 20).

A crise à qual se refere o autor é o momento em que uma teoria, disciplina ou paradigma está “em baixa”, ou seja, apresenta metodologia insuficiente, ou ainda, torna-se deficiente para suprir as necessidades de análise do objeto de estudo em questão. Tal crise prima, dessa forma, por uma solução e esta passa, segundo Camacho, por três alternativas:

1. o paradigma em questão é capaz de resolver a anomalia que provocou a crise, havendo, conseqüentemente, um retorno à situação anterior de ciência normal;
2. o problema pode ser postergado, por não haver solução plausível para ele com os instrumentos disponíveis aos praticantes do modelo;
3. a crise pode provocar a emergência de um novo candidato a paradigma e a transição de um para outro. (CAMACHO, 1994, p. 20).

Assim, a auto-suficiência do paradigma, o adiamento da solução do problema ou a ascensão de um novo modelo são fenômenos que tendem a ocorrer com freqüência nos estudos científicos e são aceitos como naturais pelos pesquisadores. A Terminologia segue o mesmo princípio de evolução. Percorreu, desde seus primórdios, um *continuum* que vai desde teorias que privilegiavam a normalização terminológica até o enfoque pragmático-comunicativo. Juan Carlos Sager (1998, apud DIAS, 2000) define a Terminologia distinguindo-a em três âmbitos: teoria, prática e produto:

(...) como teoria, a Terminologia é um conjunto de premissas, argumentos e conclusões necessário para explicar o relacionamento entre conceitos e

termos especializados; como prática, é um conjunto de métodos e atividades voltado para a coleta, descrição, processamento e apresentação de termos; como produto, é um conjunto de termos, ou vocabulário, de uma determinada especialidade. (SAGER, 1998, apud DIAS, 2000).

A primeira e segunda acepções que Sager propõe dão lugar à Terminologia enquanto uma “disciplina lingüística consagrada ao estudo científico dos conceitos e termos usados nas línguas de especialidade” (PAVEL; NOLET, 2002, p. xvii). Empregaremos, no âmbito deste trabalho, o termo Terminologia, com *T* maiúsculo, quando nos referirmos à acepção supracitada, e com *t* minúsculo quando nos referirmos ao “conjunto de palavras técnicas pertencentes a uma ciência, a uma arte, a um autor ou a um grupo social” (idem). O termo constitui, portanto, como abordaremos no item 1.4, o principal objeto de estudo da Terminologia.

As línguas de especialidade formam o campo de estudo da Terminologia e são definidas por Lothar Hoffmann (1998) como o “conjunto de todos os recursos lingüísticos utilizados em um âmbito comunicativo – delimitável de acordo com a especialidade – para garantir a compreensão entre os indivíduos que trabalham nesse âmbito” (HOFFMANN, 1998, p. 51)². A língua de especialidade constitui-se de um conjunto de convenções sociais e, por isso, está em constante evolução. Em consequência, as línguas de especialidade comportam a variação lingüística, da mesma maneira que a língua geral.

A Terminografia é o ramo da Terminologia responsável pela elaboração de dicionários (obras terminográficas) de áreas técnicas, científicas e especializadas. Em outras palavras, a Terminografia é a disciplina prática e aplicada da Terminologia e busca nesta os fundamentos teóricos para a realização de seu trabalho. De acordo com Lidia Almeida Barros (2004), “Terminologia e Terminografia se distinguem, *grosso modo*, pelo caráter científico da primeira e pelo caráter tecnológico da segunda” (BARROS, 2004, p. 68).

² Optamos por traduzir as citações extraídas de textos em língua estrangeira para maior fluência da leitura.

1.1. A Teoria Geral da Terminologia

A Terminologia, enquanto disciplina científica, teve início nos anos trinta com Eugen Wüster, fundador da escola de Viena e, anos mais tarde, da Teoria Geral da Terminologia (TGT), que estabeleceu as bases de sustentação da disciplina. A TGT tem como um de seus princípios mais importantes a normalização de conceitos e termos em nível nacional e internacional. Como profissional de Engenharia, Wüster sentia necessidade de normalizar os termos dessa área para garantir a comunicação profissional e a transmissão de conhecimentos precisos entre os especialistas. Por esse motivo, dedicou sua tese de Doutorado à organização e sistematização da terminologia das máquinas-ferramenta. Esse trabalho, defendido em 1935 na Alemanha, tornou-se referência mundial por apresentar um novo modelo de estudo de terminologias de áreas técnico-científicas e de elaboração de dicionários especializados.

Como sua preocupação maior era a normalização terminológica, Wüster foi um dos fundadores do GT-37 da Organização Internacional para a Normalização (ISO), que elabora normas e recomendações sobre Terminologia. A TGT tem como um de seus pilares teóricos o princípio da *univocidade*, segundo o qual um conceito só pode ser designado por um único termo. Assim, a Escola wüsteriana não admite a sinonímia, a polissemia, a homonímia e, portanto, a variação nos domínios de especialidade.

Essa deficiência não rouba os méritos da TGT e, como admite Rodolfo Alpizar-Castillo (2002), a Terminologia “ganhou um lugar entre as modernas disciplinas científicas, e esse é um mérito histórico que ninguém jamais poderá negar à TGT, sob pena de ser tido como ignorante” (ALPÍZAR-CASTILLO, 2002, p. 28). É fato, porém, que passou a ser necessário buscar novos horizontes na pesquisa terminológica, uma vez que, por ser prescritiva e adepta à univocidade, a base teórica original da Terminologia não se mostrou suficiente para uma aplicação voltada ao social, à comunicação efetiva, enfim, a uma

pragmática iminente. Seu modelo não era, portanto, capaz de dar conta de estudos de caráter descritivo.

1.2. Novos horizontes

Propostas inovadoras começaram a surgir. A variação terminológica e o estudo das terminologias do ponto de vista de seu funcionamento social passaram a constituir um novo paradigma na Terminologia. As teorias lingüístico-comunicativas que ascenderam a partir dessa nova perspectiva de estudos terminológicos questionaram a abrangência da TGT de Wüster no que concerne ao real funcionamento, em discurso e no texto, dos termos especializados.

Os teóricos partem, então, para esse tipo de investigação e, no início dos anos setenta, ocorreram as primeiras pesquisas terminológicas quebequenses nesse sentido. Durante algum tempo, esses estudos sobre “aménagement linguistique” apenas engatinharam. Nos anos oitenta, as pesquisas de uma Terminologia que leva em consideração os aspectos sociais que a envolve decolaram, em consequência do desenvolvimento do conceito de “difusão” da comunicação e, sobretudo, do conceito de “implantação” de termos e, em 1981, Jean-Claude Boulanger cunha a denominação *Socioterminologia* pela primeira vez, na apresentação de uma obra de Jean-Claude Corbeil, publicada nos números 7-8 do periódico *Terminogramme* do *Office québécois de la langue française*.

A partir de então, a equipe de Rouen, coordenada por Loius Guespin, deu o “verdadeiro impulso em direção a essa nova corrente”, de acordo com Boulanger (1995, p. 197). “Com seus colaboradores, o lingüista [Guespin] soube dar uma amplitude conceptual real ao significante que eu havia feito circular em 1981” (idem). Nessa época, as práticas da Terminologia tendiam à reforma da marca normalizadora. A escola socioterminológica de Rouen propunha a *normação*, em que o próprio dinamismo da língua é responsável pela

fixação das terminologias de cada meio profissional de forma espontânea, ou seja, é descrita a frequência observada do uso, fenômeno que se opõe à *normalização*, que caracteriza a prescrição de regras para uso de terminologias do paradigma wüsteriano.

Dessa forma, muitos estudos na área começam a surgir, divulgados em artigos, conferências, teses etc. Yves Gambier, em 1986, faz uma importante reflexão sobre o tema em um colóquio em Paris intitulado “A fertilização terminológica nas línguas romanas”. O autor apresenta uma comunicação em cujo título consta a denominação da nova corrente: “Problemas terminológicos das chuvas ácidas: por uma socioterminologia”, publicada em forma de artigo na revista *Méta* em 1987.

Mais tarde, três revistas científicas adotaram temas voltados às orientações sociais da Terminologia: *Cahiers de linguistique sociale*, em 1991, que abordou o tema “Terminologia e sociolingüística”; em 1993, o periódico *Le langage et l'homme*, cujo tema foi “Socioterminologia”; a revista *Méta*, em 1995, que contou com artigos sobre o tema “Usos sociais dos termos: teorias e domínios”. Os lugares de publicação desses periódicos são, conseqüentemente, importantes centros de estudos da Socioterminologia, respectivamente, Rouen (França), Bruxelas (Bélgica) e Montreal (Canadá).

Como esclarece Ieda Maria Alves (1997), a Terminologia torna-se uma Socioterminologia quando acontece a relação que aquela estabelece com a Sociolingüística, partindo do pressuposto de que “um mesmo conceito pode ser expresso por termos que apresentam variações não apenas morfológicas ou gráficas, mas também regionais e socioprofissionais” (ALVES, 1997, p. 91).

A TGT, hegemônica até então, cedeu espaço a novos modelos voltados ao comportamento pragmático e variacionista dos vocabulários especializados. Considerando-se que esses aspectos teóricos são fulcrais ao trabalho que ora desenvolvemos, retomá-los-emos

de modo aprofundado no capítulo 3. *Estudos lingüísticos-sociais*, especialmente em 3.4. *Variação terminológica*.

1.3. A Teoria Comunicativa da Terminologia

Proposta por Maria Teresa Cabré, nos anos noventa, a chamada Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) sustenta-se nos estudos socioterminológicos em voga e, por meio do caráter sociocultural da linguagem,

deseja estabelecer os fundamentos de uma teoria ampla da Terminologia de base comunicativa, concebida sob a perspectiva das ciências da linguagem, mas que integra elementos da teoria do conhecimento e da comunicação. Essa teoria, que denominamos Teoria Comunicativa da Terminologia, requer que, tanto do ponto de vista teórico quanto do metodológico, contemple-se a variação lingüística em toda sua dimensão, assuma-se a condição de adequação dos termos e se integrem os aspectos psicolingüísticos implicados (juntamente com a perspectiva cognitiva) e os elementos sociolingüísticos relacionados (juntamente com a perspectiva social). Sob essas condições, a proposta deve assumir, além disso, que tanto o conhecimento especializado como os textos especializados, bem como as unidades terminológicas podem dar-se em diferentes níveis de especialização e descrever-se em níveis de representação distintos. Só assim os termos podem ser explicados em toda sua realidade comunicativa e representacional. Só assim a terminologia do desejo [da univocidade] passa a ser efetivamente a terminologia da realidade [da variação]. (CABRÉ, 1999, p. 126).

Dessa forma, a TCT enfatiza a dimensão textual e discursiva dos termos e reconhece a possibilidade de variação dos conceitos e das denominações nos domínios de especialidade, abrindo espaço para uma pesquisa terminológica descritiva nos vários níveis da língua.

Considerando a polissemia e a sinonímia como uma realidade, a TCT prevê processos de banalização de unidades terminológicas especializadas (quando estas passam para a língua geral), bem como de terminologização de unidades lexicais da língua geral (quando estas são usadas na línguas de especialidade). Para Cabré, trata-se, portanto, do estudo das terminologias *in vivo*, e não *in vitro*, como considerava o paradigma wüsteriano.

A afirmação de que a Terminologia é a “disciplina que se ocupa dos termos especializados”, para Cabré (1999), apresenta, entretanto, debilidades. A autora defende que a

Terminologia não é apenas um ramo de outra ciência, mas uma *interdisciplina autônoma*, que seleciona elementos das áreas em que trabalha e constrói seu próprio âmbito científico. Dessa forma, apesar de conceber a Terminologia do ponto de vista das ciências da linguagem, Cabré (1999, p. 22-23) não a considera como um ramo da Lingüística e a distancia da Lexicologia, apontando diferenças entre as três tanto na teoria quanto na prática, desde a própria concepção da linguagem até o objeto de estudo e a metodologia, entre outros aspectos.

Sobre esses pontos de vista, podemos afirmar que há uma “crise” nos estudos terminológicos: por um lado, a Terminologia é classificada pela TCT como uma interdisciplina autônoma, distante da Lingüística; por outro lado, a quase totalidade dos cursos de pós-graduação atribui à Terminologia o *status* de sub-área da Lingüística e, sendo uma disciplina, não pode ser autônoma, porque nenhuma disciplina é autônoma. Como veremos no item a seguir, o termo é considerado por alguns autores também um signo lingüístico.

1.4. O termo

O objeto privilegiado de estudo da Terminologia é a unidade terminológica, ou *termo*, que pode ser definido como um vocábulo que designa um conceito especializado dentro de um domínio de especialidade. A maioria dos terminólogos atuais considera o termo como um signo lingüístico das línguas de especialidade; esse signo é uma entidade complexa e pode ser estudado sob diversos ângulos, como “do ponto de vista do significante e do significado, das relações de sentido que mantém com outros termos (sinônimos, homônimos etc), de seu valor sociolingüístico (usos, preferências, conotações, processo de banalização etc) e outros” (BARROS, 2004, p. 40).

Alpízar-Castillo (2002) afirma que o termo é, antes de tudo, um signo e, por isso, “em sua existência real, NÃO pode deixar de participar dos mesmos fenômenos que qualquer outro signo lingüístico” (ALPÍZAR-CASTILLO, 2002, p. 34) e, como tal, está sujeito a

fenômenos como a sinonímia, a polissemia, variações regionais, entre outros fenômenos. Para ele, “é termo um signo usado para a denominação de algum elemento dentro do sistema conceptual de um campo específico de atividade” (idem).

A TCT, por sua vez, considera que o termo é uma unidade constituída de forma e de significado e propõe que ele seja visto como uma *unidade poliédrica*, composta por três elementos, sendo cada um a mínima unidade poliédrica: o *significado* ou *conceito* (aspecto lingüístico), o *nome* ou *denominação* (aspecto cognitivo) e a *coisa* ou *referente* (aspecto social) (CABRÉ, 1999, p. 85).

1.5. Algumas considerações sobre Terminologia

Diante do exposto neste capítulo, consideramos a Terminologia como uma disciplina viva, ativa e em constante evolução e que, por isso, acompanha o ritmo da pós-modernidade e agrega um “sistema de valores (ideológicos, filosóficos, psicológicos)”, como diz Gambier (1991, p. 10). Para esse autor, a aceleração dos processos de divulgação e integração do conhecimento desafia cada vez mais o modo de elaboração e difusão das terminologias. Esse desafio é enfrentado pela Terminologia com a flexibilidade digna de uma ciência em evolução.

Apesar de todo o esforço teórico e metodológico observado no decorrer da história dos estudos terminológicos, acreditamos, junto com Alpízar-Castillo, que, durante todo esse percurso, “nenhum dos vários ‘modelos’ para o trabalho terminológico que podemos enumerar na atualidade é apto por definição para todas as situações possíveis, nenhum responde aos requisitos de todas as sociedades” (ALPÍZAR-CASTILLO, 2002, p. 32). Reconhecemos – assim como o autor – que não é fácil chegar a um modelo com tal capacidade, embora seja importante que haja um:

O imprescindível é dispor de um inventário aberto de concepções gerais provadas pela experiência e que cada qual se sinta com capacidade de adotá-las, enriquecê-las e modificá-las, na medida em que sua aplicação se justifique, sem desconhecer as possíveis alternativas ou inovações para este ou aquele enfoque". (idem).

2. O autor sugere ainda que a Terminologia deva "adotar, em cada situação concreta, os elementos de cada modelo que melhor se apliquem a ela" (idem), situação que julgamos coerente também em nossa pesquisa, ou seja, o reconhecimento de possíveis falhas na aplicação de determinado modelo e de êxito na aplicação de outro, sem se desviar da cientificidade com rigor.

2.1. Questões gerais

Com a evolução dos sistemas de comunicação, as informações devem ser processadas em vários idiomas de forma veloz, quase que instantânea, o que produz cada vez mais uma demanda por dicionários e glossários bilíngües especializados. Terminólogos e tradutores empenham-se em realizar esse trabalho.

Um dos objetivos principais desta pesquisa em nível de Mestrado é a busca dos equivalentes em francês (língua de chegada) de um conjunto de termos em português (língua de partida) pertencentes ao domínio da Dermatologia (parte da nomenclatura do Vocabulário Multilíngüe de Dermatologia). Uma pesquisa dessa natureza, que envolve duas (ou mais) línguas, situa-se no campo da *Terminologia bilíngüe* (AUBERT, 1996) ou *Terminologia comparada* (RONDEAU, 1984).

Robert Dubuc distingue *equivalência* de *correspondência*. Para esse autor, termos de línguas diferentes são equivalentes se “possuem uma identidade completa de sentido e de uso no interior de um mesmo domínio de aplicação” e são correspondentes quando “o termo da LP recobre apenas parcialmente o campo de significação do termo da LC e vice-versa ou, ainda, quando um dos termos se situa em um nível de língua diferente de seu homólogo da outra língua” (DUBUC, 1985, p. 55). No âmbito deste trabalho, empregaremos *equivalência* para nos referirmos ao “processo” ou “fenômeno” de implicação recíproca entre os termos, e *equivalente* para nos referirmos ao termo que é o resultado desse processo³.

³ De acordo com Rodrigues (2000), “a noção de equivalência nos estudos de tradução pressupõe a preservação de conteúdos ou de valores, apesar da mudança de contexto, de espaço e de tempo” (p. 201). Nos estudos terminológicos, entretanto, o termo *equivalência* é bem aceito, no sentido proposto por Dubuc, sem que seja desconsiderado o contexto e a possibilidade de variação da unidade terminológica em LC.

2.2. Terminologia e Tradução

Toda tradução de textos técnicos conduz obrigatoriamente a uma pesquisa terminológica. Na prática tradutória cotidiana, muitos tradutores devem realizar, eles próprios, suas pesquisas terminológicas, devem familiarizar-se com a terminologia do texto de partida antes de se empenhar na tradução e isso só é feito de maneira eficaz se dispuserem de ferramentas terminológicas adequadas e souberem servir-se delas. Os tradutores, dispondo de um acesso simples e rápido a uma terminologia segura, podem aumentar consideravelmente a qualidade de seu trabalho.

De modo geral, todos os dicionários terminológicos bilíngües e multilíngües desempenham papel relevante nesse tipo de atividade, devendo, portanto, ser fonte confiável de pesquisa. Nesse sentido, o Vocabulário Multilíngüe de Dermatologia, enquanto obra terminográfica multilíngüe, constitui um importante instrumento de trabalho para tradutores de textos dessa área do saber e para médicos ou estudantes de Medicina que tenham necessidade de ler textos sobre Dermatologia originalmente escritos em português, francês, inglês, italiano e espanhol.

Terminologia e Tradução são campos distintos, mas trabalham em cooperação. Francis Henrik Aubert (1996) lembra que a relação entre Tradução e Terminologia, não é, contudo, tão simples, direta e unidirecional, uma vez que a Tradução é tão antiga quanto os primeiros contatos entre povos de línguas distintas, enquanto a Terminologia, “entendida como estudo descritivo e sistematizador dos vocábulos das línguas de especialidade, constitui área de estudos relativamente recente e a produção de materiais terminológicos, particularmente em forma bilíngüe, é ainda, em muitos domínios, apenas incipiente” (AUBERT, 1996, p. 14). Mesmo datando de 1996, acreditamos que a afirmação de Aubert se aplique aos dias atuais.

É necessário atentar para o fato de que o princípio básico que norteia a pesquisa terminológica bilíngüe ou multilíngüe é que “fazer terminologia não é fazer tradução”

(CABRÉ, 1993, p. 246). Fazer terminologia, para Cabré, não se resume em traduzir as formas de uma língua para outra baseando-se em algumas denominações pretendidamente equivalentes, mas colher as denominações que os usuários da língua de chegada efetivamente empregam para se referirem a um determinado conceito e, em último caso, propor alternativas de denominação a situações mal resolvidas pelos especialistas do domínio.

2.3. Problemas de equivalência em dicionários bi- e multilíngües

A indicação de equivalentes em uma obra terminográfica bilíngüe ou multilíngüe exige extremo cuidado: não basta que os termos sejam fonética e morfologicamente parecidos em língua de partida (LP) e em língua de chegada (LC), mas é necessário que haja equivalência entre os conceitos, que os termos indicados como equivalentes pertençam ao mesmo nível de língua e apresentem os mesmos usos.

Nem sempre as obras lexicográficas ou terminográficas bi- ou multilíngües apresentam a qualidade necessária para garantir a segurança dos resultados da pesquisa de equivalentes por parte dos tradutores ou dos usuários do dicionário, mesmo em domínios altamente especializados e controlados por normas internacionais. As deficiências podem se dar nos três componentes estruturais dessas obras: macroestrutura (organização estrutural geral do repertório), microestrutura (organização dos dados contidos no verbete) e sistema de remissivas.

Pode ocorrer, por exemplo, que um dicionário bilíngüe atribua, a um termo em LP, apenas um equivalente em LC, mas este pareça não se inserir logicamente no contexto. Ou ainda, um dicionário bilíngüe atribua, para um termo em LP, vários equivalentes em LC, mas o contexto não permita escolher nenhum deles com clareza absoluta (JAMMAL, 1999, p. 229). Nesses casos, é necessário, de acordo com Amal Jammal (1999), recorrer a dicionários monolíngües ou, na falta desses, a manuais ou revistas monolíngües e encontrar

contextos que esclareçam a questão e, em seguida, comparar os campos semânticos dos termos em LP e em LC para se assegurar de sua equivalência.

Outros possíveis problemas dos dicionários bi- ou multilíngües são apresentados por Pierre Lerat (1995, p. 96). O autor afirma que esses dicionários têm *horror ao vazio*, ou seja, quando não encontrado um equivalente, tendem ao preenchimento, às “soluções lexicográficas”, mesmo em detrimento da precisão do equivalente terminológico proposto.

Esse aspecto é de extrema relevância e consideramos que esse “preenchimento” não deva ocorrer, uma vez que os equivalentes apresentados em uma obra terminográfica devem ser os termos efetivamente utilizados no mesmo contexto da língua de chegada pelos especialistas da área. Assim, não existindo, melhor seria indicar tal inexistência.

O VMD não tem horror ao vazio, apesar de, em nossas pesquisas dos equivalentes em francês – assim como na de nossos colegas de equipe nos demais idiomas (italiano, inglês e espanhol) – termos nos deparado com esse tipo de problema. Nesses casos, a equipe do VMD decidiu não preencher lacunas e somente indicar os termos equivalentes efetivamente empregados pelos especialistas dos idiomas-alvo, como demonstraremos no *Quadro de equivalências terminológicas português – francês* (capítulo 6).

O uso de “equivalências relativas” diante da impossibilidade de se encontrar um equivalente de uso real em LC é, a nosso ver, questionável. Consideramos que esse tipo de procedimento acaba sendo o mesmo que “preencher lacunas”, o que pode colocar em risco a confiabilidade da obra terminográfica. Esses equivalentes “relativos” são dubitáveis, na medida em que podem induzir a erros ou a imprecisões. No caso de um dicionário especializado em uma área médica, por exemplo, a falta de precisão pode acarretar consequências danosas.

2.4. Criação de neologismos em dicionários

É importante precisar até que ponto o terminólogo deve recorrer aos neologismos – criação de termos – nas obras terminográficas. Uma das justificativas para a presença de um neologismo é que o terminólogo tenha sido anteriormente orientado e autorizado a introduzi-lo. Pode ocorrer também que um termo acabe de ser criado em LP, fato muito freqüente na área da Informática, por exemplo, e o terminólogo encontre-se obrigado a recorrer ao mesmo fenômeno em LC.

Jean-Claude Corbeil (1999, p. 81) aborda o “dilema” empréstimo / neologismo, protagonizado pelo terminólogo, redator ou tradutor. De acordo com o autor, estes se deparam com a mesma questão: em uma lacuna deixada na LC, o melhor é recorrer a um empréstimo da LP ou criar um neologismo conforme as regras morfológicas da LC? Nesse caso, para Corbeil, as duas opções apresentam vantagens e desvantagens. O autor classifica o empréstimo como a solução mais simples, espontânea e segura, e o neologismo vernáculo como uma solução mais ousada e mais difícil.

Alpizar-Castillo considera um risco a inserção de um neologismo como equivalente em um dicionário para o preenchimento de uma lacuna na LC. Para o autor, na maior parte dos casos esse procedimento não é recomendável e só se deve optar por ele após muitas consultas a especialistas: “a função do dicionário não é criar palavras, mas registrar as existentes com o maior rigor científico possível” (ALPÍZAR-CASTILLO, 1995, p. 103).

Cabe ao terminólogo usar a prudência, como esclarece Barros (2004, p. 249), e não adotar a criação neológica em casos de preenchimento de lacunas de equivalências lingüísticas, uma vez que a obra terminográfica exerce autoridade sobre a comunidade sociocultural e a inclusão de um neologismo como equivalente em um dicionário bi- ou multilíngüe pode levar a crer que o termo exista na LC e seja de uso efetivo pelos especialistas, o que significa induzir em erro. A autora sugere que, quando tal procedimento

for realmente necessário, recorra-se a algum mecanismo que alerte o leitor para o fato de que a unidade terminológica em questão não foi atestada em discurso, constituindo um *neologismo referencial*. Por este, entende-se o neologismo que aparece porque é necessário, ou seja, “porque é preciso cobrir uma lacuna denominativa em um determinado campo de especialidade” (CABRÉ, 1993, p. 447).

2.5. Graus de equivalência

Durante nossa pesquisa sobre o subconjunto terminológico da Dermatologia, percebemos diferenças nas equivalências de termos nos dois idiomas estudados, o português e o francês. Essas diferenças podem ser explicadas pela visão de mundo e interpretação de cada comunidade sociocultural. Segundo Thomas Szende (1996, p. 111-2), essas diferenças ocorrem devido ao recorte que cada língua dá à realidade extralingüística: “longe de serem nomenclaturas distintas, as línguas são, sobretudo, redes de significação que organizam de maneiras diferentes o mundo experimentado”. Essas diferenças se dão também inter-língua. Um exemplo é o caso da Dermatologia que, em inúmeros casos, vive a situação em que autoridades na matéria classificam as doenças de modo diferente e, muito freqüentemente, designam-nas com uma terminologia própria, chegando a criar neologismos. Essa realidade monolíngüe acarreta problemas em pesquisa bi- ou multilíngüe, uma vez que, ao se processar uma pesquisa de equivalentes em outro idioma, essas idiossincrasias de autores não encontrarão exato equivalente lingüístico.

As diferenças de equivalências são estudadas, dentre outros terminólogos, por Robert Dubuc (1985), Helmut Felber (1987) e Alpízar-Castillo (1995) que elaboram, em suas pesquisas, esquemas que demonstram os diversos *graus de equivalência* entre termos de duas línguas em confronto e chegam a resultados semelhantes, os quais passaremos a demonstrar.

Dubuc relata a possibilidade de ocorrência de três situações fundamentais:

- equivalência (total);
- correspondência;
- vazios de equivalência ou correspondência.

Esses três casos podem ser visualizados no esquema abaixo:

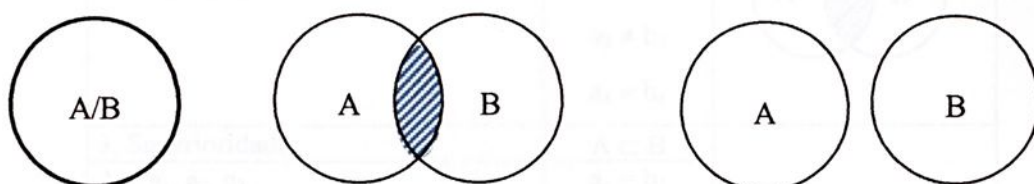


Figura 1: Graus de equivalência segundo Dubuc.

O primeiro conjunto ilustra dois termos *equivalentes*, ou seja, um termo recobre totalmente o campo de significação do outro; o segundo ilustra dois termos *correspondentes*, isto é, um termo recobre parcialmente o campo de significação do outro; o terceiro ilustra dois termos em que não há nenhuma relação de equivalência.

Felber é o único dentre os três autores em questão que inclui, em sua proposta de classificação, o grau de *superioridade*. Entendemos que, por essa razão, o autor acrescentou uma pequena explicação apenas no que concerne a esse grau no quadro cuja configuração é a que segue:



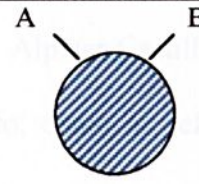
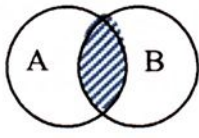
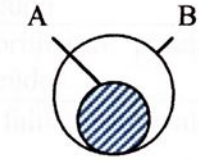
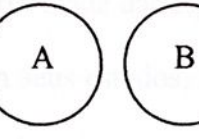
Conceitos A e B	Comparação	Extensão
1. Equivalência exata dos conceitos A = a ₁ , a ₂ , a ₃ ... B = b ₁ , b ₂ , b ₃ ...	A = B a ₁ = b ₁ a ₂ = b ₂ a ₃ = b ₃	
2. Intersecção A = a ₁ , a ₂ , a ₃ , a ₄ ... B = b ₁ , b ₂ , b ₃ , b ₄ ...	A ∩ B a ₁ = b ₁ a ₂ = b ₂ a ₃ ≠ b ₃ a ₄ ≠ b ₄	
3. Superioridade A = a ₁ , a ₂ , a ₃ ... B = b ₁ , b ₂ , b ₃ , b ₄ ... A extensão de A é maior que a de B. A possui, conseqüentemente, menos características.	A ⊂ B a ₁ = b ₁ a ₂ = b ₂ a ₃ = b ₃ b ₄ a ₄ = falta	
4. Não-equivalência dos conceitos A = a ₁ , a ₂ , a ₃ ... B = b ₁ , b ₂ , b ₃ ...	A ≠ B a ₁ ≠ b ₁ a ₂ ≠ b ₂ a ₃ ≠ b ₃	

Figura 2: Graus de equivalência segundo Felber.

No esquema acima, a₁, a₂, a₃ são as características do conceito A, pertencente à LP, e b₁, b₂, b₃ são as características conceito B, pertencente à LC.

Para Alpízar-Castillo (1995), as equivalências entre um termo em LP e outro em LC encontram-se em um “diapásão de probabilidades que vai desde o total recobrimento do conteúdo do termo da LP por um da língua LC até a total falta de equivalências, passando por uma variada gama de recobrimentos parciais” (ALPÍZAR-CASTILLO, 1995, p. 101). Essa observação pode ser ilustrada na seguinte figura:

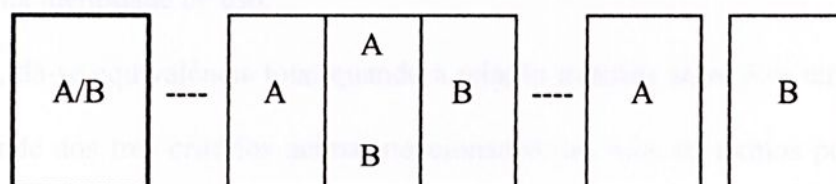


Figura 3: Graus de equivalência segundo Alpízar-Castillo

O primeiro quadro acima representa a situação de total recobrimento do conteúdo do termo da LP por um termo da LC; no segundo quadro, Alpízar-Castillo demonstra o recobrimento parcial do conteúdo, constituindo esse conjunto, como se refere o autor, as “variadas gamas de recobrimentos parciais”; o último quadro configura a total falta de equivalência.

Contrastando os três autores teremos:

Dubuc	Felber	Alpízar-Castillo
equivalentes	equivalência exata dos conceitos	total recobrimento do conteúdo
correspondentes	intersecção superioridade	recobrimento parcial do conteúdo
vazio de equivalência	não-equivalência dos conceitos	total falta de equivalência

O fato de apenas Felber discorrer sobre o grau de superioridade das equivalências não significa que os outros dois autores não tenham verificado, em seus estudos, o referido caso, mas é provável que o tenham incluído na segunda classificação, isto é, “correspondentes” para Dubuc e “recobrimento parcial do conteúdo” para Alpízar-Castillo.

2.5.1. Equivalência total

Com base no acima exposto, podemos depreender que, segundo Dubuc, para identificarmos dois termos como sendo equivalentes “perfeitos” deve-se observar:

- a. se há identidade conceptual entre os termos;
- b. se estes se situam no mesmo nível de língua;
- c. se há identidade de uso.

Assim, dá-se equivalência total quando a relação mantida entre dois termos de línguas diferentes atende aos três critérios acima mencionados, ou seja, os termos possuem mesmo

conteúdo conceptual, pertencem ao mesmo nível de língua e apresentam o mesmo uso por parte dos especialistas nos dois idiomas confrontados.

Em um artigo sobre o assunto, Barros e Silva (2004) demonstram que é possível, em alguns termos do domínio da Dermatologia, ocorrer equivalência total e acreditam que esse fenômeno ocorra “devido, sobretudo, ao fato de a Dermatologia ser uma área de especialidade em que se busca sempre padronizar as formas lingüísticas para que sejam reconhecidas internacionalmente” (BARROS; SILVA, 2004, no prelo). Este tópico, entretanto, é polêmico e muito debatido nos estudos de Terminologia bilíngüe.

2.5.2. Intersecção

Esse é um caso corrente em pesquisas terminológicas bi- e multilíngües, estudado também por Corbeil (1999, p. 79). Um termo da LP apresenta apenas alguns traços semânticos em comum com o termo da LC, ao mesmo tempo que apresentam traços que os tornam distintos um do outro.

Esse fenômeno ocorre com freqüência. Szende (1996), por exemplo, acredita que, com exceção de alguns termos técnicos ou científicos de uso muito restrito a determinado domínio, “a grande maioria dos signos de duas línguas não é equivalente (total); eles podem designar duas realidades múltiplas e geralmente bem diferentes” (SZENDE, 1996 p. 115).

2.5.3. Superioridade

Na *superioridade conceptual*, estudada por Felber, encontra-se, em LC, apenas um termo genérico para designar o conceito que, em LP, é designado por mais de uma unidade terminológica específica ou vice-versa. Nesse sentido, a árvore conceptual do domínio estudado é uma ferramenta de extrema importância no momento de se determinar os termos equivalentes, pois, uma vez que se tem um sistema conceptual estruturado em LP, os

equivalentes apresentam essa organização como referencial. O conteúdo conceptual das unidades lingüísticas dispostas nos diferentes níveis desse sistema segue uma orientação que vai do genérico para o específico, sendo que os hiperônimos possuem uma maior *extensão* semântica, mas uma menor *compreensão*. Essa situação ocorre inversamente com relação aos hipônimos. A questão é explicada da seguinte maneira por John Lyons:

A extensão de um termo concerne a uma classe de entidades às quais se aplica ou refere um termo; sua compreensão é o conjunto dos atributos que caracterizam toda entidade à qual o termo pode ser aplicado. A extensão e a compreensão são inversamente proporcionais uma à outra, no sentido de que quanto maior a extensão de um termo, mais sua compreensão é restrita e vice-versa. (LYONS, 1970, p. 347).

Em outras palavras, quanto mais específico for um termo, mais detalhados serão seus traços conceptuais, e, do contrário, se o termo for mais genérico, terá uma maior extensão, pois englobará vários termos específicos, mas seus traços conceptuais serão mais gerais, por isso apresentará uma menor compreensão.

2.5.4. Não-equivalência

Para boa parte dos terminólogos, tal como dentro de um sistema lingüístico qualquer acontece com a sinonímia, as equivalências absolutas e perfeitas são pouco prováveis entre duas línguas, principalmente se forem considerados os níveis semântico, pragmático e ideológico.

Casos de ausência de equivalentes em língua de chegada são, portanto, muito freqüentes. Alpízar-Castillo (1995) atribui a fatores extralingüísticos os casos em que o conceito não existe em alguma das línguas confrontadas, alegando tratar-se de realidades muito divergentes nas duas línguas, que ocorrem “a partir dos profundos e complexos laços existentes entre estrutura da língua e visão de mundo” (ALPÍZAR-CASTILLO, 1995, p. 57).

2.6. A metodologia da pesquisa terminológica bi- e multilíngüe

O estabelecimento rigoroso de equivalências em LC deve basear-se em trabalhos (documentação) similares aos empregados no estabelecimento da nomenclatura em LP. A busca dos equivalentes não pode prescindir de documentos especializados monolíngües em ambos os idiomas, principalmente no que concerne aos contextos.

É preciso que, antes de o terminólogo concluir que dois termos são equivalentes, proceda a uma análise do conteúdo semântico desses em cada língua. A comparação dos contextos nos quais esses termos se realizam permite a identificação de *ganchos terminológicos*, isto é, de “descritores comuns nos contextos citados em uma ficha terminológica bilíngüe e que atestam a analogia dos conceitos em uma outra língua” (DUBUC, 1985, p. 57). A presença de ganchos terminológicos é, segundo o autor, necessária à plena validade de uma ficha terminológica bilíngüe.

A correspondência formal das unidades terminológicas – principalmente nas línguas neolatinas – não deve ser obrigatoriamente considerada como um gancho terminológico, embora constitua uma pista. Deve-se atentar, principalmente, para o contexto e a identidade (total ou parcial) dos conceitos e usos.

Uma investigação terminológica é totalmente multilíngüe se, para cada língua que abrange, são seguidos todos os passos de uma investigação monolíngüe, ou seja, o trabalho bilíngüe ou multilíngüe consiste em aplicar, para cada língua, o mesmo procedimento que sucintamente consta de: inventário dos recursos terminográficos, busca da documentação apropriada, sistematização de termos em fichas etc. (ALPÍZAR-CASTILLO, 1995, p. 54).

Aplicar a mesma metodologia da pesquisa temática para cada língua em jogo dentro de um projeto leva, no entanto, bastante tempo, o que pode causar certa defasagem quando da publicação do trabalho. Nesse sentido, é importante uma busca de abordagens alternativas, complementares à primeira que, de acordo com Aubert (1996) “gerassem, em tempo mais

curto, bases de dados utilizáveis no contexto bilíngüe. Tal base poderia ser constituída a partir dos materiais lexicográficos já existentes sob forma de dicionários especializados monolíngües ou bilíngües” (AUBERT, 1996, p. 126).

Essa proposta valida a pesquisa de equivalentes em obras lexicográficas ou terminográficas bilíngües ou monolíngües. Assim, a busca de equivalentes em uma LC dar-se-ia tendo como ponto de partida uma nomenclatura preestabelecida. Esse procedimento é o mais adotado nos projetos multilíngües e também é considerado como absolutamente normal por centros especializados em tradução, como o Grupo de Trabalho Terminologia e Documentação, da Conferência dos Serviços de Tradução dos Estados membros da Europa Ocidental – CST, com sede na Suíça. O CST recomenda que os seguintes passos metodológicos na pesquisa multilíngüe sejam adotados:

1. definição precisa dos conceitos na língua de partida, para isso a pesquisa sistemática pura constitui um excelente método;
2. identificar as denominações nas línguas de chegada, apoiando-se em uma documentação original. (CST, 1990, p. 13).

O CST aconselha, portanto, que se estabeleça o já referido sistema conceptual em LP e, a partir deste, proceda-se à busca dos equivalentes em LC, com o auxílio de material originalmente escrito na própria LC. O VMD seguiu esse percurso metodológico, como observaremos de modo detalhado no capítulo 6. *Metodologia*.

3.2. Enfoque funcional

3. Estudos lingüístico-sociais

A Gramática precisa apanhar
pra saber quem é que manda.

Luis Fernando Verissimo

Ao elaborar a dicotomia *língua – fala*, Saussure separa *sistema* e *uso*, *geral* e *particular*. Despreza as condições sociais do uso efetivo e da evolução da língua, centrando-se apenas no estudo interno do sistema lingüístico e adiando para o futuro o trabalho com o principal produto do sistema (a fala). Dessa forma, para o autor, interessa apenas a mudança que afeta o sistema, isto é, a mudança interna; por essa razão, é atribuído à fala um papel secundário.

Willian Labov (1991) encontrou no estudo saussuriano um “curioso paradoxo”: “O aspecto social da linguagem é estudado pela observação do individual, mas o aspecto individual pode ser estudado somente se a linguagem for observada em seu contexto social” (LABOV, 1991, p. 185), ou seja, o uso é uma projeção do sistema lingüístico, por isso a fala deveria ser considerada.

O estudo interno da língua feito por Saussure apresentava essas limitações, porém, como todo trabalho pioneiro, preparou o terreno para pesquisas posteriores. Dessa forma, surgiram propostas que visam privilegiar o estudo da língua integrado com o contexto social e com a realidade de uso pelos falantes, levando em consideração a constante necessidade de adaptação a situações comunicativas reais. Esses trabalhos conduziram à consolidação de novas disciplinas que tentam preencher algumas lacunas deixadas pelo estruturalismo saussuriano, como é o caso da Sociolingüística e, mais recentemente, da Socioterminologia.

3.1. Enfoque funcional

Formalismo e funcionalismo são freqüentemente distinguidos na análise lingüística. Maria Helena Moura Neves (1994) explica sucintamente que, nos estudos conhecidos como formais, a análise da *forma* lingüística parece ser mais valorizada, sendo apenas secundários os aspectos funcionais e, nos estudos de cunho funcionalista, a *função* das formas lingüísticas parece desempenhar um papel predominante. Uma *gramática funcional*, de acordo com Neves, é uma “teoria geral da organização gramatical de línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global de interação social” (NEVES, 1994, p. 112).

Uma pesquisa com enfoque funcional preocupa-se, portanto, com o papel do contexto social na compreensão dos fundamentos das línguas. As características internas à língua são levadas em consideração pelos funcionalistas, mas necessariamente em relação com o uso, principalmente as condições derivadas do processo de interação verbal. Estes visam, portanto, observar as situações reais de uso e as funções da língua como um todo. Simon Dik, um dos idealizadores do funcionalismo, distingue sistema e uso, mas não faz abstração um do outro quando trata cada um deles. Assim, o que interessa são as funções pragmáticas que se projetam sobre o sistema lingüístico e nele são codificadas.

A evolução das pesquisas nesses paradigmas ocorreu, entretanto, em época adequada. Como esclarece Mike Dillinger (1991), não seria possível, em épocas anteriores, estudar o significado e o uso de formas lingüísticas em atos comunicativos dentro da Lingüística, pois tal fato feriria alguns princípios da filosofia da ciência vigente: estudos de fenômenos como “conceitos” e “significados” seriam inobserváveis; o princípio da autonomia das ciências seria violado, já que seriam considerados aspectos psicológicos e sociológicos na Lingüística. “Se a Lingüística incluísse o estudo do significado e do uso social, simplesmente perderia seu status de ciência” (DILLINGER, 1991, p. 398).

De acordo com Maria Teresa Turell (1995), um planejamento lingüístico marcadamente social implica um enfoque funcional da língua. Nesse sentido, Turell faz uma crítica ao Gerativismo, afirmando que, se há um efeito social,

isso quer dizer que se deixa de lado o conceito que tem marcado a análise lingüística nas últimas décadas – o idioleto, ou variedade individual relacionada à competência lingüística (gramatical) de um falante ideal em uma comunidade homogênea – para passar ao conceito de comunidade de fala, na qual os falantes refletem não só a competência gramatical mas também a participação em um conjunto de normas de uso lingüístico compatíveis e, portanto, a competência comunicativa, que inclui, a partir da competência lingüística, a competência sociolingüística, discursiva e estratégica. (TURELL, 1995, p. 17).

Esse enfoque funcional permite, dessa forma, um ângulo de visão mais aberto nas pesquisas lingüísticas e, conseqüentemente, nas pesquisas terminológicas, porque engloba um contexto extralingüístico e social.

3.2. Sociolingüística

Cada grupo social apresenta comportamentos lingüísticos distintos, o que torna necessária – e rica – a investigação científica dos aspectos sociais da linguagem. De fato, a Sociolingüística parte do pressuposto de que as diferenças de uso da língua são influenciadas por fatores estruturais e externos, ou seja, considera a importância social da linguagem desde os pequenos grupos socioculturais até as comunidades maiores.

Camacho (2001, p. 49) delimita algumas áreas que “se abrigam sob o rótulo Sociolingüística”: a Sociologia da Linguagem, a Etnografia da Comunicação e a Sociolingüística Variacionista, a qual denomina simplesmente Sociolingüística. Para essa disciplina, a relação entre língua e sociedade não é um mero recurso interdisciplinar, mas indispensável:

Como a linguagem é, em última análise, um fenômeno social, fica claro, para um sociolingüista, que é necessário recorrer às variações derivadas do

contexto social para encontrar respostas para os problemas que emergem da variação inerente ao sistema lingüístico. (CAMACHO, 2001, p. 50).

Para Médéric Gasquet-Cyrus (2002) pode haver dúvida quando da delimitação dos objetos de investigação da Sociolingüística. Estes poderiam ser a variação, a variação *social*, a mudança, os contatos lingüísticos etc. Para sanar essa dúvida deve-se, de acordo com o autor, admitir simplesmente que a Sociolingüística, que tem como premissa que toda prática lingüística existe somente no contexto social, “encarrega-se da análise de todas as facetas da heterogeneidade lingüística” (GASQUET-CYRUS, 2002, p. 67). Na opinião do autor, as pesquisas atuais não alcançam ainda a vastidão dos domínios da Sociolingüística.

3.2.2. Variação lingüística

Para observar como o sistema lingüístico é capaz de agir, a Sociolingüística se lança sobre a *variação lingüística*, que é entendida como um fenômeno geral e universal que está presente em todas as línguas naturais e é passível de ser descrita e analisada cientificamente.

Para Cabré (1996), são três os tipos de variação que, em termos gerais, aparecem mais explicitamente na linguagem:

- a. a variação entre línguas, que inclui a análise da tipologia lingüística;
- b. a variação em uma mesma língua, basicamente as mudanças históricas, que se traduzem no tema da evolução das línguas, incluído o aparecimento e desaparecimento de línguas vivas;
- c. a variação grupal ou individual dentro de uma mesma comunidade lingüística, fundamentalmente ligada seja às características dos falantes, seja às situações de comunicação. (CABRÉ, 1996).

Podemos denominar as variações acima, respectivamente, de variação interlínguas, variação histórica e variação social. Além desses três tipos, adicionamos um quarto item, a variação geográfica que, de acordo com Jacques Maurais (1984), é objeto de estudo da Geografia lingüística e da Dialectologia, disciplinas que se encarregam de descrever a variação lingüística no espaço.

Fernando Tarallo (1985) “luta” pela sistematização da heterogeneidade – que ele nomeia “caos” – lingüística. Segundo o autor, “mudança é variação”. Ele apresenta essa questão da seguinte forma: “Nem tudo o que varia sofre mudança; toda mudança lingüística, no entanto, pressupõe variação. Variação, portanto, não implica mudança; mudança, sim, implica variação” (TARALLO, 1985, p. 63).

De acordo com Maria Cecília Mollica (2003, p. 10), a variação lingüística pressupõe a existência de formas lingüísticas alternativas denominadas *variantes*. A autora explica que

estas podem permanecer estáveis nos sistemas (as mesmas formas continuam se alternando) durante um período curto de tempo ou até por séculos, ou podem sofrer mudança, quando uma das formas desaparece. Cabe à Sociolingüística investigar o grau de estabilidade ou mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos lingüísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático. Assim, compreende-se que a variação e a mudança são contextualizadas, constituindo o conjunto de parâmetros um complexo estruturado de origens e níveis diversos. (MOLLICA, 2003, p. 11).

Considerar e estudar a variação na fala e na escrita foi um importante passo dado pela pesquisa lingüística. O ângulo de visão dos teóricos no que concerne a esse objeto de estudo alterou-se, como explica Louis-Jean Calvet (2003): “o papel determinante da variação [...] nos mostra que *o periférico é o centro* e que por trás dessa afirmação encontra-se toda uma outra concepção de ‘língua’ que implica uma outra Lingüística” (CALVET, 2003, p. 8, grifos do autor).

3.2.3. A variação nos níveis de língua

A variação lingüística pode ser de natureza fonológica, morfológica, lexical, sintática, discursiva, entre outras. Mas é no léxico – geral ou especializado – que essa variação pode ser mais intensamente notada, e esse nível de análise proporciona às disciplinas lingüísticas de cunho social uma ampla área de investigação. Existe variação lexical quando a mesma

realidade é designada por vocábulos diferentes, ou seja, ao lado do termo, ou de sua forma privilegiada, há certo número de variantes.

O estudo da variação lingüística pode se dar tanto no nível da língua geral, tratado pela Sociolingüística, como no nível das línguas de especialidade, sobre o qual discorreremos a seguir.

3.3. Socioterminologia

3.3.1. Definição e objeto de estudo

A variação que se dá nos domínios de especialidade é estudada pela Socioterminologia. Segundo Barros (2004, p. 69), essa disciplina surgiu em um processo de amadurecimento nutrido pela realidade observada nos estudos terminológicos descritivos, formalizou-se com François Gaudin (1993) e contou com colaborações de Yves Gambier (1993) e Jean-Claude Boulanger (1995), entre outros. Jean-Claude Corbeil define-a da seguinte forma:

Uma tendência recente, designada com o termo de Socioterminologia, propõe-se a considerar as diversas camadas de termos que gravitam ao redor de um termo padrão e situá-los com relação a este de acordo com as circunstâncias de comunicação e os grupos de usuários. Essa maneira de proceder teria a vantagem de fazer coabitar harmoniosamente diferentes termos para um mesmo conceito, evitando o ostracismo da exclusão. (CORBEIL, 1999, p. 77).

Isidor Mari Mayans (1996) declara que, para a compreensão “correta e completa” da Terminologia como prática, como atividade contínua e dinâmica de cada especialidade, “é indubitável que a dimensão social da terminologia se faça totalmente imprescindível” (MAYANS, 1996).

A Socioterminologia ocupa-se, dessa forma, do estudo dos termos sob uma perspectiva lingüística e se fundamenta na análise das condições sociais e lingüísticas de circulação dos termos. Como explica François Gaudin (1993, p. 296), ao assumir o aspecto sociolingüístico, a Terminologia deixa de ter apenas uma preocupação metodológica e passa a se preocupar efetivamente com aspectos pragmáticos, com as relações entre poder lingüístico e econômico, rivalidades entre locutores coletivos, níveis de língua etc. A Socioterminologia é fruto de uma visão mais flexível da sociedade e da comunidade e conduz os especialistas em Terminologia a esse novo percurso.

De fato, François Gaudin, em sua tese de Doutorado, critica a política normalizadora conferida ao manejo internacional da terminologia. Nesse sentido, diz:

Sobre esse ponto, tentaremos mostrar como, no mesmo movimento que conduziu a lingüística estrutural à Sociolingüística, uma Socioterminologia pode levar em conta o real do funcionamento da linguagem e restituir toda sua dimensão social às práticas lingüísticas concernidas. (GAUDIN, 1993a, p. 16).

Yves Gambier também contribui para os estudos de uma Terminologia social. Em um artigo publicado na revista *Méta*, em 1991, o autor declara que a Terminologia enfrentava uma crise de crescimento, de identidade, de autoridade, de métodos. Para ele, tais crises não poderiam ser analisadas da mesma maneira e não chegariam a conclusões idênticas. Para tanto, “a dimensão social é não somente um componente dos tecnoletos, mas deveria ser também parte integrante da teoria terminológica” (GAMBIER, 1991, p. 8).

Para Boulanger, a contribuição do grupo de Rouen para os estudos terminológicos foi de lembrar que toda terminologia nasce do social e que para lá ela deve retornar. Por essa razão, Boulanger se pergunta: “Socioterminologia: mãe ou filha?” (1995, p. 196). O autor levanta alguns temas a serem explorados por essa corrente lingüística que observa a “recorrência ao real”, isto é, o uso efetivo e cotidiano da língua:

- as práticas lingüísticas não partilhadas entre a língua geral e as línguas de especialidade;
- o estabelecimento de distinções mais sutis entre as ciências e as técnicas, pois até aqui se fala quase que exclusivamente das línguas de especialidade recorrendo ao sintagma plural, nivelador e incômodo, ou seja, sem individualizar nem contrastar as disciplinas;
- a valorização da comunicação científica e técnica;
- reavivar a descrição em vez de privilegiar somente a prescrição, sobretudo no dicionário, quando a terminologia é imobilizada e esclerosada, ao contrário do meio natural onde ela está viva e se encontra em constante metamorfose. (BOULANGER, 1995, p. 197).

O autor propõe que se reveja, portanto, as relações existentes entre a língua geral e as línguas de especialidade, que se estude os âmbitos científicos e tecnológicos de modo distinto e aprofundado, valorizando o enfoque descritivo – comunicativo.

Muitos estudos na área afloraram a partir de então. No Brasil, Enilde Faulstich (1997) propõe que a Socioterminologia não seja considerada como apenas um estudo analítico aplicado, mas que se dê sobre fundamentos teóricos e metodológicos de tratamento da variação em Terminologia. Para a autora, “as variantes terminológicas asseguram à Socioterminologia uma das suas principais tarefas, quando exige dessa disciplina aplicação lingüística ao fenômeno da variação” (1997, p. 141). De fato, essa disciplina é encarregada de sistematizar o produto da variação, ou seja, as variantes, analisando a diversidade de termos que ocorrem, segundo Faulstich, nos planos vertical, horizontal e temporal da língua.

3.3.2. Socioterminologia X Sociolingüística

Cabe ressaltar que Sociolingüística e Socioterminologia são disciplinas que se comunicam e se auxiliam, como explica Enilde Faulstich (1995):

como disciplina descritiva, a Socioterminologia estuda o termo sob a perspectiva lingüística na interação social; assim sendo, a pesquisa socioterminológica deve ter como auxiliar os princípios da Sociolingüística, tais como os critérios de variação lingüística dos termos no meio social e a perspectiva de mudança. (FAULSTICH, 1995).

Faulstich (1997) esclarece que, entretanto, uma não é o mesmo que a outra. A Sociolingüística trata da “variação social por que passa a língua geral, no decorrer de sua sincronia, em vista da mudança que poderá ocorrer”; a Socioterminologia, por sua vez, “ocupa-se da variação por que passa o termo nos diversos níveis e planos hierárquicos do discurso científico e técnico” (p. 144). O conceito de variação lingüística, desenvolvido pela Sociolingüística, serve, portanto, de suporte para os estudos da Socioterminologia, que analisa a variação terminológica.

Nesse sentido, Gambier (1991) enumera três aspectos nos quais a dimensão sociolingüística fecunda a Terminologia:

1. no próprio trabalho terminológico;
2. na terminologia de visão normalizadora (visão reducionista dos usos);
3. na terminologia que nasce da observação das práticas lingüísticas, antes de toda intervenção controlada. (GAMBIER, 1991, p. 9).

De forma semelhante, Pierre Auger (2001, p. 193) aponta cinco princípios sociolingüísticos que modificam “de maneira substancial” a pesquisa terminológica:

Princípios	Corolário socioterminológico
1. Apesar de uma tendência à monorreferencialidade, as línguas de especialidade estão sujeitas à variação [...].	[...] é ilusório querer impor (implantar) terminologias únicas de tipo padrão.
2. Descrever o léxico de uma língua de especialidade é obrigatoriamente considerar a descrição dessa grande variação dos meios de expressão que possui uma língua.	[...] os fenômenos da sinonímia e polissemia são realidades com as quais o terminólogo deve trabalhar metodologicamente [...].
3. É junto aos usuários de uma língua de especialidade que o terminólogo deve pesquisar os diferentes usos terminológicos com vistas a efetuar a escolha de termos necessários a um trabalho terminológico representativo e eficiente.	[...] Somente uma terminografia baseada na exploração de <i>corpora</i> especializados pode dar conta lingüisticamente dessa variação.
4. O inventário da variação terminológica em uma língua de especialidade deve se fundar em uma observação sistemática dos sinônimos e das polissemias efetivamente utilizados nos textos.	Tudo trabalho terminográfico para ser válido deve obrigatoriamente consignar todos os termos efetivamente utilizados para denominar um conceito.
5. Um trabalho terminográfico válido não pode propor um novo uso monossêmico, único [...], e desconsiderar os diferentes usos reais de uma língua de especialidade.	é nos textos disponíveis que se encontram os termos em uso para determinada língua de especialidade.

Desse modo, é muito freqüente que a comunicação entre indivíduos de uma comunidade, em sua diversidade social, lingüística e geográfica, gere termos diferentes para um mesmo conceito (sinonímia) ou mais de um conceito para o mesmo termo (polissemia). Assim, a Socioterminologia é uma disciplina que se preocupa com a identificação e com a categorização dessa(s) variante(s) em diferentes tipos de situação de uso da língua, considerando os critérios de variação terminológica no meio social e situacional ou mesmo a freqüência de uso, se for este o método escolhido pelo especialista. É um estudo que dispõe de métodos de análise e de descrição do termo, segundo as características de variação dentro do contexto social e lingüístico no qual ele ocorre.

3.3.3. Algumas considerações sobre a Socioterminologia

A integração da Terminologia com o social abandonou a ilusão do “princípio da univocidade”, o que proporcionou à disciplina uma perspectiva mais inovadora e, portanto, menos tradicional. Como mencionamos no primeiro capítulo, para o teórico Wüster, o termo era denotativo e distanciava-se das relações sinonímicas ou polissêmicas. Dessa forma, era praticamente impossível para a Terminologia “tradicional” considerar as variantes socioprofissionais, regionais, morfológicas, gráficas ou fonéticas. A variação era, em outras palavras, um elemento que “atrapalhava” a precisão dos conceitos.

Os estudos descritivos das terminologias dos diferentes domínios especializados, no entanto, levaram os teóricos da Terminologia a colocar em xeque essa posição assertiva de Wüster e seus seguidores, uma vez que descontextualizar a língua do meio social limitava extremamente a condição do objeto lingüístico.

Aplicando-se esses princípios à Lexicografia e à Terminografia, Maria da Graça Krieger (2000, p. 226) acredita que, ao refletir sobre as relações entre teoria e prática no atendimento de necessidades sociais, as obras terminográficas podem evitar o “apagamento

das variações que os léxicos terminológicos também comportam na diversidade de seus contextos de ocorrência”. Essas obras, de acordo com a autora, são capazes de atender efetivamente às necessidades informativas sobre a linguagem que constrói o universo das ciências e das técnicas.

À luz dos conhecimentos de que a linguagem é dinâmica e aberta às variações que ocorrem em seu uso efetivo, Mayans (1996) acredita que seria um “erro fatal” se os lingüistas se distanciassem desse marco real, uma vez que sua atividade “não só reclama a compreensão da dinâmica sociolingüística das linguagens, mas também exige uma consciência muito clara dos processos sociais de construção dos conhecimentos especializados” (MAYANS, 1996).

Dessa forma, com a Socioterminologia, ocorreu uma revisão dos postulados do trabalho terminológico. Gaudin (1993, p. 296) explica que essa disciplina científica “supõe que se integre a variação, essencial em todas as interações, e totalmente ausente dos vocabulários profissionais”. Portanto, de acordo com o autor, em vez de combater a variação, minorizando-a, seria mais conveniente compreendê-la e estudá-la.

A variação lingüística, sobretudo lexical, foi reconhecida, segundo Auger (2001, p. 186), “como componente ‘normal’ dos discursos das línguas de especialidade”, o que deve ser o fundamento dos trabalhos dos terminólogos. A variação terminológica é um dos focos privilegiado deste trabalho. Nesse sentido, discorreremos de modo mais detalhado no capítulo que segue.

3.4. Variação terminológica

3.4.1. Princípios gerais

No capítulo 3.2. *Sociolingüística*, vimos que a variação lingüística é o principal objeto de estudo dessa disciplina. A heterogeneidade proveniente dessa variação não deturpa a língua; ao contrário, alimenta-a. Nas palavras de Gaudin, “a diferença lingüística e cultural é fator de diversidade e, portanto, de enriquecimento, e garante uma criatividade científica redobrada” (GAUDIN, 1993a, p. 134).

Assim como as unidades lexicais da língua geral, os termos das áreas de especialidade estão sujeitos à variação, quer no tempo, quer no espaço, quer na sociedade, uma vez que as línguas de especialidade são um subconjunto da língua geral. A Ciência produz termos que denominam idéias aprofundadas e complexas ao conhecimento popular. Este, conseqüentemente, está mais aberto à utilização das variantes terminológicas que orbitam tais termos de difícil assimilação. De fato, como afirma Aubert (1996a, p. 11), “a comunidade de usuários das linguagens de especialidade, tanto quanto a comunidade e a língua em geral, não constitui um todo uniforme, mas se subdivide em grupos variados, com necessidades, pressupostos e motivações também variados”. Por isso, é inevitável que “as diferenças de ordem sociocultural, aliadas àquelas vinculadas ao ponto de vista e à motivação, venham a gerar usos lingüísticos distintos, introduzindo, desse modo, a variação terminológica” (idem).

Desse modo, notamos que, como enfatiza Cabré (1996), a observação do uso real que os especialistas dos domínios técnicos e científicos fazem dos termos “revela que um conceito pode ser expresso (e de fato quase sempre o é) por várias denominações, que variam em função dos parâmetros dialetais, comunicativos e estilísticos que, em menor grau que na comunicação geral, rege também a comunicação especializada”.

Os termos variam de acordo com os níveis de língua e são influenciados pelas situações de comunicação. Assim é o *Princípio da Variação* estabelecido por Cabré:

Este princípio é universal para as unidades terminológicas, apesar de admitir diferentes graus segundo as condições da situação comunicativa. O grau máximo de variação da terminologia seria composto pelos termos das áreas mais banalizadas do saber e os que seriam utilizados no discurso de registro comunicativo de divulgação da ciência e da técnica; o grau mínimo da variação seria próprio da terminologia normalizada por comissões de especialistas; o grau intermediário, a terminologia usada na comunicação natural entre especialistas. (CABRÉ, 1999, p. 85).

Graficamente, podemos representar as colocações de Cabré como segue:

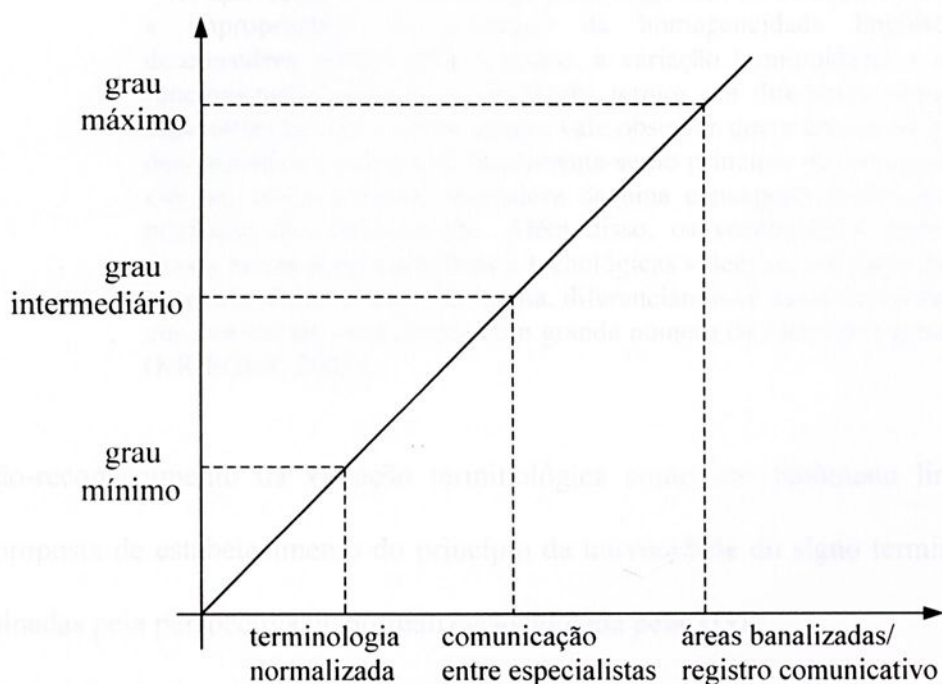


Figura 4: Demonstração gráfica do *Princípio da Variação*

Na figura acima, o eixo vertical representa os graus de variação e o eixo horizontal representa as unidades terminológica nas diferentes condições de situação comunicativa.

A inclusão das variantes lexicais em um dicionário especializado é importante para todos os usuários, sejam esses especialistas, leigos, tradutores ou outros, pois, assim, encontram mais opções de entradas e podem escolher o termo mais adequado à sua necessidade. Com o avanço da pesquisa terminológica, cada vez mais ampliada no quadro da

Terminologia moderna, as concepções mais puristas estão sendo, dessa forma, superadas, como veremos no item a seguir.

3.4.2. Terminologia tradicional e variação terminológica

No momento em que a variação terminológica se fez presente nos textos especializados, a rigidez com que a TGT tratava tais textos passou a ser questionada. Krieger (2001) estabelece uma relação entre os estudos da variação emergentes e a univocidade lingüística que era proposta pela Terminologia tradicional:

As aplicações e os estudos da terminologia têm efetivamente demonstrado a impropriedade do princípio da homogeneidade lingüística que desconsidera, entre outros aspectos, a variação terminológica e o próprio funcionamento sinonímico de alguns termos em diferentes comunicações especializadas. Ao mesmo tempo, vale observar que a crença na invariança denominativa e conceitual fundamenta-se no princípio da universalidade da ciência, sendo também reveladora de uma concepção positivista sobre a produção do conhecimento. Além disso, os vocabulários especializados dessas novas áreas científicas e tecnológicas valem-se, em larga medida, do chamado léxico comum da língua, diferenciando-se das ciências fundadoras que instituíram seus termos com grande número de formantes greco-latinos. (KRIEGER, 2001).

O não-reconhecimento da variação terminológica como um fenômeno lingüístico natural e a proposta de estabelecimento do princípio da univocidade do signo terminológico eram determinadas pela perspectiva de normalização adotada pela TGT.

É necessário distinguir essa *normalização*, proveniente da escola wüsteriana, do fenômeno da *harmonização*. De acordo com Pavel e Nolet (2001, p. 137), harmonização terminológica é o “processo realizado por uma empresa, órgão ou outra entidade administrativa com o objetivo de consagrar determinados usos terminológicos”, ou seja, trata-se apenas da recomendação do uso de um termo em determinada situação formal. Esta é muito necessária, por exemplo, na área da Medicina. Normalização, por sua vez, é a “seleção, validação e difusão de um ou mais termos por uma entidade de normalização reconhecida,

com o objetivo de recomendar ou desaconselhar o uso de um termo em uma determinada comunidade” (2001, p. 140), de caráter mais prescritivo.

Boulanger (1995) afirma que, com a idéia de univocidade, buscava-se retirar do termo seu direito à variação, com relação aos aspectos semânticos e formais, além de não reconhecer a polissemia como natural e nem a sinonímia como pertinente:

Esse reducionismo lexical era buscado: é evidente que o esforço pela “univocidade” tinha como objetivo acabar com a multiplicidade das situações e das variações de comunicação a uma situação singularizada e simplificada ao máximo. (BOULANGER, 1995, p. 196).

Louis-Jean Rousseau (1996) concebe a variação terminológica como um fenômeno natural que o terminólogo deve levar em conta. Entretanto, acredita que haja ainda muito trabalho aos pesquisadores dos diversos tipos de discursos especializados, das diferentes circunstâncias de comunicação, assunto ainda insuficientemente explorado na opinião do autor. Rousseau esclarece que, embora os estudos lingüístico-sociais estejam em alta, os estudos nesse campo ainda não são suficientes, e considera que “a pesquisa universitária aborda a questão apenas do ponto de vista teórico e os sociolingüistas que trabalham com pesquisas de campo não estão ainda debruçados sobre esse tema de maneira aprofundada”. Dessa forma, os verdadeiros estudos de campo desses fenômenos são, para o autor, “práticas inexistentes” (ROUSSEAU, 1996, p. 25).

Considerando os quase dez anos que se passaram desde que Rousseau escreveu as afirmações supracitadas, acreditamos que as aspirações do autor estão sendo atualmente atingidas. Há necessidade de avanço, mas as pesquisas já estão mais aprofundadas e a tendência cada vez mais aparente é o estudo da língua em sua interação com a sociedade.

3.4.3. Variação e sinonímia

Entendemos ser importante estabelecer uma distinção entre *variante* e *sinônimo*.

Rousseau (1996) aborda o tema, esclarecendo que as variações terminológicas

vão bem além do fenômeno mais conhecido da sinonímia. Com efeito, se, como é admitido geralmente em Terminologia, os sinônimos são termos intercambiáveis em um mesmo domínio e nas mesmas circunstâncias de comunicação, não se pode aplicar ao fenômeno da variação a mesma grade de análise que no caso da sinonímia. Resta encontrar uma metodologia da variação terminológica, tanto para sua descrição quanto para seu tratamento em contexto de organização. (ROUSSEAU, 1996, p. 26).

Notamos, nas palavras de Rousseau que, mesmo havendo distância entre sinonímia e variação, é incipiente a metodologia de estudos variacionistas em Terminologia para que essa distinção possa tornar-se mais categórica.

Faulstich (1997) distingue sinônimo de variante, estabelecendo entre os dois fenômenos uma relação de *concorrência* e *coocorrência*. Para essa autora, na descrição de terminologias, duas formas que denominam a mesma referência e que, por conseguinte, possuem a mesma definição, tendem a ser, muitas vezes, classificadas como sinônimos.

No entanto, um *sinônimo terminológico* é uma entidade de *coocorrência* contextual, enquanto que uma *variante terminológica* é, a nosso ver, uma forma *concorrente*, lingüística ou exclusiva de registro, que corresponde a uma das alternativas de denominação para um mesmo referente num contexto determinado. (FAULSTICH, 1997, p. 144).

Entendemos que, para a autora, quando em relação de sinonímia, os termos tendem a ser intercambiáveis no mesmo contexto; as variantes, por sua vez, tendem a concorrer entre si, sendo utilizadas de acordo com a preferência ou outros critérios, em contextos diferentes. Julgamos, entretanto, que não é conveniente estabelecer esta correlação sinônimo-coocorrente e variante-concorrente de forma precisa. A nosso ver, a sinonímia é o fenômeno no qual há vários termos para um mesmo conceito (em oposição à polissemia) e, a partir daí, a variação ocorre de acordo com o nível de língua.

Para Auger (2001, p. 204), a variação no nível do significante provoca a sinonímia, enquanto que no nível do significado a variação provoca a polissemia.

3.4.4. Propostas de classificação da variação terminológica

As variantes lingüísticas podem ser dipostas em níveis de acordo com critérios formais (estrutura das unidades) ou discursivos (aspectos extralingüísticos). Em Terminologia, alguns autores tratam a classificação das variantes nas línguas de especialidade, levantando propostas de categorias nas quais se enquadrariam tais variantes, como veremos nos itens que seguem.

3.4.4.1. Alain Rey

Alain Rey (1992, apud AUGER, 2001) propõe uma hierarquização das terminologias que vai do mais abstrato ao mais concreto e que, segundo Auger (2001, p. 187), “permite medir a ‘tolerância’ à variação”. Rey propõe a seguinte classificação hierárquica:

Tipologia	Característica	Exemplo
a. Nomenclaturas científicas	oriundas de classificações sistêmicas; admitem uma sinonímia bem controlada.	<i>l</i> para litro, <i>Ag</i> para prata
b. Terminologias científicas	oriundas da teorização de conceitos e sua organização nas ciências; admitem uma sinonímia relativa que se exprime por uma variação inter-teórica.	Terminologia da Física
c. Terminologias técnicas	oriundas da elaboração de novas tecnologias; admitem sinônimos totais, mas são o alvo predileto dos normalizadores.	Terminologia hidráulica (encanamento)
d. Terminologias de jargões profissionais	oriundas de grupos socioprofissionais e limitadas a esses grupos (próximas aos idioletos); são, por natureza, permeáveis à variação.	<i>neo</i> (neoplasia, tumor maligno em Medicina)
e. Terminologias publicitárias	oriundas da democratização da tecnologia e dos imperativos do consumo; admitem uma multiplicidade de designações.	<i>a boa, a nova</i> (cervejas)

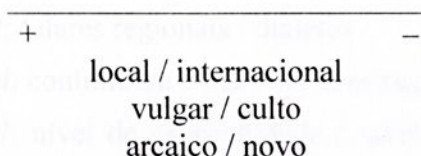
A terminologia estudada no presente trabalho (Dermatologia) enquadra-se no item *b* da proposta de Rey. Como demonstra o autor, as terminologias científicas constituem o segundo nível “menos atingido” pelo fenômeno da variação. Esta, entretanto, não deixa de ocorrer.

3.4.4.2. Maria Teresa Cabré

Embora o léxico seja o lugar privilegiado da manifestação mais visível da variação, Cabré (1996) lembra que nem todos os tipos de variação existentes na língua atingem o léxico. No que concerne a esse nível de análise lingüística, para a autora, as variantes mais usuais produzidas em cada um dos “parâmetros de variação” (dialetais, comunicativos e estilísticos) são:

- a. do ponto de vista dos dialetos geográficos encontramos no léxico variantes como: *localismos*, *comarcalismos*, *regionalismos*, *internacionalismos* etc.
- b. do ponto de vista dos dialetos sociais: *cultismos*, *popularismos*, *vulgarismos*, *léxico infantil*, *gíria* etc.
- c. do ponto de vista dos dialetos temporais: *arcaísmos*, *neologismos* etc (CABRÉ, 1996).

Nos três casos, as variantes podem ser descritas, segundo Cabré, em um eixo de gradação situado entre os pólos + e - :



Segundo a autora, essa classificação aplica-se ao léxico da língua geral. Quanto aos termos das línguas de especialidade, que a autora denomina tecnoletos léxicos, esse tipo de variação coincidiria apenas parcialmente com a variação da língua geral. O eixo proposto nesse caso deve considerar também “o grau de especialização ou o nível de abstração em relação ao léxico comum”: + - geral / especializado.

3.4.4.3. Louis-Jean Rousseau

Rousseau (1996, p. 25) enumera três categorias de variação que julga principais e que considera que o trabalho terminológico deva levar em conta na descrição dos usos:

- variação *geográfica* ou *topoletal*, que depende notadamente da pluralidade dos lugares de criação terminológica; dá lugar a tradições terminológicas diferentes; também é consequência da elaboração de terminologias isoladas, sem que os criadores se comuniquem. Nos casos extremos, poder-se-ia falar em babelização terminológica.
- variação *sociotecnoletal*, que corresponde a diferentes níveis de tecnicidade, de “literaridade” profissionais, estratos de comunicação em um determinado meio. No exame desse tipo de variação seria necessário distinguir o conhecimento passivo do uso real dos termos, dar conta do oral e do escrito, seria necessário estudar os fenômenos de alternância de código terminológico e outros, tais como gírias profissionais, a fim de se verificar como funciona a comunicação real em determinado meio profissional.
- variação *técnico-comercial*, que surge geralmente do marketing de empresas que escolhem deliberadamente denominações diferentes para produtos a fim de os particularizar, com objetivo estritamente comercial.

3.4.4.4. Pierre Auger

Ao abordar as formas da variação nos discursos de especialidade, Auger (2001, p. 205) enfatiza que os autores geralmente citam o espaço, o tempo, a situação comunicativa, a estratificação sociolingüística e o meio socioprofissional. O autor propõe, então, a seguinte classificação:

- Variação *regioletal*: falares regionais / dialetos
- Variação *cronoletal*: continuum e história: construção dos saberes
- Variação *socioletal*: nível de especialidade / nível de língua (registros: familiar, culto, formal) / nível estilístico
- Variação *idioletal*: do indivíduo; por natureza, escapa ao controle, infinita, interesse limitado

3.4.4.5. Enilde Faulstich

Faulstich (1997, p. 145) estuda as tendências da variação terminológica no português do Brasil e propõe um modelo de classificação das variantes. A autora afirma que, em Terminologia, as variantes comportam-se como variáveis dependentes, dentro de um processo

de variação em que dois termos (X e Y) mantêm relação de concorrência. Para Faulstich, os fenômenos variáveis ocorrem no sistema interno da língua na qual estão redigidos os textos de especialidade. A autora divide as variantes terminológicas em duas classes:

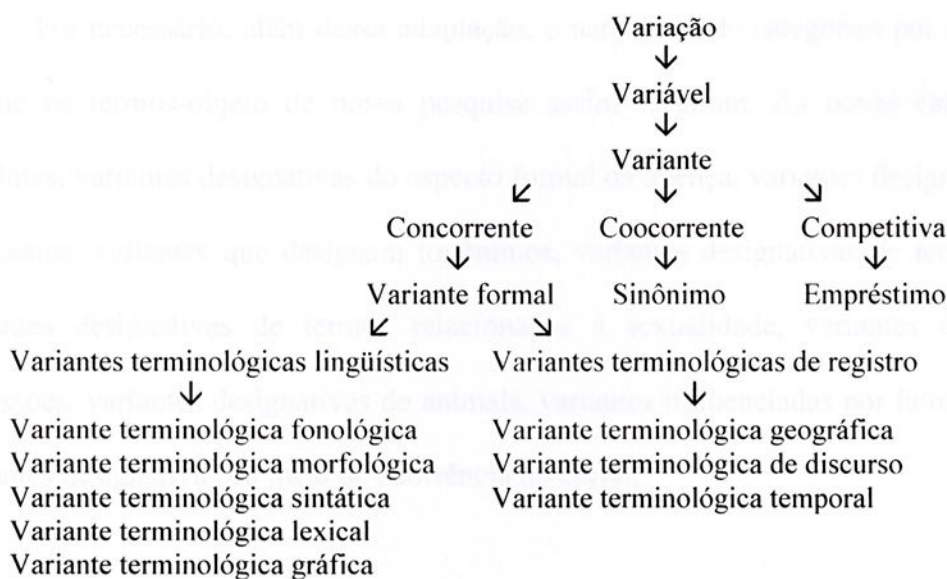
1. Variantes terminológicas *lingüísticas*: “são aquelas cujo fenômeno propriamente lingüístico determina o processo de variação”:

- variante *fonológica*, em que o registro pode surgir de formas decalcadas na fala.
- variante *morfológica*, a que apresenta alternância de estrutura de ordem morfológica na constituição do termo, sem que o conceito se altere.
- variante *sintática*, em que há alternância entre duas construções sintagmáticas que funcionam como predicação de uma unidade terminológica complexa.
- variante *lexical*, em que algum item da estrutura lexical da unidade terminológica complexa sofre apagamento ou movimento de posição, mas o conceito do termo não se altera.
- variante *gráfica*, a que se apresenta sob forma gráfica diversificada de acordo com as convenções da língua. (FAULSTICH, 2002, p. 68-69).

2. Variantes terminológicas *de registro*: “são aquelas cuja variação decorre do ambiente de concorrência, no plano horizontal, no plano vertical e no plano temporal em que se realizam os usos lingüísticos dos termos”:

- variante *geográfica*: aquela que ocorre no plano horizontal de diferentes regiões em que se fala a mesma língua. Pode ocorrer ou de polarização de comunidades lingüísticas geograficamente limitadas por fatores políticos, econômicos ou culturais, ou de influências que cada região sofreu durante sua formação.
- variante *de discurso*, a que decorre da sintonia comunicativa que se estabelece entre elaborador e usuários de textos científicos e técnicos.
- variante *temporal*, aquela que se configura como preferida no processo de variação e mudança, em que duas formas (X e Y) concorrem durante um tempo, até que uma forma se fixe como a preferida. (Faulstich, 2002, p. 70).

Esquemmatizando, Faulstich elabora o “constructo teórico da variação”:



A autora demonstra, no esquema acima, que o processo da variação engloba as variantes que, por sua vez, podem passar pelo fenômeno da concorrência, coocorrência ou competição. Esta última constitui a relação que os *empréstimos* estabelecem entre si, a segunda corresponde à relação entre os *sinônimos* e a concorrência é processo característico das *variantes*. Estas são formadas por dois grupos: *lingüísticas* e *de registro*.

De acordo com Camacho (2004)⁴, “de um ponto de vista sociolingüístico, essa classificação é problemática”: as variantes classificadas como *de registro* não são diferentes das *lingüísticas* de forma clara e precisa. De fato, observamos em nossa análise que muitas variantes podem enquadrar-se em mais de uma categoria, por exemplo, uma variante fonológica pode ser também geográfica.

Com base nesses autores, optamos por adaptar essas classificações e fazer uma aplicação aos termos do dicionário de Dermatologia. Analisaremos, em português e em francês, variantes dispostas nas seguintes categorias: fonológicas, morfológicas, ortográficas, sintáticas, lexicais, geográficas, socioletais, cronoletais.

⁴ Informação pessoal.

Foi necessário, além dessa adaptação, o acréscimo de categorias por nós elaboradas, porque os termos-objeto de nossa pesquisa assim exigiram. As novas categorias são as seguintes: variantes designativas do aspecto formal da doença, variantes designativas da causa da doença, variantes que designam topônimos, variantes designativas de termos religiosos, variantes designativas de termos relacionados à sexualidade, variantes designativas de profissões, variantes designativas de animais, variantes influenciadas por fatores ideológicos, variantes designativas do local de ocorrência no corpo.

3.4.5. As variantes nos dicionários

3.4.5.1. Questões de base

Toda proposta de classificação atribuída à variação lingüística apresenta um caráter inicialmente e aparentemente bem delimitado, como ressalta Cabré (1996), mas é totalmente artificial a fronteira que separa uma modalidade dialetal de outra ou um domínio especializado de outro. Para a autora, os dicionários de língua geral ou os terminológicos que queiram informar sobre o valor gramatical e pragmático que possuem as lexias “não podem desprezar a informação sobre o caráter mais ou menos restrito de uma forma ou de uma acepção, tanto de um ponto de vista dialetal (geográfico, social, e, em menor grau, temporal), como temático” (CABRÉ, 1996). As informações sobre as variedades do léxico podem ser indicadas de várias formas:

- a. através das chamadas marcas de uso ou etiquetas pragmáticas;
- b. através de expressões restritivas dentro do texto da definição das palavras;
- c. em forma de notas adicionais. (CABRÉ, 1996).

Trataremos somente das marcas de uso porque estas constituem o modo mais eficiente que a equipe do VMD encontrou para indicar as informações de uso de cada termo.

3.4.5.2. Marcas de uso

As marcas de uso constituem o recurso mais utilizado nos dicionários gerais e especializados para indicar a variação. Para Rey (1983, p. 564), com o surgimento e, posteriormente, a proliferação de tais marcas nos dicionários, torna-se evidente o abandono da ilusão da univocidade. O autor fala da *confusão evitável* gerada pela pluralidade dos usos, dos discursos, dos julgamentos de valor, formando uma organização complexa, mas que reflete o real.

São várias as tipologias de classificação com as quais diferentes autores tratam as marcas de uso. Como explica Auger (1989), o elaborador de um dicionário é facilmente confundido pela diversidade das marcas utilizadas por alguns dicionários e que parece atestar sistemas diferentes de classificar (ou de hierarquizar) os usos:

Aquilo que é rotulado como “familiar” em um encontra-se com o rótulo “popular” em outro, sem razão aparente a não ser a de que essas marcas sejam o resultado de uma diferença de percepção da parte de dois lexicógrafos que possuem cada um sua experiência lingüística para “julgar” os fatos. (AUGER, 1989).

Em trabalho posterior, Auger (2001) explica que o “princípio cardinal” do tratamento da variação em Terminologia é “marcar a variante para orientar o uso” (AUGER, 2001, p. 210). Por isso, apesar da escolha das marcas de uso representar, às vezes, um problema, as obras lexicográficas e terminográficas devem, na opinião do autor, apresentá-las para maior benefício dos usuários. Auger (2001, p. 211) fornece os seguintes exemplos:

- *marcas diacrônicas* ou *cronoletais*: indica o valor de uma variante cronoletal: *vieux, vieilli, désuet, hist., néol.*
- *marcas topoletais*: indica a variação espacial ou diatópica: *FR/B/CH*
- *marcas sociolingüísticas*: denotam o meio social ao qual pertence o locutor: *familiar, popular, vulgar.*

- *marcas socioprofissionais*: muito úteis para definir os diferentes registros nas línguas de especialidade: *língua simbólica, língua científica, língua técnica, língua profissional, língua do consumo*.

No “Manual de Terminologia”, Pavel e Nolet (2002) tratam das marcas de uso, agrupando-as em cinco categorias:

- marcas sociolingüísticas (termo de uso corrente, científico ou jargão; termo normalizado ou harmonizado)
- marcas geográficas (termo específico em um país ou região)
- marcas temporais (termo arcaico, antiquado ou neologismo)
- marcas profissionais ou de competência (sinônimos preferidos em certas áreas ou por determinadas companhias, por razões de originalidade diante da competência comercial)
- marcas de frequência (termo freqüente, menos freqüente ou pouco freqüente). (PAVEL; NOLET, 2002, p. 28).

Dubuc (1985, p. 56) dá sua contribuição sobre marcas de uso propondo dois grupos: *marcas sociolingüísticas* e *marcas lógicas*. Tais marcas recebem classificações distintas na língua geral e nas línguas de especialidade. No que concerne à língua geral, o autor relata os seguintes registros das marcas sociolingüísticas:

- *popular* (língua falada, fora de uso nos meios cultos);
- *familiar* (língua falada em uso nos meios cultos);
- *padrão* (tronco comum que pertence a todos que usam a língua em todas as situações);
- *literária* (língua escrita);
- *poética* (restrita ao domínio da poesia).

Para Dubuc, o registro de expressão utilizado nas línguas de especialidade condiciona, assim como na língua geral, a escolha dos termos. A esses registros de expressão, apresentados acima, correspondem níveis de língua. Dubuc define, então, três níveis pertencentes às marcas sociolingüísticas nas línguas de especialidade:

- *jargão profissional*, próprio de conversas entre técnicos;

- *registro técnico-científico*, pertence sobretudo à língua escrita pelos especialistas;
- *registro comercial*, terminologia própria de uma empresa ou fabricante.

Por exemplo, o termo *zoom*, em audiovisual, pertence ao nível *jargão profissional* e corresponde, no nível *registro técnico-científico*, ao termo *objetiva com distância focal variável*. Os termos não marcados nas línguas de especialidade pertencem, de acordo com Dubuc, ao registro *padrão*.

Quanto às *marcas lógicas*, estas servem, segundo Dubuc (idem, p. 57), para marcar os traços semânticos: genérico (GEN), específico (ESP), causa (C), efeito (E), parte (P), todo (T) etc.

Retomando as colocações de Cabré citadas no item anterior, são artificiais os limites que separam uma modalidade de classificação da outra. Rey (1983, p. 557) também se refere a essa “fronteira artificial” para o caso das marcas de uso: “o traço dos usos sociais especificados no dicionário é frágil e controverso”. De acordo com o autor, marcas de uso como “popular”, “rural” são difíceis de discernir. A primeira recobre, geralmente, segundo Rey, empregos marcados somente no nível das estratégias de discurso (“registros” e “níveis de língua”), enquanto que deveria concernir apenas, na opinião do autor, a empregos identificados como indicadores de classe social, e sancionados por um julgamento de valor fortemente negativo da parte do usuário burguês culto. As marcas “vulgar”, “obsceno”, “trivial” concernem à semântica conotativa das unidades lexicais e suas implicações sobre o julgamento metalingüístico são, como explica Rey, “muito mal analisadas, sem dúvida dificilmente analisáveis” (p. 564). Deve-se distinguir, aconselha Rey, as marcas que identificam a classe social das marcas de situação comunicativa, como “familiar”, que seriam opostas a “culto” e não a “literário”. O autor chega a afirmar que raramente as marcas de uso cumprem a missão de “informantes do uso”.

Percebemos, dessa forma, a dificuldade de se obter eficiência na distinção das marcas de uso. Dada a importância dessas marcas nas pesquisas lingüísticas, cabe ao terminólogo esclarecer ao leitor, nas obras terminográficas, os significados e as funções de cada marca de uso que preferiu utilizar.

3.4.6. Variação terminológica e informatização

O fenômeno da variação terminológica chega ao hipertexto. Os *corpora* e as bases de dados, muito freqüentes na Terminologia do século XXI, são adaptados para lidar com esse fenômeno. De acordo com Veronique-Anne Sauron (2002), “observações empíricas demonstram com evidência que essas variações representam uma parte não negligenciável das ocorrências de termos em *corpora* e podem criar problemas reais quando do tratamento informático” (SAURON, 2002, p. 56).

Esses “problemas reais” limitam, na opinião de alguns pesquisadores, a busca de informações em bancos de dados, uma vez que, se alguma variante de um termo “padrão” não for reconhecida, os documentos apropriados não serão indexados; ou ainda, em sistemas de perguntas e respostas aplicados aos textos técnicos, as variantes dos termos tornariam difícil a obtenção de respostas precisas para questões específicas.

Muitos dos bancos de dados atuais não apresentam, entretanto, esse problema, pois são dotados de ferramentas de cálculo de variação terminológica, como é o caso do MRIM⁵ (*Modélisation et Recherche d'Information Multimédia*), que resolve o “problema” da variação do léxico com a ajuda de um tesouro, e a variação morfológica é tratada com ajuda de um sistema de truncamento dos sufixos e das flexões.

Béatrice Daille e Christian Jacquemin criaram, separadamente, ferramentas lingüísticas apropriadas que permitiram considerar e medir a importância da variação dos

⁵ <http://www-mrim.imag.fr/presentation/multilingue.php>



termos, para estudá-la em *corpora* e hipertextos. Partindo do princípio de que não se pode reduzir a identificação dos termos ao reconhecimento das flexões das palavras simples que os compõem, esses dois pesquisadores realizaram estudos aprofundados sobre o fenômeno lingüístico da variação, a fim de propor soluções informáticas. Daille é autora do programa *Acabit (Automatic corpus-based acquisition of binary terms)*, que propõe ao terminólogo uma lista ordenada dos termos que correspondem a um tipo particular de ocorrências, nas quais são consideradas as numerosas variações desse termo. O programa *FASTR (Filtrage et acquisition syntaxique de termes)* foi elaborado por Jacquemin e é dotado de um conjunto elaborado com “meta regras”, que lhe permitem identificar diferentes tipos de variantes do termo (SAURON, 2002, p. 57).

Os dois programas supracitados parecem tratar apenas as variantes formais (ortográficas, sintáticas, morfológicas), não identificando as variantes sociolingüísticas e discursivas. Apesar disso, são trabalhos exemplares, e acreditamos que são o impulso inicial a futuras pesquisas que possam tratar, de forma adequada, todos os tipos de variantes.

3.4.7. Variação terminológica na língua francesa

Na presente pesquisa, procuramos descrever como a variação terminológica na área da Dermatologia se comporta em português e em francês. Assim, cabem algumas observações sobre como a língua francesa concebe e se relaciona com o fenômeno da variação.

Diferentemente das Américas, continente adepto a novidades, modernidade, de história relativamente recente, o continente europeu, conhecido como “Velho Mundo”, possui muito mais patrimônio histórico e tradição. A França, em especial, é um país marcado pela cultura, história, conservação do patrimônio, elementos que aproximam esse país da erudição.

Gaudin (1993a) afirma que a diversidade lingüística e cultural não raro é considerada como um freio ao universalismo ao qual tende a atividade científica. Para o autor, os cientistas

nutrem uma certa desconfiança quando estão face-a-face com a linguagem comum. E este é um fenômeno universal, mas, segundo Gaudin, ocorre particularmente na França, que está ligada a uma “tradição purista que não cessou de reproduzir elites” (idem, p. 134).

Esse quadro sociolingüístico explicaria, talvez, por que, como demonstraremos no capítulo 8 há variantes de termos especializados em francês, mas não há muitos registros delas em dicionários e tratados de Dermatologia.

Michaël Abecassis (2003, p. 116) aborda, em seu artigo “Le français populaire: a valid concept?”, a “ideologia prescritivista”, proposta por gramáticos e puristas, muito presente na França. Essa ideologia congrega três crenças:

1. Variedade comum: a fala é “agramatical”. A linguagem escrita da literatura é considerada o melhor e mais puro francês. A variação produz um francês corrupto e degenerado;
2. Superioridade: a forma padrão é mais clara, mais lógica e mais elegante;
3. Discriminação social ligada à dicotomia de falantes do grupo inferior *versus* superior: o grupo inferior, a classe trabalhadora, é mal-educado e usa as variantes não-padrão, que constituem um “mau” francês.

A tradição francófona tem assimilado, segundo Abecassis, “a fala” e “o popular”, “a fala” e “o errado” e tem visto o francês padrão como a língua dos parisienses educados ou da burguesia culta. O autor frisa que essas orientações promovem o “mito” da língua padrão, gerada, na opinião do autor, a partir de uma avaliação subjetiva.

Abecassis justifica a atual força da “ideologia padrão” na França com o fato de que essa sociedade é dominada por uma capital (cidade de Paris) com forte poder centralizador, o que faz com que a hostilidade prescritiva pelo vernáculo aumente. O autor adiciona que esse poder da ideologia padrão pode ter ocorrido por causa da evolução das atitudes intelectuais e oficiais da linguagem, “do século XVII, quando o francês do Rei foi tido como a norma, ao

século XVIII, quando o padrão encarnou a linguagem da diplomacia, democracia, nacionalismo e ‘Frenchness’” (ABECASSIS, 2003, p. 117). Políticas de planejamento e purismo lingüístico do século XVI ao XX também contribuíram para a proteção do padrão e a regulação do uso impróprio de palavras. A forma literária ainda demonstra, nos tempos atuais, a base de prestígio do “le bon français”. Um grande erro nos estudos desenvolvidos na França, apontado por Abecassis, foi isolar o francês falado da “*langue française*” como um todo.

No âmbito dos registros em *corpora*, Rey (1983) questiona qual é a situação do “francês regional” nos dicionários gerais desse idioma e responde: “Em 1970, deplorável; atualmente, um pouco melhor”. O autor explica que esse julgamento de valor atende ao pressuposto de que a norma em si não é viável, mas que ela deve ser ampliada e definida a partir de um conjunto de usos (a) francês da França, (b) burguesia, (c) cultos.

4. Particularidades da terminologia médica e dermatológica

A Medicina, bem como qualquer área do conhecimento, apresenta peculiaridades no que concerne a sua terminologia. A necessidade de harmonização dos termos, por um lado, e o uso real de termos diferentes para designar uma mesma patologia, por outro, faz com que a Medicina se debruce sobre o assunto e o enfrente com vistas à melhoria da comunicação entre os especialistas.

4.1. O domínio da Dermatologia

A Dermatologia, denominação derivada do grego *dermatos* (pele) e *logos* (estudo) é, de acordo com Glauco Carneiro (2002), um dos ramos que mais evoluíram na Medicina do terceiro milênio. Essa área médica caracteriza-se pelo estudo e pelo tratamento “clínico e cirúrgico das doenças cutâneas” (CARNEIRO, 2002, p. 31). Para esse autor, as doenças de pele certamente foram as que primeiro despertaram a atenção dos praticantes da Medicina desde a Antigüidade, porque a área abrange desde uma simples alergia, passando por manchas, lesões, bolhas, até tumores malignos. A função principal de um dermatologista é, segundo Jayme de Oliveira Filho, “avaliar, prevenir e tratar do mais extenso órgão do ser humano que é a pele e sua atividade resulta do conhecimento de mais de 2000 doenças que acometem essa extensa área corporal” (OLIVEIRA FILHO, 2001).

A principal distinção entre a Dermatologia e as outras especialidades médicas é bem marcada por Antar Padilha-Gonçalves:

As doenças da pele são mais numerosas e variadas do que as de outros órgãos e estruturas humanas somadas. São também mais objetivas em geral e o tratamento mais eficaz ou mais fácil de ser avaliado. A Dermatologia é um ramo da Medicina muito atraente pela enorme diversidade em aspectos patológicos que apresenta, pelos campos da pesquisa que oferece, pelos

enigmas e incógnitas que encerra, aguçando o desejo de resolvê-los. (PADILHA-GONÇALVES, apud CARNEIRO, 2002, p. 32).

Historicamente, três escolas dominavam os estudos da Dermatologia no mundo do século XIX: escola de Paris, Viena e Londres. Em agosto de 1889 realizou-se, em Paris, o primeiro Congresso Internacional de Dermatologia e Siligrafia, no Hospital São Luís. Nessa época, a área tinha como critério exclusivo as investigações morfológicas; no início do século XX, estas foram sendo deixadas de lado para ser valorizada a investigação histopatológica.

Quanto ao Brasil, como explica Carneiro, não existiu uma “Dermatologia brasileira” antes do final do século XIX, “em se falando em teoria e prática estruturadas dentro do conceito de especialização” (CARNEIRO, 2002, p. 41). A fase “científica” da história da Dermatologia no país deu-se a partir dos trabalhos de pesquisas desenvolvidos no início do século XX e do desenvolvimento da especialização, impulsionado pela Sociedade Brasileira de Dermatologia. Esta surgiu para “apoiar e ampliar o processo de formação, coesão e valorização da categoria profissional, priorizando o estímulo à investigação científica e favorecendo a implantação de uma escola nacional criativa, influente no país, além de conectada e respeitada no exterior” (CARNEIRO, 2002, p. 50).

Os compêndios de Dermatologia não se restringem, porém, apenas às doenças puramente dermatológicas. Descrevem e analisam inúmeras doenças que não seriam, a priori, da pele propriamente dita, mas que nela manifestam alguma alteração, embora estejam atacando um outro órgão do corpo humano.

Baseada nos dados oferecidos por esses compêndios, a equipe do VMD organizou a nomenclatura estudada e descrita nessa obra na árvore conceptual apresentada abaixo, que mostra os quatro campos conceptuais estudados no projeto VMD. Dela extraímos os 500 termos com os quais trabalhamos, que são mostrados integralmente no capítulo 6. *Quadro de equivalências terminológicas francês – português.*

1. Dermatologia

- 1.1. onicologia
- 1.2. psicodermatologia
- 1.3. tricologia
- 1.4. dermatopatologia
- 1.5. dermatologista

2. Sistema tegumentar

- 2.1. pele
- 2.2. anexos cutâneos
- 2.3. função da pele
- 2.4. mucosa
- 2.5. epitélio

3. Lesões

- 3.1. alteração da cor
- 3.2. formação sólida
- 3.3. coleção líquida
- 3.4. perda tecidual
- 3.5. alteração na espessura
- 3.6. seqüela
- 3.7. malformação da epiderme
- 3.8. onicodistrofia

4. Dermatoses

- 4.1. dermatose metabólica
- 4.2. dermatose auto-imune
- 4.3. dermatose pustulosa amicrobiana
- 4.4. dermatose basicamente papulosa
- 4.5. discromia
- 4.6. eritema
- 4.7. dermatose eritematoescamosa
- 4.8. dermatite
- 4.9. bulose
- 4.10. dermatose atrófica
- 4.11. dermatose esclerótica
- 4.12. dermatoses atrófica e esclerótica
- 4.13. hipodermite
- 4.14. afecção vascular
- 4.15. dermatovirose
- 4.16. zoodermatose
- 4.17. prurido
- 4.18. prurigo
- 4.19. urticária
- 4.20. angioedema
- 4.21. bacteriose
- 4.22. micobacteriose
- 4.23. treponematose
- 4.24. micose
- 4.25. afecção sebácea
- 4.26. afecção granulomatosa
- 4.27. doença sexualmente transmissível
- 4.28. dermatose pré-cancerosa

- 4.29. neoplasia epitelial
- 4.30. disem brioplasia cutânea e genodermatose
- 4.31. farmacoder mia
- 4.32. fotodermatose
- 4.33. afecção das mucosas
- 4.34. onicopat ia
- 4.35. afecção dos pêlos
- 4.36. malformação dos pêlos
- 4.37. afecção das glândulas sudoríparas é crinas
- 4.38. afecção das glândulas sudoríparas apócrinas
- 4.39. afecção auricular
- 4.40. afecção dos pés
- 4.41. psicodermatose
- 4.42. cirurgia dermatológica

Os termos que compõem a nomenclatura constante desse sistema conceptual evidencia o fato de que o organismo humano trabalha como uma máquina, e cada parte dessa máquina é importante para o perfeito funcionamento do todo. Em outras palavras, algumas doenças mencionadas na árvore conceptual acima provêm de irregularidades no sangue, nos nervos ou têm origens psicológicas, não sendo, portanto, todas puramente dermatológicas. Os dermatologistas devem, por isso, estar a par dessa interação com outras áreas da Medicina, conhecer essas doenças e estudá-las.

4.3. Variação terminológica e linguagem médica

4.2. Medicina e informatização

É bastante avançada a informatização na área da Medicina. Sistemas eletrônicos e bancos de dados que armazenam informações sobre a terminologia médica são criados, alimentados e cada vez mais modernizados para acompanhar os passos largos de uma Medicina do novo milênio.

O Sistema Unificado de Linguagem Médica (*Unified Medical Language System – UMLS*), por exemplo, foi criado para ajudar os profissionais da saúde e pesquisadores a recuperar e integrar informações biomédicas contidas em diferentes fontes. Contempla, em sua nomenclatura, a terminologia considerada como científica, mas não deixa de lado as

variações terminológicas. Seu objetivo maior é a indexação documental com base em uma coleção de referências cruzadas, dados médicos e fontes de conhecimento. O UMLS contém, como uma de suas ferramentas, o Medical World Search. Este inclui sinônimos do termo pesquisado ao se buscar um conceito da área médica na internet. A bibliografia compõe-se de artigos de jornal, capítulos de livros, relatórios técnicos, dissertações, resumos de conferências etc.

Um outro serviço eletrônico de destaque em Medicina e que mantém estreita relação com a Terminologia é a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS)⁶, que consiste em uma base de dados em saúde registrada, organizada e armazenada eletronicamente, acessível via internet de modo compatível com bases internacionais. A BVS tem por objetivo promover o acesso on-line à informação científica e técnica no que concerne ao desenvolvimento da saúde. Possui cerca de 25 mil termos em um vocabulário controlado trilingüe, armazenado no banco de dados do DeCS – Descritores em Ciências da Saúde, que oferece um serviço de busca de termos médicos.

4.3. Variação terminológica e linguagem médica

A variação terminológica se faz, portanto, presente mesmo em domínios altamente especializados, como é o caso da Medicina e, na presente análise, da Dermatologia. A Medicina, porém, assim como algumas correntes da Terminologia, considera que a harmonização terminológica nessa área seja fundamental para se evitarem ruídos de comunicação entre especialistas. A Anatomia é uma área médica que há muito se preocupa com essa questão, tendo criado a *Nomina Anatomica*, que determina regras básicas de formação de termos desse domínio, fazendo com que haja menos caos de sinonímia, polissemia e homonímia. No Brasil, a *Terminologia Anatômica Internacional*, como passou a

⁶ <http://www.bireme.br>



ser chamada, substituiu a clássica denominação (*Nomina*) e foi publicada, em português, em 2001.

O médico Liberato Di Dio (2003), ao discorrer sobre a Terminologia Anatômica e defender o uso dos termos por ela propostos, faz as seguintes afirmações:

Aliás, o uso correto da terminologia anatômica deveria ter início desde a infância. Por que uma criança deve aprender a dizer “barriga” se pode perfeitamente dizer abdome? Por que precisa dizer “batata da perna” se pode dizer panturrilha? Enfim, há termos populares que são verdadeiras corruptelas de termos. Muitas pessoas pensam que cúbito é um osso do antebraço, mas na verdade, significa cotovelo. Esse erro é cometido até mesmo em livros de anatomia! Mesmo os indivíduos que não pretendem se tornar médicos devem ter um correto conhecimento da terminologia anatômica, ainda que seja com o intuito exclusivo de enriquecer o vocabulário. É claro que não é necessário conhecer os seis mil termos oficiais, mas há alguns que são fundamentais. (DI DIO, 2003).

Como um estudioso de renome na área, Di Dio mostra-se convicto de que a Terminologia Anatômica prescreve os únicos termos a serem usados por todos os falantes, tanto os pertencentes à classe médica como os leigos e até mesmo as crianças. Entendemos sua posição, porém discordamos. Acreditamos que, devido à heterogeneidade de todos os níveis sociais, é quase impossível impor a adoção de determinada terminologia a uma sociedade inteira. Essa imposição é clara nas palavras de Di Dio, que parece apresentar uma reação purista quanto ao fenômeno da variação, principalmente por algumas expressões por ele utilizadas pelo médico, como *uso correto*, *verdadeiras corruptelas de termos*, *erro*, *devem ter um correto conhecimento* e, por fim, *enriquecer o vocabulário*; esta última, ao nosso ver, só ocorre quando o oposto da proposta de Di Dio se realizar: que os médicos adotem “cotovelo” e “batata da perna” quando necessário (em processo comunicativo com pacientes, por exemplo) e, certamente, a Terminologia Anatômica em situações de comunicação com especialistas. Esse processo, aliás, já ocorre naturalmente no cotidiano de alguns profissionais da área médica. Essa mesma questão – de uso de terminologias adequadas a um ou outro registro – é vivida por uma parte da população.

De fato, recentemente, os meios de comunicação divulgaram estudos sobre problemas encontrados em bulas de remédio. Alguns dos problemas levantados pela pesquisa, segundo Mario Hugo Monken (Folha de São Paulo, 2004), diziam respeito ao uso de termos técnicos e de abreviaturas, bem como de letras pequenas e ilegíveis, que dificultam a compreensão do texto por parte do usuário. No item “informação ao paciente”, foram encontrados termos científicos de difícil decodificação por parte do usuário leigo em Medicina em muitas das bulas analisadas. Em uma delas, por exemplo, ocorria o termo “ação anti-histamínica”, que é o mesmo que “efeito antialérgico”. A médica entrevistada, Aracy Balbani, afirma que o abuso de termos técnicos nas informações para pacientes é “grosseiro” e que, em um país onde há muitas pessoas com baixa escolaridade, as bulas precisam ter linguagem coloquial e desenhos para facilitar a compreensão.

No português brasileiro, em especial, as variantes populares e regionais apresentam-se em grande número na terminologia médica. Um dos fatores que contribuem para tal variedade é a grande extensão territorial do país, que abre espaço para muitos regionalismos. Outro motivo é a riqueza da cultura popular brasileira, a cultura de raiz, dos índios e negros escravos coloniais, do sertanejo, bem como a cultura do estrangeiro imigrante.

Dessa forma, a busca por uma harmonização, ou mesmo normalização terminológica, só poderá obter algum sucesso se ocorrer em âmbito bem específico e se for feita levando-se em consideração uma série de elementos socioculturais.

4.4. Necessidade de normalização

A variação lexical não implica a negação da utilidade, em certas situações, de processos de normalização. Como afirma Krieger (2001), “criar mecanismos para favorecer o uso padronizado das terminologias é igualmente desejável, mesmo sendo uma tarefa bastante complexa. Isso não significa negar as variações terminológicas, mas favorecer as condições

de escolha lingüística adequada a cada situação de comunicação”. Assim, se a Medicina necessita desse recurso para evitar ruídos de comunicação, é justo que a ele recorra; se, por outro lado, a variação terminológica permite que mais pessoas, de diferentes níveis, comuniquem-se, é justo que essa continue a atuar.

Nem todos os especialistas em linguagem médica consideram a variação terminológica como um problema. É o caso do médico José Antonio Díaz Rojo (2001) que, em seu artigo “La terminología médica: diversidad, norma e uso”, aborda a polarização polêmica da variação na terminologia médica e normalização, afirmando que:

A construção dessas nomenclaturas médicas, assim como de listas de termos e glossários normativos (aprovados por autoridades científicas oficiais), que aspiram lograr a uniformidade terminológica na denominação de conceitos, partem da idéia de que a variação é um prejuízo para a comunicação e de que é imprescindível estabelecer uma terminologia única e aceitável para todos os setores profissionais e científicos implicados na comunicação médica, como investigadores, redatores, tradutores, corretores, documentistas, editores, bibliotecários e outros. (ROJO, 2001, p. 41).

Para Rojo, o processo de normalização apresenta problemas, uma vez que considera a variação denominativa e conceptual como um obstáculo à comunicação científica. Dessa forma, o autor enumera “uma série de inconvenientes” que essas nomenclaturas e glossários normativos apresentam:

1. Existência de várias nomenclaturas ou terminologias normalizadas em um mesmo âmbito científico, criadas por comitês de normalização diferentes.
2. Aprovação de termos desnecessários, não avaliados pelo uso real, que, ou supõem a introdução artificial de uma nova denominação, ou são inúteis pelas escassas possibilidades de implantação, dado que termos bem formados já existem e se encontram implantados.
3. Mudanças de denominação, em ocasiões desnecessárias ou não muito justificadas, motivadas por imposições ou modismos políticos ou culturais e interesses alheios ao próprio desenvolvimento da Ciência.
4. Inadequação lingüística dos termos normalizados.
5. Conflito entre dois ou mais critérios de seleção de termos, derivado da necessidade obrigatória de se escolher um só termo para cada conceito ou objeto.
6. Pertinência de um mesmo termo – ou inclusive de uma mesma área temática – a diversas disciplinas, o que origina competências terminológicas compartilhadas por ciências diferentes.

7. Incapacidade de estabelecer, de forma fixa e precisa, a terminologia pertencente a novas disciplinas que necessitam de um *corpus* de conhecimentos bem consensual, estando este submetido a mudanças freqüentes devidas à abundância de novas descobertas próprias de toda ciência incipiente. (ROJO, 2001, p. 42).

Rojo declara ainda que, a partir do atual reconhecimento da diversidade na Terminologia, surge então uma “nova concepção da normalização e gestão dos termos científicos e médicos, passando da unificação exclusiva a uma concepção mais ampla que inclui também, e, sobretudo, a harmonização” (ROJO, 2001, p. 43). Concluindo essa discussão, Rojo afirma:

Portanto, conceber a normalização como uma luta contra esta realidade concebida como desvio ou desordem da língua é errôneo e ineficaz, pois a diversidade sempre surgirá de forma espontânea. Em uma concepção ampla e renovada da terminologia, a uniformização levada a cabo pelas nomenclaturas e as listas de termos normalizados, apesar das limitações e inconvenientes assinalados, não deve ficar totalmente excluída do trabalho terminológico, mas deve integrar-se no modelo renovador em que atualmente se encontra a ciência e a atividade terminológica e aplicar-se naquelas situações que assim o permitam ou exijam as condições comunicativas. (ROJO, 2001, p. 44).

Dessa forma, notamos que é viável adotar um modelo variacionista de implantação terminológica também para a área médica, a fim de estudar o funcionamento desses termos. Veremos, no capítulo 8 de nosso trabalho, que a variação é um fenômeno freqüente na terminologia desse domínio.

METODOLOGIA

5. Procedimentos da pesquisa

5.1. *Corpus* da pesquisa

Baseamo-nos, para o levantamento das equivalências em francês, em obras de reconhecido valor internacional e consideradas como de referência da Dermatologia francesa.

As seguintes obras compuseram o *corpus* em francês:

1. BELAÏCH, Stéphane. **Le livre de l'interne: dermatologie et maladies sexuellement transmissibles**. Paris: Flammarion Médecine-Sciences, 1994.
2. BONAFÉ, J. L.; CHRISTOL, B.; LASSÈRE, J. **Dictionnaire de dermatologie pédiatrique**. Paris: Maloine, 1985.
3. CHEVALLIER, J. **Précis de terminologie médicale**. 6.ed. Paris: Maloine, 1995.
4. CLASSIFICATION Internationale des Maladies – CIM 10. Disponível em: <http://www.med.univ-rennes1.fr/noment/cim10/>. Acesso em: 20 mai 2002.
5. DANIEL, F. **Dictionnaire de dermatologie**. Paris: Masson, 1995.
6. Dictionnaire medical Masson. Paris; Milão; Barcelona: Masson, 1997.
7. HALIOUA, B. et al. **Dermatologie infectueuse**. Paris; Milão; Barcelona: Masson, 1997.
8. LE PETIT Robert électronique. Bureau van Dijk, Electronic Publishing, 1997. CD-ROM.
9. TOURAINE, R.; REVUZ, J. **Dermatologie clinique et vénéréologie**. 4.ed. Paris; Milão; Barcelona: Masson, 1997.
10. TRESOR de la Langue Française informatisé. ATILF; CNRS, 2004. Disponível em: <http://atilf.atilf.fr/tlfr3.htm>. Acesso em: 05 fev. 2004.

O emprego de um *corpus* constituído por tratados e dicionários de Dermatologia originalmente redigidos em francês atende ao objetivo de se buscar identificar os termos que os especialistas da LC efetivamente empregam. Para a Terminologia, *corpus* (textual) é um “conjunto de textos selecionados que servem de base para realizar uma análise terminológica”

(PAVEL; NOLET, 2002, p. 119). Os *corpora* (bases de dados textuais) constituem um instrumento de grande valia para o ofício de elaborar dicionários, pois possibilitam ao pesquisador o acesso a grande número de dados provenientes de diversos textos.

Uma parte dos livros de Dermatologia em francês que formaram o *corpus* de nossa pesquisa foi digitalizada com material informático (scanner auxiliado pelo OCR – Reconhecimento Optico de Character) adquirido com Auxílio à Pesquisa da FAPESP. Os compêndios de Dermatologia em francês adotados levaram em consideração os diferentes estudos dessa área do saber (Dermatologia pediátrica; relacionada a doenças infecto-contagiosas; dirigida aos Residentes em hospitais e outros). Constituem um *corpus* textual importante também para a identificação da variação terminológica. Nessa perspectiva, retomamos uma já mencionada citação de Auger (2001), que enfatiza a adoção de textos nas línguas de especialidade a fim de se ter uma visão do grau de variação no domínio estudado: “somente uma terminografia baseada na exploração de *corpora* especializados pode dar conta lingüisticamente dessa variação” (AUGER, 2001, p. 193).

É válido comentar uma afirmação de Alpízar-Castillo. De acordo com o autor, as obras que apresentam apenas equivalências, sem definições ou outras especificações, são limitadas no que tange à qualidade. Para ele, essas obras, “sem dúvida”, indicam *possíveis* equivalências, por isso esses resultados devem ser checados em outras fontes mais confiáveis (ALPÍZAR-CASTILLO, 1995, p. 104). No caso do VMD, todas apresentam alto índice de confiabilidade. De fato, o *corpus* em francês que foi utilizado para a busca de equivalências compôs-se de dicionários e compêndios de Medicina e de Dermatologia originalmente redigidos em francês (monolíngües), cujos autores são dermatologistas de renome internacional; todas trazem definições e/ou contexto de uso. Toda essa documentação alimentou nossa base de dados textuais (BDTex) e serviu de fonte à pesquisa das equivalências.



5.2. Criação de base de dados textuais – BDTex

Tendo em vista que a informatização tornou-se um procedimento rotineiro e indispensável nas atuais pesquisas lingüísticas, servimo-nos, em grande parte de nosso trabalho, de algumas ferramentas elaboradas pela Lingüística Computacional que, de acordo com Renata Vieira et al. (2001, p. 1), é a área do conhecimento que explora as relações entre Lingüística e Informática, tornando possível a construção de sistemas com capacidade de reconhecer e produzir informação apresentada em linguagem natural.

Auger (2001) destaca a importância da informatização na área da Terminologia, uma vez que, para ele, é através da máquina que os conceitos dos discursos especializados são verdadeiramente “investigados”. Opondo a máquina ao humano, Auger afirma que a análise de *corpora* eletrônicos permite obter resultados muito mais detalhados do uso da língua (AUGER, 2001, p. 191).

Criamos um *corpus* eletrônico em língua francesa especializado em Dermatologia e o armazenamos em uma base de dados textuais. Tal base oferece uma “fotografia” da terminologia dermatológica sob o aspecto que se pretende investigar. O programa utilizado para a criação dessa base foi o *Hyperbase*, criado por Etienne Brunet, da Universidade de Nice. Assim, devido às inúmeras ferramentas que esse programa possui, futuramente outros estudos de *corpora* em francês poderão ser feitos.

A criação dessa base de dados textuais proporcionou grande facilidade na busca dos contextos dos equivalentes. Só não foram escaneados os dicionários de Dermatologia e de Medicina, o Dicionário *Petit Robert Électronique* e o *Trésor de la Langue Française informatisé* (doravante TLFi), visto a facilidade de consulta dos dados, dispostos em ordem alfabética ou passíveis de busca por meio informático. As definições destes foram digitadas diretamente no campo correspondente da ficha eletrônica de cada termo, das quais falaremos

no próximo item. A configuração da base de dados textuais em francês ficou como no exemplo abaixo, extraído do tratado *Dermatologie clinique et vénéréologie*:

11

DERMATOSES PARASITAIRES

Les parasites, organismes ayant besoin d'un hôte pour leur cycle vital, sont très nombreux et variés.

Les principaux parasites donnant par des mécanismes divers des signes cutanés sont:

- les arthropodes: réunissant les arachnidés et les insectes, responsables d'une pathologie très courante. Ils provoquent des signes cutanés par action traumatique spécifique directe ou injection de substances toxiques. Les réactions cutanées dépendent essentiellement de la sensibilité de l'hôte récepteur. C'est une grande cause de grattage et d'infection cutanée;

- les protozoaires et certains vers donnant une pathologie « exotique », de vacances et de migration.

GALE

La gale humaine, due à *sarcoptes scabiei hominis*, est une affection fréquente.

• Epidémiologie

Le parasite a un cycle cutané humain complet. Il se déplace lentement, mais est stimulé par la chaleur. La transmission est *interhumaine* par contact cutané direct, habituellement au lit. La femelle a moins d'un demi-millimètre de long, le mâle est plus petit. La femelle est fertilisée sur la surface cutanée, puis creuse un sillon dans la couche cornée pour déposer ses œufs qui éclosent au 4^e jour. Les larves deviennent matures sur la peau dix jours plus tard. Les gales non traitées persistent indéfiniment.

126

Dermatoses parasitaires

Les lésions de la scabiose sont surtout une manifestation d'allergie à l'animal ou à ses produits. A la primo-infestation, le patient reste souvent asymptomatique plusieurs semaines après l'inoculation. En cas de réinfestation, prurit et lésions peuvent se développer très rapidement.

• Clinique

Le prurit est la manifestation essentielle devant faire penser systématiquement à la gale. Il est intense, à recrudescence nocturne.

Les signes cutanés, parfois discrets chez le sujet propre sont surtout marqué de lésions secondaires spécifiques : papules rouges, papulo-vésicules, croûtes, excoriations, lichénification surtout remarquables par leur *topographie* mains et doigts, face antérieure des poignets, coudes, emmanchures antérieures, aréole mammaire, fesses, organes génitaux avec intégrité du visage et du cuir chevelu (sauf chez l'enfant) et du dos.

Les lésions spécifiques à rechercher dans tous les cas sont *le sillon* fin grisâtre ou linéaire incurvé de 3 à 10 mm de long; et surtout le *grain perlé*, pseudo-vésicule de 1 à 2 mm de diamètre souvent situé à l'extrémité du sillon, découvert par un examen soigneux en le recherchant entre les doigts, aux poignets, aux organes génitaux et chez les enfants aux paumes et aux plantes.

(TOURAINÉ; REVUZ, 1997, p. 125-126).



5.3. A Classificação Internacional das Doenças - CID

Utilizamos também a CID (Classificação Internacional das Doenças) em português e em francês para a busca das equivalências, fonte esta que, sendo uma classificação internacional, ofereceu exatidão na identificação da nomenclatura das doenças em ambas as línguas. A CID 10 em português foi obtida no site do Ministério da Saúde brasileiro, do qual se pôde fazer o *download* e obter o programa PesqCID. A busca da CID 10 em português foi, portanto, automática. Em francês, encontramos a CIM 10 (*Classification Internationale des Maladies*) disponível no site da Faculdade de Medicina da Universidade de Rennes⁷.

A CID consiste em um sistema de categorias nas quais as doenças são classificadas com o auxílio de letras e números, seguindo alguns critérios estabelecidos pela Organização Mundial de Saúde – OMS e se tornou uma classificação diagnóstica padrão internacional. O processo de renovação e reavaliação da CID é decenal. O objetivo dessa classificação é permitir a análise sistemática, a interpretação e a comparação dos dados de mortalidade coletados nos diferentes países e em diferentes épocas (CID-10, 2001, v. 2, p. 2), por isso existe nos idiomas dos países filiados à OMS (ou seja, quase todos). Procedendo a um estudo comparado da CID 10 em português e da CIM 10 em francês, foi possível identificar uma série de equivalentes. Por exemplo, E78.2 é o código de *xantoma tuberoso*, em português, correspondente a *xanthome tubéreux* em francês.

Essa classificação traz equivalentes, a princípio, “idênticos”, por se tratar de uma rigorosa sistematização dos termos médicos, que busca a harmonização em nível internacional. Ao falarmos de “idênticos”, não nos referimos à carga pragmática dos equivalentes, mas que os termos indicados nas CIDs têm correspondência tal que não haja confusão no processo de escolha do uso de um termo em língua estrangeira, como é o caso do exemplo abaixo:

⁷ <http://www.med.univ-rennes1.fr/noment/cim10>



CID 10	CIM 10
C43 Melanoma maligno da pele <i>Inclui:</i> os códigos de morfologia classificáveis em M872-M879 com código de comportamento /3 <i>Exclui:</i> melanoma maligno da pele dos órgãos genitais (C51-C52, C60.-, C63.-) C43.0 Melanoma maligno do lábio <i>Exclui:</i> área vermelha (vermelhão) do lábio (C00.0-C00.2) C43.1 Melanoma maligno da pálpebra, incluindo as comissuras palpebrais C43.2 Melanoma maligno da orelha e do conduto auditivo externo C43.3 Melanoma maligno de outras partes e partes não especificadas da face C43.4 Melanoma maligno do couro cabeludo e do pescoço C43.5 Melanoma maligno do tronco Margem do ânus Pele (do, da): · ânus · mama · perianal <i>Exclui:</i> ânus SOE (C21.0) C43.6 Melanoma maligno do membro superior, incluindo ombro C43.7 Melanoma maligno do membro inferior, incluindo quadril C43.8 Melanoma maligno invasivo da pele Ver nota 5. C43.9 Melanoma maligno de pele, não especificado Melanoma (maligno) SOE	C43 Mélanome malin de la peau <i>Comprend :</i> les codes morphologiques M872-M879 avec code de comportement /3 <i>A l'exclusion de :</i> mélanome malin de la peau des organes génitaux (C51-C52, C60.-, C63.-) C43.0 Mélanome malin de la lèvre <i>A l'exclusion de :</i> bord libre de la lèvre (C00.0-C00.2) C43.1 Mélanome malin de la paupière, y compris le canthus C43.2 Mélanome malin de l'oreille et du conduit auditif externe C43.3 Mélanome malin de la face, parties autres et non précisées C43.4 Mélanome malin du cuir chevelu et du cou C43.5 Mélanome malin du tronc Marge anale Peau anale Peau (du) : · sein · périanale <i>A l'exclusion de :</i> anus SAI (C21.0) C43.6 Mélanome malin du membre supérieur, y compris l'épaule C43.7 Mélanome malin du membre inférieur, y compris la hanche C43.8 Lésion à localisations contiguës d'un mélanome malin de la peau [voir note 5] C43.9 Mélanome malin de la peau, sans précision Mélanome (malin) SAI

No código apresentado, C43, o campo dos *melanomas malignos da pele*, é possível notar a total semelhança e paridade na disposição dos termos nas duas línguas.

5.4. Criação de base de dados terminológicos bilíngüe

Uma vez pronta a BDTex, procedemos à criação de uma base de dados terminológicos bilíngüe. O programa que permite a construção de um banco ou de uma base de dados deve

ter certas características que garantam a comunicação e a transferência das informações de maneira confiável e eficaz, facilitando a compreensão dos usuários. Aubert (1996) complementa essa reflexão afirmando que

um dos elementos-chave para assegurar a uniformidade desejada, bem como a integração dos diversos trabalhos já concluídos, em andamento e futuros, é representado pela escolha de um *software* que reúna características de maleabilidade de configuração, contenha recursos integrativos, seja bastante difundido internacionalmente (o que aumenta a probabilidade de intercâmbio de levantamentos entre instituições), de fácil manuseio mesmo por pesquisadores com pouca familiaridade com a informática, e permita a conversão dos diversos arquivos para um processador de texto e/ou para algum programa de editoração eletrônica, de modo a facilitar a edição e impressão de vocabulários e glossários derivados dos levantamentos efetuados. (AUBERT, 1996, p. 72).

No caso de nossas pesquisas, o Microsoft Access 2000 foi suficiente por ser uma ferramenta bastante utilizada e de expressiva eficácia, possibilitando a classificação, organização e apresentação em forma de tabelas e formulários de todo o conjunto de informações consideradas importantes para nosso propósito.

O modelo da ficha terminológica eletrônica bilíngüe (FTEB) foi proposto pela professora orientadora, discutido em equipe e elaborado especialmente para a pesquisa. Para que o termo fosse tratado da forma mais completa possível, o preenchimento das fichas foi realizado metodicamente, a fim de recolher todas as informações necessárias a respeito do termo.

A FTEB é dividida em cinco subformulários. O primeiro contém todos os dados da língua de partida, ou seja, os dados em português constantes dos verbetes do VMD: termo-entrada, categoria gramatical, marcas de uso, definição, outras designações, símbolo de classificação, CID 9, CID 10 e remissivas. A configuração desse primeiro subformulário é a que segue:



Microsoft Access - [ficha bilingue francês]

Arquivo Editar Exibir Inserir Formatar Registros Ferramentas Janela Ajuda

116

termo

erisipela

cat gram

s1

marcas de uso

remissiva

definição

piodermite^a causada por estreptococos hemolíticos do grupo A e, eventualmente, do grupo G. Também foram descritos casos da doença em recém-nascidos acometidos por inflamação do umbigo (onfalete) causada por estreptococos do grupo B. A porta de entrada pode ser pouco visível (soluções de continuidade microscópicas, como picadas de insetos^a, tinha infectada, úlceras, traumatismos) ou parece não ter existido (erisipela metastática ?). Pode ainda estar relacionada a infecções das vias aéreas superiores (1/3 dos casos). É uma forma de celulite^a aguda e superficial, caracterizada pelo aparecimento de eritema^a vivo e intenso, acompanhado de edema^a duro, não depressível, com bordas bem delimitadas, conferindo à lesão^a aspecto de laranja. A lesão^a é quente e estende-se, pouco a pouco, para as regiões circunvizinhas, chegando a atingir 20 ou mais centímetros de tamanho. Devido à obstrução de vasos linfáticos, podem surgir grandes bolhas^a tensas, contendo líquido

outras designações

erisipela metastática, erisipela bolhosa, erisipela gangrenosa, erisipela recidivante, erisipela de repetição, mal-do-monte(pop.), mal-de-monte(bras., NE,

símbolo de classificação

3.19.1.10.

C109

035.9.0.

C1010

A46.

Registro: 116 de 2256

Modo formulário

NUM

Iniciar

equivalências em fran...

ficha bilingue francês

PT 14:19

Figura 5: ficha eletrônica em português

O subformulário acima apresenta como termo-entrada *erisipela*, por isso tem praticamente todos os campos preenchidos, salvo “marcas de uso” e “remissivas”. No caso do primeiro, o vazio de informações se dá pelo estatuto do termo-entrada: é o termo científico de maior uso entre os especialistas; por isso é considerado “padrão” e não leva nenhuma marca. Por ser o termo preferencial e encabeçar um verbete que chamamos de principal, não remete o leitor a nenhum verbete. Por essa razão, o campo “remissivas” também não foi preenchido.

Uma ficha cujo termo entrada seja uma “outra designação” do termo principal apresentará, pelo menos, os campos “código”, “termo”, “categoria gramatical”, “marcas de uso” e “remissiva” preenchidos. Os outros campos já foram completados na ficha do termo

principal. O exemplo abaixo mostra a ficha eletrônica do termo *mal-de-monte*, uma das outras designações da dermatose *erisipela*:

Microsoft Access - [ficha bilingue francês]

Arquivo Editar Exibir Inserir Formatar Registros Ferramentas Janela Ajuda Digite uma pergunta

termo
mal-de-monte

cod
123

cat gram
s m

marcas de uso
(bras., NE, pop.)

remissiva
erisipela.

definição

outras designações

símbolo de classificação

CID9

CID10

Registro: 123 de 2256

Modo formulário

NUM

Iniciar equivalências em fran... ficha bilingue francês PT 14:21

Figura 6: ficha eletrônica das remissivas

Como podemos observar, no VMD toda “outra designação” do mesmo conceito expresso pelo termo-entrada do verbete principal é entrada de um verbete remissivo. Assim, na ficha acima, cuja entrada é uma outra designação do termo principal, constam apenas os dados essenciais à caracterização desse termo (categoria gramatical e marcas de uso), além da orientação ao usuário sobre o caminho a seguir para obter a informação que deseja (remissiva).

Os demais quatro subformulários que compõem a ficha terminológica bilingüe eletrônica correspondem às fontes em francês. Cada um conta com os seguintes campos:

fonte, termo principal, categoria gramatical, outras designações / marcas de uso e definição / contexto, como podemos ver na ilustração abaixo:

Microsoft Access - [ficha bilingue francês]

Arquivo Editar Exibir Inserir Formatar Registros Ferramentas Janela Ajuda Digite uma pergunta

Fonte1
Dermatologie clinique et vénéréologie

Termo principal1
actinomycose

Cat gram1
s f

Outras Designações1 Marcas de uso1
nocardiase

Definição contexto1
Les actinomyces sont des bactéries Gram positif composés de filaments pseudo-mycosiques à tendance branchée. Dans les tissus, les filaments forment des masses ressemblant à des mycélium et peuvent être visibles sous forme de grains fins. Les germes en cause sont principalement Actinomyces israeli et Nocardia asteroides. Ce dernier est souvent responsable d'infections pulmonaires ou systémiques, en particulier chez les immunodéprimés. La localisation cervico-faciale est la plus fréquente. Un nodule dur, rouge, se développe à partir du maxillaire surtout inférieur, augmente, se ramollit par place avec quelques orifices fistuleux. On peut constater parfois des grains jaunes. Les autres localisations sont plus rares, abdominales d'origine thoraciques, rarement diffuses, hémato-gènes.

Fonte2
Dermatologie infectieuse

Termo principal2
actinomycose

Cat gram2
s f

Outras designações2 Marcas de uso2

Registro: 765 de 2256

Modo formulário

NUM

Iniciar

equivalencias em fran...

ficha bilingue francês

PT 14:22

Figura 7: ficha eletrônica em francês

No final, após a última fonte, encontram-se os campos comuns aos quatro subformulários, que são CIM 9, CIM 10, notas sobre o termo e notas sobre o trabalho. Para uma melhor visualização, segue o modelo dessa parte da ficha eletrônica:

Microsoft Access - [ficha bilingue francês]

Arquivo Editar Exibir Inserir Formatar Registros Ferramentas Janela Ajuda Digite uma pergunta

Fonte 4
Le livre de l'interne

Termo principal 4
chancre mou

Cat gram 4
s m

Outras designações 4
chancrille

Definição contexto 4

INTRODUCTION
Le chancre mou ou chancrille est une maladie sexuellement transmissible (MST), provoquée par *Haemophilus ducreyi* et caractérisée par une ulcération.

MANIFESTATIONS CLINIQUES
La durée d'incubation varie de 4 à 30 jours avec une moyenne de 7 jours. Il apparaît une papule inflammatoire bordée d'un fin liseré érythémateux. En deux à trois jours se forme une pustule qui se rompt pour donner un chancre de 5 à 10 mm de diamètre, arrondi ou ovale, bien circonscrit, sans induration, entendant franchement le derme, douloureux. Les bords sont bien délimités, irréguliers et décollés. Le fond est d'aspect granuleux et saigne facilement au contact. Il peut être partiellement rempli par un exsudat.

CIM 9
099.0/3 chancre mou.

CIM 10
A57 chancre mou.

Notas sobre o termo
ok

Notas sobre o trabalho
ok

Registro: 919 de 2256
Modo formulário

NUM
Iniciar equivalências em fran... ficha bilingue francês PT 14:23

Figura 8: ficha eletrônica em francês (final)

As quatro fontes “fixas”, às quais recorremos em primeiro lugar na consulta, foram Belaïch (1994), Touraine e Revuz (1997), Daniel (1995) e Halioua (1997). As outras foram fontes complementares.

5.5. Determinação dos equivalentes

Após o preenchimento das fichas terminológicas, procedemos, então, a uma análise semântico-conceitual de cada termo para identificação dos equivalentes. Baseamo-nos, para tanto, nos ganchos terminológicos (descritores) dos diferentes contextos e definições na língua de partida e na de chegada, como veremos a seguir.

5.5.1. Os ganchos terminológicos

Vimos, no capítulo 2. *Terminologia Bilíngüe*, que a maneira de se identificar de modo seguro os equivalentes dos termos em duas línguas (neste caso, português e francês) é por meio dos chamados ganchos terminológicos (DUBUC 1985, p. 57), presentes nos contextos e as definições coletadas em cada língua. Os “ganchos” são os “descritores comuns” aos contextos dos termos em LP e em LC e atestam o parentesco desses termos nas duas línguas.

O termo *angioedema*, por exemplo, apresenta como equivalente francês o termo *angio-œdème*. Comparando o contexto definatório do primeiro (extraído do VMD) e o contexto do segundo (extraído do tratado *Le livre de l'interne*), temos os seguintes dados:

Português	angioedema: s m dermatose caracterizada por tumefação edematosa circunscrita da pele, membranas mucosas, vísceras e cérebro. Tem início brando e manifesta-se pelo aparecimento súbito de edema tenso, duro, não-depressível, em geral acompanhado de alteração de cor, localizado em profundidade e/ou subcutaneamente na derme e camadas submucosas. Em geral não há prurido. É ocasionalmente acompanhado de dores articulares (artralgia), púrpura e febre. A evolução pode se dar em um surto único de horas de duração ou surtos recidivantes, próximos ou afastados, levando à cronicidade. Podem ocorrer ainda manifestações para o lado do cérebro, bexiga e alteração cardíaca no sistema de condução. Atinge com maior freqüência as extremidades, pálpebras, lábios, língua, laringe, narinas, genitália, pênis, escroto, mucosas das vias aéreas superiores e da esfera gastrointestinal e, muito raramente, mãos e dedos. Acomete a região de um lado do corpo, mas pode afetar simetricamente pálpebras e narinas. O edema cerebral ou glótico pode determinar a morte. Existem duas formas da doença: 1) angioedema adquirido, 2) angioedema hereditário. Outras Designações: edema angioneurótico, doença de Bannister, edema de Quincke (circunscrito e periódico), úlcera tuberosa. Símbolo de classificação: 4.20. CID9: 995.1/1 CID10: T78.3. (VMD).
Francês	Angio-œdème Il est caractérisé par des tuméfactions : • de couleur peau normale ou parfois blanchâtre ou rosée ; • mal limitées ; • de consistance ferme ; • de taille variable; • non prurigineuses, mais entraînant une sensation de tension douloureuse ou de cuisson. L'évolution est identique à celle de l'urticaire, à laquelle il est d'ailleurs souvent associé. Il peut siéger n'importe où sur la peau, mais principalement sur les territoires où le tissu cellulaire sous-cutané est lâche (paupières, organes génitaux externes). De plus, il peut atteindre les muqueuses (lèvres, langue, larynx, pharynx, œsophage, etc.) et expose donc au risque de troubles de la déglutition et d'asphyxie mettant rapidement en jeu le pronostic vital, en cas d'œdème de la glotte. L'histologie cutanée est rarement indispensable. Elle révélerait un œdème et un infiltrat lymphocytaire modéré au niveau de l'hypoderme. (BELAÏCH, 1994, p. 212).

No exemplo acima, notamos que os ganchos terminológicos contribuíram para a identificação das equivalências em francês de nosso trabalho. Nesse caso, os ganchos que permitem dizer que os termos são equivalentes são os seguintes:

Português	Francês
caracterizada por tumefação	caractérisé par des tuméfactions
manifesta-se pelo aparecimento súbito de edema [...] localizado em profundidade e / ou subcutaneamente na derme	Elle révélerait un œdème [...] au niveau de l'hypoderme
em geral acompanhado de alteração de cor	de couleur peau normale ou parfois blanchâtre ou rosée
tenso, duro, não-depressível	de consistance ferme
Em geral não há prurido. É ocasionalmente acompanhado de dores articulares (artralgia)	non prurigineuses, mais entraînant une sensation de tension douloureuse ou de cuisson
Atinge com maior frequência as extremidades, pálpebras, [...], genitália, pênis, escroto, e, muito raramente, mãos e dedos	Il peut siéger n'importe où sur la peau, mais principalement sur les territoires où le tissu cellulaire sous-cutané est lâche (paupières, organes génitaux externes)
lábios, língua, laringe, narinas, [...], mucosas das vias aéreas superiores e da esfera gastrointestinal	De plus, il peut atteindre les muqueuses (lèvres, langue, larynx, pharynx, œsophage, etc.)
O edema cerebral ou glótico pode determinar a morte	mettant rapidement en jeu le pronostic vital, en cas d'œdème de la glotte

Para cada termo equivalente buscado em francês, recorreremos à análise dos descritores comuns nas duas línguas, como acabamos de demonstrar, para conferir cientificidade ao trabalho e para podermos afirmar com certeza que os termos são equivalentes.

Os termos seguintes são equivalentes que apresentam denominações morfológicamente bem diferentes. Esses exemplos provam que não se deve admitir que dois termos sejam equivalentes apenas por sua aparência formal.

Português	estomatite cremosa: s f candidíase oral causada pela levedura do gênero <i>Candida</i> . Caracteriza-se pela presença de placas circulares ou ovais esbranquiçadas, cremosas, bem delimitadas e apresenta halo vermelho-vivo. O indulto esbranquiçado é facilmente removível, porém, às vezes, sua retirada ocasiona ligeira hemorragia. As lesões podem ser únicas ou múltiplas. A língua pode ser sede de placas, constituindo a glossite candidiásica, aguda ou crônica. Na forma aguda, o aspecto é o já descrito; na crônica, há atrofia da papila e as lesões de coloração acinzentada, com superfície rugosa e fissurada, localizam-se nas bordas ou parte inferior da língua. Localizam-se também na mucosa das bochechas, palato, laringe e faringe. Outras Designações: sapinho (<i>pop.</i>), sapinhos (<i>pop.</i>), farfalho. Símbolo de classificação: 4.24.2.3.2.1.1. CID9:- CID10: B37.0. (VMD).
-----------	--

Francês	Le Muguet est l'aspect classique, mais rare de la candidose buccale de l'enfant et du vieillard, donnant sur la langue ou dans la bouche des dépôts blanchâtres, laiteux, facilement détachés de la muqueuse enflammée. La candidose érythémateuse donne une inflammation diffuse avec langue dépapillée. Sa fréquence a été très surestimée.
	Les atteintes buccales et œsophagiennes s'observent fréquemment chez les immunodéprimés, en particulier les sidéens. (TOURAINÉ; REVUZ, 1997, p. 119).

Descrevemos abaixo os ganchos terminológicos correspondentes à deratose apresentada:

Português	Francês
placas circulares ou ovais esbranquiçadas, cremosas	des dépôts blanchâtres, laiteux
O indulto esbranquiçado é facilmente removível	facilement détachés de la muqueuse enflammée
na crônica, há atrofia da papila [...], localizam-se nas bordas ou parte inferior da língua	La candidose érythémateuse donne une inflammation diffuse avec langue dépapillée
Localizam-se também na mucosa das bochechas, palato, laringe e faringe	Les atteintes buccales et œsophagiennes [...].

Esta é uma das vantagens de se trabalhar com termos organizados hierarquicamente: uma vez sabendo que o hiperônimo de *estomatite cremosa* e suas outras designações *sapinho* e *farfalho* é *candidíase oral*, procuramos o termo nas obras em francês que constituíam nosso *corpus* nos capítulos que faziam referência às candidíases. Lendo os contextos, chegamos à equivalência *muguet*.

5.5.2. “Outras designações”

A identificação da paridade dos termos em uma pesquisa terminológica bilíngüe ou multilíngüe dá-se, portanto, sobretudo, pela ênfase dos descritores, além da semelhança formal quando possível. Outra atitude metodológica por nós adotada para a identificação dos equivalentes foi proceder à busca dos dados a partir das “outras designações” que os termos do VMD possuem. O próximo exemplo demonstra como a série sinonímica dos termos em português auxiliou na busca dos equivalentes:

Português	maduromicose: s f micetoma caracterizado por pápulas ou nódulos ou indurações da pele que se abscedam ou fistulizam no início. Com o decorrer dos meses e anos, todo o pé é atingido. Apresenta-se bastante volumoso, com pele espessada, de consistência firme e lenhosa. Notam-se, à distância variável, dez ou mais elevações mamilonadas e fístulas, das quais escorre pequena quantidade de líquido sero-sanguinolento em que podem ser encontrados grãos amarelados, vermelhos ou pretos. Em geral, não há dor. Os movimentos são prejudicados, mas a doença não impede a deambulação durante muitos anos, até que a infecção secundária venha prejudicar o estado geral e a capacidade de trabalho. Os ossos são lesados por destruição e proliferação. As lesões localizam-se na região podal afetando quase exclusivamente os pés, raras vezes acomete a cabeça, tronco ou outras regiões dos membros. A micose é rara no Brasil. Outras Designações: pé-de-madura. Símbolo de classificação: 4.24.3.9.2. CID9: - CID10: B47.0. (VMD).
Francês	Eumycétomes Synonymes : pieds de Madura, mycétomes eumycosiques. Ce sont des pseudotumeurs inflammatoires cutanées et sous-cutanées dues à des champignons émettant des grains parasites - soit des grains noirs : <i>Madurella mycetomatis</i>, <i>Leprospheria senegalensis</i>, <i>L. tompkinsii</i>, <i>P. romeroi</i>, <i>M. grisea</i>, <i>E. jeansimeii</i> ; - soit des grains blancs : <i>Pseudallescheria boydii</i>, <i>Acremonium</i>, <i>Fusarium</i>, <i>Neotestudina rosatii</i>. Ils surviennent surtout dans les zones rurales sèches semi-désertiques des régions tropicales et subtropicales aux alentours du 15° degré de latitude nord (Afrique, Amérique latine, Asie). La contamination est transcutanée par piqûres d'épineux. Clinique La localisation au pied est la plus fréquente réalisant le classique « pied de Madura ». Elle débute par un nodule indolore rouge violacé légèrement inflammatoire. Elle s'étend lentement pour former une grosse masse dure, irrégulière et bosselée, inflammatoire et douloureuse, creusée de multiples fistules « en pomme d'arrosoir » d'où s'échappe un liquide séro-hématique contenant des grains blancs ou noirs. Les complications sont la surinfection locale, l'extension locorégionale et l'atteinte osseuse avec des aspects radiologiques évocateurs de destruction : images microgégodiques ou lacunaires. (HALIOUA, 1997, p. 235).

Em português, tínhamos apenas os termos *maduromicose* e *pé-de-madura*. O termo principal em francês, *eumycétome*, não saltaria aos olhos se não fosse um de seus sinônimos, *pieds de Madura*, o que nos levou a analisar os contextos dos dois termos e chegarmos à conclusão de que são equivalentes.

Analisamos os contextos de cada termo e atestamos que os mesmos eram equivalentes, tendo dirimido as possíveis dúvidas com os profissionais da Dermatologia. Finalmente, com todos os dados em mãos, estruturamos o sistema conceitual em francês, com 500 termos do campo das Dermatoses.

5.6. Busca de variantes em francês

Assim como em português, são freqüentes os casos, no *corpus* em francês, em que há várias designações para um termo principal. Devido ao *corpus* compor-se de obras científicas, as variantes encontradas são, em sua maioria, termos científicos, como é o caso do exemplo abaixo:

Português	Francês
melanoma de crescimento superficial, melanoma extensivo superficial	mélanome à extension superficielle, mélanome superficiel extensif, S.S.M., MSE.

Para encontrarmos as variantes de uso cotidiano e popular foi preciso recorrer a obras lexicográficas de língua geral. O dicionário *Petit Robert Électronique*, em CD-Rom, e o *Trésor de la Langue Française informatisé*, on-line, proporcionaram melhor resultado na busca de variantes. As marcas de uso fornecidas por essas duas obras auxiliaram na classificação das variantes, apesar de, como vimos na fundamentação teórica, algumas delas serem diferentes de uma obra para outra.

Realizamos uma busca exaustiva nessas duas obras, partindo dos termos científicos que já tínhamos em mãos e colhendo todas as variantes encontradas. A vantagem de utilizar a versão eletrônica dessas duas obras foi, além de maior rapidez, encontrar termos que ocorriam apenas no interior de um verbete, o que não aconteceria se buscássemos nas obras impressas, procurando manualmente os termos em ordem alfabética.

Como equivalente para o termo *hordéolo*, por exemplo, encontramos, nos dicionários e tratados de Dermatologia em francês, apenas o termo *orgelet*. Nas obras de língua geral chegamos aos termos abaixo:

Português	Francês
hordéolo, terçol (<i>pop.</i>), treçol (<i>pop.</i>), terçó (<i>pop.</i>), treçó (<i>pop.</i>), torçol (<i>pop.</i>), torçolho (<i>pop.</i>), terçolho (<i>pop.</i>), terçogo (<i>lus.</i>)	orgelet, chalazion, compère-loriot, grain d'orge (<i>fam.</i>), loriot (<i>pop.</i>)

Concluída a pesquisa nessas obras, classificamos as variantes em português e em francês separadamente, estudando o comportamento desses termos em cada língua, para, em seguida, realizarmos um estudo comparado desses elementos. Pretendemos chegar a conclusões que procurem responder os questionamentos levantados inicialmente (cf. *Introdução*, p. 3) por meio desses estudos comparados.



RESULTADOS DA PESQUISA E ANÁLISE DOS DADOS

6. Quadro de equivalências terminológicas português – francês

Em nossa pesquisa, a busca dos equivalentes em francês deu-se com base nas relações conceituais estabelecidas entre os termos que compõem o sistema conceptual em português elaborado pela equipe do VMD. Esse aspecto metodológico é, a nosso ver, muito importante, visto que o sistema conceptual (árvore do domínio) “determina os limites do domínio sobre o qual se dá a pesquisa terminológica e é determinado pelo *corpus* da mesma e pela visão ou abordagem do terminólogo em relação ao domínio estudado” (BARROS, 2004, p. 114).

O sistema conceptual do VMD é do tipo hierárquico. Nesse tipo de relação, o conteúdo conceptual das unidades terminológicas dispostas nos diferentes níveis segue uma orientação que vai do genérico ao específico, ou seja, os conceitos superordenados têm superioridade no que diz respeito à extensão semântica, porém, uma inferioridade de compreensão, e vive-versa em relação aos conceitos subordinados.

O quadro de equivalências português – francês abaixo contempla os termos da Dermatologia que constituíram nosso objeto de estudo. Pertencem ao campo 4. Dermatoses (cf. *Introdução*). O “símbolo de classificação”, na segunda coluna, mostra em que parte do sistema conceptual se localiza cada termo. Os termos em negrito são os campos principais, mais genéricos, que englobam outros mais específicos. Alguns termos são classificados em dois campos distintos por possuírem mais de um hiperônimo. *Sífilis*, por exemplo, é uma *treponematoze* (campo 4.23) e também uma *doença sexualmente transmissível* (campo 4.27). Utilizamos a sigla *nenf*, significando “não encontrado em nenhuma fonte”, para indicar a ausência de equivalentes na língua de chegada.

	Símbolo de classificação	Português	Francês
1.	4.19.9.	urticária endêmica, urticária epidêmica	nenf
2.	4.19.10.	urticária medicamentosa	urticaire médicamenteuse
3.	4.19.11.	urticária subcutânea	nenf
4.	4.19.12.	urticária tuberosa	nenf
5.	4.19.13.	urticária maculosa, urticária macular	nenf
6.	4.19.14.	urticária nodular	urticaire nodulaire
7.	4.19.15.	urticária de contato, urticária física, urticária por agentes físicos	urticaire de contact, uticaire physique
8.	4.19.15.1.	urticária colinérgica, urticária do calor	uticaire cholinergique
9.	4.19.15.2.	urticária por pressão	uticaire retardée à la pression
10.	4.19.15.3.	urticária aquagênica	uticaire aquagénique
11.	4.19.15.4.	urticária ao frio, urticária do frio, urticária do congelamento	uticaire provoquée par le froid, urticaire au froid
12.	4.19.15.5.	urticária solar	uticaire solaire
13.	4.19.15.6.	urticária local ao calor	uticaire de contact à la chaleur
14.	4.19.15.7.	urticária vibratória	œdème angioivibrtoire
15.	4.19.15.8.	urticária factícia, dermatografismo, urticária <i>factitia</i> , reação de Ebbecke	dermographisme
16.	4.20.	angioedema, edema angioneurótico, doença de Bannister, edema de Quincke (circunscrito e periódico), úlcera tuberosa	œdème angioneurotique, œdème de Quincke, urticaire profonde
17.	4.20.1.	angioedema adquirido	œdème angioneurotique acquis
18.	4.20.2.	angioedema hereditário, edema angioneurótico familiar	œdème angiomateux héréditaire
19.	4.21.	bacteriose	dermatose bactérienne
20.	4.21.1.	piodermite, dermoepidermite microbiana, piodermatose, piodermia, piodermatite	pyodermite
21.	4.21.1.1.	impetigo, impetiginização, impetigo de Fox, impetigo contagioso, piose de Corlett, impetigem, salsugem (<i>pop.</i>)	impétigo, gourme (<i>vieilli pop. fam.</i>)
22.	4.21.1.1.1.	impetigo estafilocócico, impetigo bolhoso	impétigo bulleux
23.	4.21.1.1.2.	impetigo estreptocócico, impetigo de Tibbury Fox	impétigo non bulleux, impétigo croûteux
24.	4.21.1.2.	impetigo neonatal, impetigo neonatal de Ritter von Ritterschein, síndrome da pele escaldada estafilocócica, SSSS, <i>staphylococcal scalded skin syndrome</i>	syndrome d'épidermolyse staphylococcique du nourrisson, dermatite exfoliatrice staphylococcique du nourrisson, maladie de Ritter von Rittershein, nécrolyse épidermique staphylococcique, maladie de Ritter-Lyell, <i>staphylococcal scalded skin syndrome</i> , SSSS, syndrome staphylococcique des enfants ébouillantés, SSEE, staphylococcie exfoliante, dermatite exfoliatrice de Ritter von Rittershein du nouveau-né
25.	4.21.1.3.	hidroadenite, hidradenite, hidrosadenite (<i>desus.</i>)	hidrosadénite, hidradénite suppurée, idrosadénite, apocrinite, maladie de Verneuil
26.	4.21.1.4.	foliculite	folliculite, folliculite staphylococcique, infection folliculaire bactérienne
27.	4.21.1.4.1.	foliculite ostial, impetigo de Bockhardt,	impétigo de Bockhart, ostiofolliculite,

		osteofoliculite, foliculite superficial, perifoliculite	folliculite superficielle
28.	4.21.1.4.2.	furúnculo, furunculose, leicença, fruncho (<i>pop.</i>), frunco (<i>pop.</i>), frúnculo (<i>pop.</i>), bichoca (<i>pop.</i>), bichoco (<i>lus. pop.</i>), cabeça-de-prego (<i>pop.</i>), nascida (<i>pop.</i>), nascido (<i>pop.</i>).	furoncle, furoncle habituel, furoncle simple, clou (<i>fam.</i>)
29.	4.21.1.4.3.	antraz	anthrax
30.	4.21.1.4.4.	foliculite queloidiforme, acne quelóide, foliculite queloidiana da nuca, foliculite esclerosante, foliculite esclerosante e queloidiana da nuca	acné chéloïde
31.	4.21.1.4.5.	foliculite da barba, sicosse, sicosse da barba, sicosse vulgar	sycosis de la barbe
32.	4.21.1.4.6.	pseudofoliculite, pseudofoliculite da barba, pseudofoliculite da virilha	pseudofolliculite de la barbe
33.	4.21.1.4.7.	foliculite decalvante, alopecia folicular, foliculite descavante, doença de Quinquaud	folliculite décalvante, folliculite décalvante du cuir chevelu
34.	4.21.1.4.7.1.	sicosse lupóide, sicosse lupóide de Brocq	sycosis lupide
35.	4.21.1.4.8.	foliculite abscedante, <i>folliculitis abscedens et suffodiens</i> , foliculite dissecante do couro cabeludo	périfolliculite capitis abscedens
36.	4.21.1.4.9.	foliculite necrótica, acne necrótica, acne varioliforme, acne corrosiva, foliculite necrosante, foliculite necrotizante	acné varioliforme
37.	4.21.1.4.10.	foliculite perfurante, foliculite perfurante do nariz	folliculite perforante
38.	4.21.1.5.	hordéolo, terçol (<i>pop.</i>), treçol (<i>pop.</i>), terçó (<i>pop.</i>), treçó (<i>pop.</i>), torçol (<i>pop.</i>), torçolho (<i>pop.</i>), terçolho (<i>pop.</i>), terçogo (<i>lus.</i>)	orgelet, chalazion, compère-loriot (<i>pop.</i>), grain d'orge (<i>fam.</i>), loriot (<i>pop.</i>)
39.	4.21.1.6.	piodermite cancriforme, piodermite cancriforme da face, piodermite cancriforme (Covisa e Bejarano)	pyodermite chancriforme
40.	4.21.1.7.	periporite, miliária pustulosa, abscesso (das glândulas sudoríparas) do lactente	périorite
41.	4.21.1.8.	síndrome do choque tóxico, TSS, <i>toxic shock syndrome</i>	syndrome du choc toxique, SCTS, <i>toxic shock syndrom</i>
42.	4.21.1.9.	éctima, éctima tenebrante	ecthyma
43.	4.21.1.10.	erisipela, erisipela metastática, erisipela bolhosa, erisipela gangrenosa, erisipela recidivante, erisipela de repetição, mal-do-monte (<i>pop.</i>), mal-de-monte (<i>bras. NE pop.</i>), mal-da-praia (<i>bras.</i>), maldita (<i>bras. pop.</i>), esipra (<i>bras. N pop.</i>)	érysipèle, érisipèle, érésypèle
44.	4.21.1.11.	celulite	cellulite
45.	4.21.1.12.	abscesso, abscesso frio, abscesso quente, abscesso, apostema, postema	abcès cutané
46.	4.21.1.13.	fleimão, flegmão, freimão	phlegmon
47.	4.21.1.14.	escarlatina	scarlatine, deuxième maladie, fièvre scarlatine (vx.)
48.	4.21.2.	úlçera tropical, úlçera de Áden, úlçera de Malabar, úlçera fagedênica	ulcère tropical

49.	4.21.3.	erisipelóide, doença de Rosenbach, pseudoerisipela	érysipéloïde, maladie du rouget du porc, rouget du porc
50.	4.21.3.1.	erisipelóide cutânea	érysipéloïde cutanée
51.	4.21.3.1.1.	erisipelóide cutânea localizada	nenf
52.	4.21.3.1.2.	erisipelóide cutânea generalizada	nenf
53.	4.21.3.2.	erisipelóide sistêmica	nenf
54.	4.21.4.	escleroma, rinoscleroma	scélérôme nasal, rhinosclérôme
55.	4.21.5.	carbúnculo, antraz, anthrax, carbúnculo hemático	charbon, maladie des trieurs de laine, pustule maligne
56.	4.21.5.1.	carbúnculo cutâneo	charbon cutané
57.	4.21.5.1.1.	carbúnculo maligno, pústula maligna	pustule maligne
58.	4.21.5.1.2.	edema maligno	œdème malin
59.	4.21.5.2.	carbúnculo gastrointestinal, carbúnculo intestinal	charbon gastro-intestinal
60.	4.21.5.3.	carbúnculo pulmonar, carbúnculo por inoculação	charbon pulmonaire
61.	4.21.6.	infecção por <i>Pseudomonas aeruginosa</i>	infection cutanée due à <i>Pseudomonas aeruginosa</i>
62.	4.21.6.1.	síndrome de unha verde	syndrome des ongles verts
63.	4.21.6.2.	intertrigo	intertrigo
64.	4.21.6.3.	éctima gangrenoso, pioderma gangrenoso, dermatite gangrenosa infantil, pênfigo gangrenoso, gangrena cutânea disseminada	ecthyma gangréneux, pyodermite gangréneuse, pyodermite phagédénique, <i>pyoderma gangrenosum</i>
65.	4.21.7.	corinebacteriose cutânea	nenf
66.	4.21.7.1.	eritrasma	érythrasma
67.	4.21.7.2.	tricomiose palmelina, tricomiose axilar, tricomiose nodosa, tricomiose cromática, tricomiose nodular, triconocardíase axilar, lepotricose, leptofix, doença de Plaxton, corinebacteriose palmelina,	trichobactériose, trichomycose axillaire
68.	4.21.7.3.	ceratólise pontuada, ceratólise plantar, <i>keratolysis</i> plantar sulcada de Castellani, queratólise plantar sulcada, queratólise puntuada Plaxton	kératolyse ponctuée, kératolyse ponctuée des pieds macérés, <i>kératolysis plantare sulcatum</i>
69.	4.21.7.4.	difteria cutânea, difteria superficial, difteria profunda	diphtérie cutanée
70.	4.21.7.5.	uretrite	urétrite
71.	4.21.7.6.	vaginite, colpíte, elítrite	vulvo-vaginite, vaginite
72.	4.21.8.	sudoku, febre da mordida do rato, febre de Haverhill	sudoku
73.	4.21.9.	balanopostite erosiva e circinada, balanite erosiva e circinada	balanite érosive et circinée
74.	4.21.10.	verruga peruana, doença de Carrion, plano hemorrágico, verruga dos Andes, febre de Oroya, verruga-peruana, verruga-do-peru, bartonelose	<i>verruga peruana</i> , <i>verruga pervana</i> , maladie de Carrion, bartonellose
75.	4.21.11.	rickettsiose, rickettsíase	rickettsiose
76.	4.21.11.1.	angiomatose bacilar	angiomatose bacillaire
77.	4.21.11.2.	linforreticulose de inoculação benigna, linforreticulose benigna de inoculação, doença da arranhadura do gato, DAG	lymphoréticulose bénigne d'inoculation, maladie des griffes du chat
78.	4.22.	micobacteriose	mycobactérioses cutanées
79.	4.22.1.	hanseníase, hansenose, micobacteriose	lèpre, maladie de Hansen, ladrerie (vx),

		neurocutânea, lepra, leprose, doença de Hansen, mal de Hansen, gafa (<i>pop. obsol.</i>), gafo (<i>pop. obsol.</i>), lazeira (<i>pop.</i>), elefantíase-dos-gregos (<i>pop.</i>), mal-bruto (<i>pop.</i>), mal-de-lázaro (<i>pop.</i>), mal-de-são-lázaro (<i>pop.</i>), mal-morfético (<i>pop.</i>), morfêia, mal (<i>bras. S</i>), mal-do-sangue, (<i>bras. pop.</i>), mal-de-cuia (<i>bras. SP pop.</i>), guarucaia (<i>bras.</i>), macota (<i>bras.</i>), macutena (<i>bras. MG</i>)	gangrène (<i>fig. vieilli</i>) choléra (<i>méton. vx</i>), galé (<i>méton.. vx</i>), peste (<i>méton.. vx</i>)
80.	4.22.1.1.	hanseníase indeterminada, hanseníase incaracterística, hanseníase indiferenciada, HI	lèpre indéterminée
81.	4.22.1.2.	hanseníase virchowiana, lepra lepromatosa, HV	lèpre lépromateuse (formes BB, BL, LI, MB), lèpre L, lèpre BL
82.	4.22.1.2.1.	hanseníase virchowiana históide	nenf
83.	4.22.1.2.2.	hanseníase virchowiana difusa, lepra bonita de Latapi, lepra de Lúcio, lepra manchada, lepra lazarina, lepromatose difusa pura e primitiva	nenf
84.	4.22.1.3.	hanseníase dimorfa, hanseníase <i>boderline</i> , hanseníase <i>boderline</i> de Wade, HB	lèpre de type intermédiaire atypique, borderline (BB) proprement dite
85.	4.22.1.4.	hanseníase tuberculóide, lepra nervosa, lepra cutânea, lepra nodular, HT, lepra tuberculóide tórpida, reação tuberculóide, hanseníase tuberculóide em reação	lèpre tuberculoïde (formes TI, BT, PB), lèpre T, lèpre BT
86.	4.22.1.4.1.	hanseníase tuberculóide infantil, lepra tuberculóide nodular da infância	nenf
87.	4.22.2.	tuberculose cutânea, tuberculose da pele, tuberculose dérmica	tuberculose cutanée, tuberculose de la peau et du scrofuloderma, <i>cutis tuberculosis</i> , dermal tuberculosis tissu cellulaire sous-cutané
88.	4.22.2.1.	tuberculose, tuberculose cutânea propriamente dita, tuberculose cutânea primária, tuberculose primária, tuberculose secundária	tuberculose, tuberculose cutanée vraie
89.	4.22.2.1.1.	complexo primário tuberculoso, cancro tuberculoso, cancro de inoculação primária, complexo primário da pele	complexe primaire tuberculeux, chancre tuberculeux primitif
90.	4.22.2.1.2.	tuberculose coliquativa, escrofuloderma, escrófulo tuberculoso, escrofulodermia, escrofulodermia tuberculosa, escrofulodermia ulcerativa	scrofuloderme, écrouelles
91.	4.22.2.1.3.	tuberculose verrucosa, tuberculose verrucosa da pele, tubérculo dos anatomistas, tubérculo anatômico, verruga necrogênica, verruga anatômica, verruga tuberculosa, lupo verrucoso, lupo papulomatoso, escrofulodermia verrucosa, escrofulofima	tuberculose verruqueuse
92.	4.22.2.1.4.	tuberculose luposa, tuberculose luposa da pele, <i>tuberculosis luposa cutis</i> , lúpus vulgar, lúpus tuberculoso	lupus vulgaire
93.	4.22.2.1.5.	tuberculose ulcerosa, tuberculose orificial, tuberculose orificiella	tuberculose orificielle

		tuberculose orificial da pele, tuberculose cutânea dos orifícios	
94.	4.22.2.1.6.	tuberculose cutânea miliar aguda, tuberculose miliar disseminada, tuberculose aguda, tuberculose miliar aguda	tuberculose miliaire, tuberculose miliaire aiguë
95.	4.24.2.2.	tubercúlido, tuberculose cutânea secundária	tuberculide
96.	4.22.2.2.1.	tubercúlido papulóide necrótica, tubercúlido papulonecrótica, acne agminata, tuberculose papulonecrótica, tuberculose disseminada folicular da pele	tuberculides papulo-nécrotiques
97.	4.22.2.2.2.	tubercúlido liquenóide, tubercúlido papular, <i>lichen scrofulosorum</i> , líquen <i>scrofulosorum</i> , líquen escrofuloso, escrofulodermia papular	lichen <i>scrofulosorum</i>
98.	4.22.2.2.3.	tubercúlido micropapolusa	nenf
99.	4.22.2.2.3.1.	tubercúlido micropapolusa acneiforme, <i>acnitis</i>	actinis de Barthélémy, tuberculides papulonodulaires
100.	4.22.2.2.3.2.	tubercúlido micropapolusa lupóide	nenf
101.	4.22.2.2.4.	tuberculose endurativa de Bazin, eritema indurado (de Bazin), tuberculose endurativa da pele, tuberculose cutânea endurativa, doença de Bazin	érythème induré de Bazin
102.	4.22.3.	micobacteriose atípica	infection atypique à Mycobacterium, mycobactérie atypique
103.	4.22.3.1.	micobacteriose granulomatosa da piscina, granuloma da piscina	granulome des piscines, maladie des aquariums
104.	4.22.3.2.	micobacteriose atípica ulcerada, úlcera de Buruli, ulceração micobacteriana, ulceração crônica por <i>Mycobacterium ulcerans</i>	ulcère de Buruli
105.	4.23.	treponematose, treponemíase, treponemose	tréponématose
106.	4.23.1.	sífilis, lues, lues venérea, mal venéreo, sífilis <i>d'emblée</i> , cancro profissional, avariose, mal-americano (<i>pop.</i>), mal-canadense (<i>pop.</i>), mal-céltico (<i>pop.</i>), mal-da-baía-de-são-paulo (<i>pop.</i>), mal-de-coito (<i>pop.</i>), mal-de-fíume (<i>pop.</i>), mal-de-franga (<i>pop.</i>), mal-de-frenga (<i>pop.</i>), mal-de-nápoles (<i>pop.</i>), mal-de-santa-eufêmia (<i>pop.</i>), mal-de-são-jó (<i>pop.</i>), mal-de-são-névio (<i>pop.</i>), mal-de-são-semento (<i>pop.</i>), mal-dos-cristãos (<i>pop.</i>), males (<i>pop.</i>), mal-escocês (<i>pop.</i>), mal-francês (<i>pop.</i>), mal-gálico (<i>pop.</i>), mal-germânico (<i>pop.</i>), mal-ilírico (<i>pop.</i>), mal-napolitano (<i>pop.</i>), mal-polaco (<i>pop.</i>), mal-turco (<i>pop.</i>), gálico (<i>pop.</i>), venéreo (<i>pop.</i>)	syphilis, chtouille (<i>arg.</i>), vérole (<i>pop.</i>), le mal français, le mal de Naples, grosse vérole (<i>obsol.</i>)
107.	4.23.1.1.	sífilis congênita, sífilis pré-natal, sífilis hereditária	syphilis congénitale, hérédosyphilis (<i>impr.</i>)
108.	4.23.1.1.1.	sífilis congênita recente, sífilis congênita precoce, pênfigo sífilítico, sífilide	syphilis précoce, syphilis précoce primosecondaire, syphilis congénitale

		penfigóide	précoce
109.	4.23.1.1.2.	sífilis congênita tardia, sífilis hereditária tardia	syphilis tardive, syphilis congénitale tardive
110.	4.23.1.2.	sífilis adquirida	syphilis acquise
111.	4.23.1.2.1.	sífilis adquirida recente, sífilis precoce	nenf
112.	4.23.1.2.1.1.	sífilis primária, protossífilis, sífilis redux, sífilis decapitada	syphilis primaire
113.	4.23.1.2.1.2.	sífilis secundária, mesossífilis, sífilis recidivante, sífilis maligna precoce	syphilis secondaire, syphilis secondaire de la peau et des muqueuses, roséole
114.	4.23.1.2.1.3.	sífilis recente latente	syphilis précoce latente
115.	4.23.1.2.2.	sífilis adquirida tardia	nenf
116.	4.23.1.2.2.1.	sífilis tardia latente	syphilis tardive latente
117.	4.23.1.2.2.2.	sífilis terciária, sífilis tardia, sífilis cutânea tardia, goma sífilítica, sífilis cardiovascular, sífilis nevosa, neurosífilis	syphilis tertiaire, syphilis tardive, gomme
118.	4.23.2.	framboesia, framboésia, boubá, piã (<i>bras.</i>), pian, rúpia, botão de Amboíma, micose framboesióide, polipapiloma, papiloma zimótico, granuloma tropical	pian, yaws, framboesia, boubá, epian, goundou, tonga
119.	4.23.3.	pinta, caraté, puru-puru (<i>bras. pop.</i>), azul, doença manchada (<i>pop.</i>), mal das pintas (<i>pop.</i>), mal-da-pinta, mal-do-pinto, purupuru (<i>bras. pop.</i>)	pinta, caraté, <i>mal del pinto</i> , tache
120.	4.24.	micose, micose fungóide, dermomicose, dermatomicose, epidermomicose	mycose, dermatoses mycosiques
121.	4.24.1.	micose fungóide <i>d'emblée</i>	mycose tumorale d'emblée (Vidal-Brocq)
122.	4.24.2.	micose superficial	mycose superficielle
123.	4.24.2.1.	cerafitose, micose saprofitária, saprofícea de Unna	nenf
124.	4.24.2.1.1.	pitiríase versicolor, acromia parasitária, cromofitose, tinea versicolor, tinea furfurácea, tinea da pele glabra, doença de Eichstedt	pityriasis versicolor
125.	4.24.2.1.2.	pitiríase nigra, cerafitose negra, tinha negra, tinha negra palmar	pityriasis nigra, tinea nigra, <i>keratomycosis nigricans</i> palmaire, cladosporiose épidermique, microsporose noire
126.	4.24.2.2.	dermatofitose, dermofitose, epidermofitose, tinha, dermatofitose granulomatosa localizada tipo Majocchi, dermatofitose granulomatosa localizada tipo Wilson-Cremer, dermatofitose generalizada tipo Azulay, dermatofitose generalizada tipo Artom, dermatofitose generalizada tipo Pelevine-Tchermogouboff, dermatofitose inflamatória tipo quérion (Kérion Celsi), dermatofitose inflamatória tipo sicose tricofítica, dermatofitose inflamatória tipo <i>folliculitis capitis abscedens et suffodiens</i> , porrigem	dermatophytose, dermatophitie, mycose dermatophytique
127.	4.24.2.2.1.	dermatofitose do couro cabeludo, <i>tinea capitis</i> , tricoficose da cabeça, <i>tinea tonsurans</i> , tinha da cabeça, tinha fávica, favo, tinha favosa (<i>obsol.</i>), tinha vera,	dermatophytose du cuir chevelu, teigne, teigne du cuir chevelu, dermatophytie du cuir chevelu, pelade, favus

		herpes tonsurante, porrigo furfurans, porrigo favoso, porrigo lupinoso	
128.	4.24.2.2.2.	dermatofitose do corpo, <i>tinea corporis</i> , <i>tinea circinata</i> , tricoficose do corpo, tinha do corpo, tinha da pele glabra, herpes tonsurante	dermatophytie de la peau glabre, dermatophytose de la peau glabre, herpès circiné
129.	4.24.2.2.3.	dermatofitose marginada, <i>tinea cruris</i> , <i>tinea inguinal</i> , tinha da pele glabra, tricoficose crural, eczema marginado de hebra, tinha crural, coceira de jóquei, prurido de jóquei, prurido de lavandeiro nativo	eczéma marginé de Hebra, dermatophytie inguinale
130.	4.24.2.2.4.	dermatofitose dos pés, <i>tinea pedis</i> , dermatomicose dos pés, epidermofitose dos pés, epidermofitose interdigital dos pés, intertrigo interpododáctilo, tinha da pele glabra, tinha dos pés, pé-de-Hong-Kong, pé-de-atleta, frieira	teigne du pied, dermatophytose du pied, dermatophytose interdigito-plantaire, dermatophytose des pieds, pied d'athlète
131.	4.24.2.2.5.	dermatofitose das mãos, <i>tinea manum</i> , pitiríase nigra, <i>tinea nigra</i> , tinha das mãos, tinha da pele glabra	teigne de la main, dermatophytose de la main, dermatophytose palmaire
132.	4.24.2.2.6.	dermatofitose imbricata, <i>tinea imbricata</i> , <i>tinea da Birmânia</i> , <i>tinea circinata tropical</i> , <i>tinea tropical</i> , tinha chinesa, tinha da Índia, tinha de Toquelau, tinha oriental, tinha da ilha de Bowditch, tinha escamosa, prurido de Malabar, lota de Toquelau, herpes descamativo, chimberê	teigne imbriquée, Tokelau, <i>tinea imbricata</i>
133.	4.24.2.2.7.	dermatofitose ungueal, <i>tinea unguium</i> , tinha das unhas, onicomiose	tigne de l'ongle, dermatophytose de l'ongle, onychomycose, onychomycose à dermatophytes, dermatophytie unguéale
134.	4.24.2.2.8.	dermatofitose da face, <i>tinea faciale</i> , <i>tinea da pele glabra</i> , <i>tinea glabrosa</i>	nenf
135.	4.24.2.2.9.	dermatofitose da barba, <i>tinea barbae</i> , tinha da barba, mentagra (<i>impr.</i>), coceira de barbeiro (<i>pop.</i>)	teigne de la barbe
136.	4.24.2.2.10.	dermatofitides, mícides	dermatophytide
137.	4.24.2.3.	candidíase, candidose, monilíase	candidose, candidíase, monilíase
138.	4.24.2.3.1.	candidíase cutânea	candidose cutanée
139.	4.24.2.3.1.1.	candidíase intertriginosa, intertrigo, intertrigo inflamamário, intertrigo crural, intertrigo interdigital, <i>erosio digitalis blastomycetica</i> , intertrigem, assadura (<i>pop.</i>), assado (<i>pop.</i>)	intertrigo, intertrigo candidosique
140.	4.24.2.3.1.2.	oníquia	onyxis, onyxis à candida
141.	4.24.2.3.1.3.	paroníquia, panarício, panariz, paroniquia	périonyxis, périonyxis à candida
142.	4.24.2.3.1.4.	candidídes	candidide [lévuride]
143.	4.24.2.3.1.5.	candidíase cutânea generalizada, candidose disseminada	candidoses cutané-muqueuses chroniques, CCMC
144.	4.24.2.3.1.6.	granuloma candidiásico	granulome candidosique
145.	4.24.2.3.2.	candidíase mucosa	candidose muqueuse
146.	4.24.2.3.2.1.	candidíase oral	candidose buccale
147.	4.24.2.3.2.1.1.	estomatite cremosa, sapinho (<i>pop.</i>) sapinhos (<i>pop.</i>), farfalho	stomatite à candida, muguet buccal, muguet, candidose pseudomembraneuse

			aiguë, stomatite candidosique, stomatite aiguë, stomatite crêmeuse, blanchet (vx.)
148.	4.24.2.3.2.1.2.	queilite angular, perleche, boqueira (<i>pop.</i>), quilite comissural, boqueiro (<i>pop.</i>), canto-de-passarinho (<i>bras. BA pop.</i>), canto-de-sabiá (<i>bras. pop.</i>), sabiá (<i>pop.</i>)	chéilite commissurale, perlèche, pourlèche
149.	4.24.2.3.2.2.	candidíase vulvo-vaginal	candidose de la vulve et du vagin, vulvovaginite, vulvovaginite à candida
150.	4.24.2.3.2.2.1.	balanite, bálano-postite candidósica	balanite
151.	4.24.2.3.3.	candidíase de órgãos internos	nenf
152.	4.24.3.	micose profunda, micose subcutânea	mycose profonde, mycose rare
153.	4.24.3.1.	esporotricose	sporotrichose, gomme
154.	4.24.3.1.1.	esporotricose cutânea	sporotrichose cutanée
155.	4.24.3.1.1.1.	esporotricose gomosa	sporotrichose gomeuse typique
156.	4.24.3.1.1.2.	esporotricose abscedante	nenf
157.	4.24.3.1.1.3.	esporotricose verrucosa	sporotrichose verruqueuse
158.	4.24.3.1.1.4.	esporotricose papulosa, esporotricose cutânea acneiforme	nenf
159.	4.24.3.1.1.5.	esporotricose disseminada, doença de Beurmann	sporotrichose disséminée
160.	4.24.3.1.2.	esporotricose linfático-ganglionar, linfangite nodular ascendente, cancro esporotricósico	chancre d'inoculation
161.	4.24.3.1.3.	esporotricose das mucosas e de órgãos internos	sporotrichose cutaneo-muqueuse
162.	4.24.3.2.	blastomicose	blastomycose
163.	4.24.3.2.1.	blastomicose sul-americana, paracoccidioidomicose, granuloma paracoccidióideo, blastomicose brasileira, doença de Lutz-Splendore-Almeida	blastomycose sud-américaine, blastomycose brésilienne
164.	4.24.3.2.1.1.	blastomicose sul-americana na forma cutânea	nenf
165.	4.24.3.2.1.1.1.	blastomicose sul-americana na forma papulosa	nenf
166.	4.24.3.2.1.1.2.	blastomicose sul-americana na forma tuberosa e túbero-ulcerosa	nenf
167.	4.24.3.2.1.1.3.	blastomicose sul-americana na forma ulcerosa e úlcero-vegetante, blastomicose perianal, blastomicose peniana	nenf
168.	4.24.3.2.1.1.4.	blastomicose sul-americana na forma abscedante	nenf
169.	4.24.3.2.1.1.5.	blastomicose sul-americana na forma lupóide	nenf
170.	4.24.3.2.1.2.	blastomicose sul-americana na forma mucosa	nenf
171.	4.24.3.2.1.3.	blastomicose sul-americana na forma ganglionar	nenf
172.	4.24.3.2.1.4.	blastomicose sul-americana na forma visceral e ósteo-articular	nenf
173.	4.24.3.2.2.	blastomicose queloidiana, micose de Jorge Lobo, doença de Jorge Lobo, lobomicose	lobomycose, blastomycose chéloïdienne, maladie de Lobo, maladie de Jorge Lobo
174.	4.24.3.2.3.	blastomicose norte-americana, blastomicose de Gilchrist	blastomycose nord-américaine, maladie de Gilchrist

175.	4.24.3.3.	cromomicose, micose de Pedroso e Lane, dermatite verrucosa cromoparasitária	chromomycose, chromoblastomycose, dermatite verruqueuse
176.	4.24.3.4.	feoifomicose, feohifomicose	phæohyphomycose
177.	4.24.3.5.	histoplasnose	histoplasnose, histoplasnose americana, histoplasnose de Danling, histoplasnose à « petites formes », histoplasnose à « grandes formes »
178.	4.24.3.6.	coccidioidomicose, moléstia de Posada-Wernike, febre de São Joaquim	coccidioïdomycose, fièvre de la vallée de San Joaquim, rhumatisme du désert, maladie de Posadas ou Wernicke, coccidioïdose, coccidiomycose
179.	4.24.3.7.	criptococose, torulose, blastomicose européia, moléstia de Busse-Buschke	cryptococcose, torulose
180.	4.24.3.8.	rinosporidiose	rhinosporidose, rhinosporidiose
181.	4.24.3.9.	micetoma	mycétome
182.	4.24.3.9.1.	actinomicose, actinomicetose	actinomycose, nocardiose
183.	4.24.3.9.1.1.	actinomicose cérvico-facial	actinomycose cervico-faciale, actinomycose cervicale
184.	4.24.3.9.1.2.	actinomicose tóraco-pulmonar	actinomycose pulmonaire
185.	4.24.3.9.1.3.	actinomicose abdominal	actinomycose abdominale
186.	4.24.3.9.1.4.	actinomicose podálica	neuf
187.	4.24.3.9.2.	maduromicose, pé-de-madura	maduromycose, pied de Madura mycosique, eumycétome, mycétome eumycosique
188.	4.24.3.9.3.	botriomicose, actinifitose estafilocócica, granuloma piogênico, pseudomicose bacteriana	botriomycome, granulome inflammatoire hypertrophique, granulome pyogénique
189.	4.24.3.10.	zigomicose	zygomycose
190.	4.24.3.10.1.	rinozigomicose, mucormicose, ficomicose, zigomicose visceral	mucormycose
191.	4.24.3.10.2.	entomorfitoromicose subcutânea, zigomocose subcutânea	phycomycose sous-cutanée, basidiobolomycose
192.	4.24.3.10.3.	rinoentomofitoromicose, zigomicose muco-cutânea	rhinophycomycose, conidiomycose, entomophthorose, entomophthoromycose
193.	4.25.	afecção sebácea	pathologie sébacée, lésion sébacée
194.	4.25.1.	seborréia, esteatorréia, hiperesteatose	dermite séborrhéique, séborrhée
195.	4.25.2.	acne, acne juvenil, acne vulgar, acne da adolescência, acne comedoniana, acne polimorfa, acne papulosa, acne pustulosa, acne indurata, acne cística, acne flegnomosa	acné, acné vulgaire
196.	4.25.2.1.	acne conglobata	acné conglobata
197.	4.25.3.	erupção acneiforme, EA, acne induzida, elaiocomicose	eruption acneiforme
198.	4.25.3.1.	acne infantil, acne neonatal	acné infantile, acné du nourrisson, acné néonatale
199.	4.25.3.2.	acne escoriada	acné excoriée, acné excoriée des jeunes filles
200.	4.25.3.3.	acne pré-menstrual do adulto	neuf
201.	4.25.3.4.	acne ocupacional	acné de contact
202.	4.25.3.5.	acne cosmética, acne por cosmético	acné cosmétique de la femme
203.	4.25.3.6.	acne medicamentosa	acné médicamenteuse, acné iatrogène médicamenteuse

204.	4.25.3.7.	acne tropical	acné tropicale
205.	4.25.3.8.	acne oclusiva, acne mecânica	nenf
206.	4.25.3.9.	acne solar, acne estival, acne de Majorca, acne praiana	nenf
207.	4.25.3.10.	acne endócrina	nenf
208.	4.25.3.11.	rosácea, acne rosácea, rosácea ocular, rinofima, acne rosáceo	rosacée, acné rosacée, couperose
209.	4.25.3.12.	dermatite perioral	dermite périorale, dermite péri-orale
210.	4.26.	afecção granulomatosa	lésion granulomateuse de la peau et du tissu cellulaire sous-cutané
211.	4.26.1.	sarcoidose, doença de Boeck, sarcóide de Boeck, moléstia de Besnier-Boeck-Schaumann, síndrome de Besnier-Boeck-Schaumann, doença de Besnier-Boeck-Schaumann, síndrome de Schaumann, sarcóide cutâneo múltiplo, linfogranulomatose benigna, lupóide benigno, lúpus pérnio, eritrodermia hipodérmica, sarcóide hipodérmico, sarcóide infiltrativo difuso em placa, doença de Boeck-Schaumann	sarcoïdose, maladie de Besnier-Bœck-Schaumann, sarcoïdose cutanée
212.	4.26.2.	granuloma anular, <i>granuloma annulare</i>	granulome annulaire
213.	4.26.2.1.	granuloma anular de forma típica, eritema polimorfo, eritema arciforme dérmico	érythème polymorphe
214.	4.26.2.2.	granuloma anular de forma disseminada	nenf
215.	4.26.2.3.	granuloma anular de forma nodular, granuloma anular nodular	nenf
216.	4.26.2.4.	granuloma anular de forma perfurante	granulome annulaire perforant, élastome perforant
217.	4.26.3.	granuloma multiforme	nenf
218.	4.26.4.	necrobiose lipóidica, <i>necrobiosis lipoidica</i> , <i>necrobiosis lipoidica diabetorum</i> , necrobiose lipóidica diabética, necrobiose lipóidica <i>diabeticorum</i> (Oppenheim Urbach)	nécrobiose lipoïdique
219.	4.26.4.1.	granuloma anular elastolítico, granuloma actínico, granuloma actínico de O'Brien	granulome actinique
220.	4.26.5.	nódulo reumatóide	nodule rhumatoïde, nodule rhumatismal
221.	4.26.6.	granuloma de corpo estranho	granulome à corps étranger, granulome cutané et sous-cutané dû à la présence d'un corps étranger
222.	4.26.7.	queilite granulomatosa, síndrome de Melkerson-Rosenthal	syndrome de Melkersson-Rosenthal
223.	4.27.	doença sexualmente transmissível, DST, doença venérea (obsol.), doença social (pop.)	maladie sexuellement transmise, maladie sexuellement transmissible, maladie vénérienne (vieilli), (par euphém.) maladie honteuse (fam.), vilaine maladie (vieilli), maladie secrète, mauvaise maladie
224.	4.27.1.	sífilis, avariose, lues, mal-americano (pop.), mal-canadense (pop.), mal-céltico (pop.), mal-da-baía-de-são-paulo (pop.), mal-de-coito (pop.), mal-de-fiúme (pop.),	syphilis, chtouille (arg.), vérole (pop.), le mal français, le mal de Naples, grosse vérole

		mal-de-franga (<i>pop.</i>), mal-de-frenga (<i>pop.</i>), mal-de-nápoles (<i>pop.</i>), mal-de-santa-eufêmia (<i>pop.</i>), mal-de-são-jó (<i>pop.</i>), mal-de-são-névio (<i>pop.</i>), mal-de-são-semento (<i>pop.</i>), mal-dos-cristãos (<i>pop.</i>), males (<i>pop.</i>), mal-escocês (<i>pop.</i>), mal-francês (<i>pop.</i>), mal-gálico (<i>pop.</i>), mal-germânico (<i>pop.</i>), mal-ilírico (<i>pop.</i>), mal-napolitano (<i>pop.</i>), mal-polaco (<i>pop.</i>), mal-turco (<i>pop.</i>), gálico (<i>pop.</i>), venéreo (<i>pop.</i>)	
225.	4.27.2.	gonorréia, blenorragia, esquentamento (<i>pop.</i>), pingadeira (<i>pop.</i>), purgação (<i>pop.</i>)	infection à gonocoques, blennorragie, gonococcie, infection gonococcique, chaude-pisse (<i>fam.</i>), chtouille (<i>arg.</i>), chaudepisse (<i>pop. vulg.</i>), chaude-lance (<i>pop.</i>) castapiane (<i>arg. iron.</i>), échauffement (<i>vieilli</i> ou <i>pop.</i>) (blennorragie légère)
226.	4.27.3.	uretrite não-gonocócica, UNG, uretrite inespecífica, uretrite pós-gonocócica, NGU, <i>non gonococcal urethritis</i>	urétrite non gonococcique
227.	4.27.4.	cancro mole, cancro venéreo simples, cancroíde, doença de Ducrey	chancre mou, chancrille, chancre simple, chancroíde
228.	4.27.5.	linfogranuloma venéreo, linfogranuloma inguinal, <i>lymphogranuloma venereum</i> , LGV, linfogranulomatose inguinal subaguda, quarta moléstia venérea, sexta moléstia venérea, bulcão climático, bulcão venéreo, bulcão tropical, adenite climática, doença de Frei, moléstia de Nicolas-Durand-Favre, doença de Nicolas Favre, linfopatia venérea, mula (<i>pop.</i>)	lymphogranulome vénérien, lymphogranulomatose vénérienne lymphogranulomatose inguinale, LGV, lymphogranulomatose inguinale subaiguë, bubon climatique ou tropical, lymphogranulomatose vénérienne à Chlamydia, maladie de (Durand-) Nicolas-Favre, maladie de Nicolas-Favre,
229.	4.27.6.	granuloma venéreo tropical, granuloma contagioso, úlcera serpiginosa	donovanose, granulome vénérien tropical, granulome ulcéreux tropical, granulome inguinal
230.	4.27.7.	síndrome da imunodeficiência adquirida, AIDS, SIDA	syndrome d'immunodéficience acquise SIDA, arc (<i>angl.</i>)
231.	4.27.8.	herpes simples genital, herpes <i>catarrhalis</i>	herpès génital, primo-infection herpétique génitale, infection des organes génitaux et de l'appareil génito-urinaire par le virus de l'herpès
232.	4.27.9.	doença entérica	maladie entérique
233.	4.28.	dermatose pré-cancerosa	carcinogénese, lesion précancéreuse, cancérigene, oncogene (didact), cancérogène (racomm. offic.)
234.	4.28.1.	ceratose actínica, ceratose senil, ceratose solar, queratose solar, queratose actínica, queratose senil	kératose actinique
235.	4.28.2.	ceratose tóxica	keratose due à l'absorption prolongée d'arsénique
236.	4.28.3.	radiodermite, radiodermatite, actinodermatite	radiodermite
237.	4.28.3.1.	radiodermite aguda, radiodermatite aguda	radiodermite aiguë
238.	4.28.3.2.	radiodermite crônica, radiodermatite crônica	radiodermite chronique, radiodermite chronique tardive

239.	4.28.4.	úlceras de Marjolin	ulcère de Marjolin
240.	4.28.5.	leucoplasia	leucoplasie
241.	4.28.6.	queilite, quilite	cheilite, chéilite
242.	4.28.6.1.	queilite glandular simples	cheilite glandulaire
243.	4.28.6.2.	queilite actínica	cheilite liée à une irradiation
244.	4.28.6.3.	queilite glandular apostematosa de Puente, queilite glandular apostematosa	chéilite glandulaire apostemateuse
245.	4.28.7.	epitelioma intra-epidérmico de Borst-Jadassohn, epitelioma de Borst-Jadassohn	épithéliome intra-épidermique de Borst-Jadassohn
246.	4.28.8.	doença de Bowen, DB, moléstia de Bowen	maladie de Bowen, carcinome infra-épidermique
247.	4.28.9.	xeroderma pigmentar	<i>xeroderma pigmentosum</i>
248.	4.28.10.	albinismo, albinia	albinisme, albinisme oculocutané, albinisme oculo-cutané
249.	4.28.11.	ataxia telangiectásica	ataxie télangiectasique [Louis-Bar], ataxie-télangiectasie
250.	4.29.	neoplasia epitelial	tumeur épithéliale
251.	4.29.1.	neoplasia benigna da epiderme	tumeurs bénignes de la peau, tumeurs épithéliales bénignes
252.	4.29.1.1.	nevo epidérmico verrucoso	nævus verruqueux
253.	4.29.1.2.	nevo comedônico	nenf
254.	4.29.1.3.	ceratose seborréica, queratose seborréica, verruga seborréica, verruga senil	kératose séborrhéique, verrue séborrhéique
255.	4.29.1.4.	ceratose seborréica hipocrômica	nenf
256.	4.29.1.5.	stucco-keratosis, estucoqueratose, queratose estucada, stucco queratose	stuccokératose
257.	4.29.1.6.	papulose nigra, dermatose papulosa nigra	dermatose papuleuse noire
258.	4.29.1.7.	granuloma fissuratum	nenf
259.	4.29.1.8.	acantoma de células claras, acantoma de Degos	acantome à cellules claires, maladie de Degos
260.	4.29.1.9.	nevo espongiforme branco, nevo branco esponjoso, nevo esponjoso branco, nevo epitelial oral	nævus blanc spongieux
261.	4.29.2.	neoplasia benigna folicular	tumeurs d'origine pileaire
262.	4.29.2.1.	ceratoacantoma, queratoacantoma, querato-acantoma, molusco sebáceo	kérato-acanthome
263.	4.29.2.2.	pilomatrixoma, epitelioma calcificante de Malherbe, epitelioma calcificado de Malherbe	pilomatrixome, épithélioma momifié de Malherbe, pilomatricome, tumeur de Malherbe
264.	4.29.2.3.	tricofoliculoma, nevo do folículo piloso	trichofolliculome
265.	4.29.2.4.	tricoepitelioma, adenoma sebáceo tipo Balzer, adenoma sebáceo tipo Balzer-Menetrier, epitelioma adenóide cístico, trico-epitelioma papuloso múltiplo, epitelioma cístico múltiplo benigno	trichoépithéliome, tricho-épithéliome
266.	4.29.2.5.	tricolemoma, triquilemoma	tricholemmome
267.	4.29.2.6.	tricodiscoma	trichodiscome
268.	4.29.2.7.	tumor triquilemial proliferativo	tumeur trichilemmale proliférante
269.	4.29.2.8.	ceratose folicular invertida, acantoma folicular intra-epidérmico, poroma folicular	porome folliculaire, kératose folliculaire inversée
270.	4.29.2.9.	tricoadenoma	nenf
271.	4.29.3.	neoplasia benigna sebácea	nenf

272.	4.29.3.1.	nevo sebáceo, nevo organóide	nævus sébacé
273.	4.29.3.2.	adenoma sebáceo	adénome sébacé
274.	4.29.3.3.	hiperplasia sebácea senil, nevo sebáceo senil	hyperplasie sébacée sénile
275.	4.29.4.	neoplasia benigna da glândula sudorípara écrina	nenf
276.	4.29.4.1.	siringoma, hidradenoma	syringome, hidradénome
277.	4.29.4.1.1.	hidradenoma eruptivo	hidradénome éruptif
278.	4.29.4.1.2.	hidradenoma das pálpebras inferiores	hidradénome des paupières
279.	4.29.4.2.	siringoma condróide	syringome chondroïde, tumeur mixte de la peau
280.	4.29.4.3.	poroma écrino, acrospiroma écrino	porome eccrine
281.	4.29.4.4.	espiradenoma écrino, espiroadenoma écrino, espiroma écrino	spiradénome eccrine, spiradénome
282.	4.29.4.5.	hidroadenoma de células claras, hidradenoma de células claras, hidroadenoma sólido-cístico, hidradenoma écrino, adenoma das glândulas sudoríparas écrinas	hidradénome à cellules claires, hidradénome nodulaire eccrine
283.	4.29.4.6.	cilindroma, <i>tumours turbans</i> , tumor em turbante, tumor de Spiegler	cylindrome
284.	4.29.5.	neoplasia benigna da glândula sudorípara apócrina	nenf
285.	4.29.5.1.	siringocistadenoma papilífero, nevo siringocistadenomatoso papilífero	syringo-cystadénome papillaire
286.	4.29.5.2.	hidradenoma papilífero	hidradénome papillaire
287.	4.29.5.3.	ceruminoma	adénome cérumineux
288.	4.29.5.4.	cistadenoma apócrino, cistadenoma écrino, hidrocistoma apócrino	hidrocystome apocrine
289.	4.29.5.5.	adenomatose erosiva do mamilo, papilomatose florida do mamilo, papilomatose florida dos ductos mamilares, papilomatose ductal subaerolar	adénomatose érosive du mamelon, papilome bénin intraductal, papillomatose galactophotique intramamelonnaire, papillomatose floride
290.	4.29.6.	neoplasia maligna da epiderme	tumeurs malignes de la peau, lésions épithéliales malignes
291.	4.29.6.1.	epitelioma basocelular, carcinoma basocelular, basalioma	épithélioma basocellulaire, carcinome basocellulaire, carcinome baso-cellulaire, basaliome
292.	4.29.6.1.1.	epitelioma basocelular nódulo-ulcerativo, epitelioma basocelular ulcerativo	cancer baso-cellulaire ulcéreux
293.	4.29.6.1.2.	epitelioma basocelular pigmentado	cancer baso-cellulaire pigmenté
294.	4.29.6.1.3.	epitelioma basocelular plano-cicatricial	épithélioma plan cicatriciel, carcinome plan cicatnciel
295.	4.29.6.1.4.	epitelioma basocelular superficial, carcinoma basocelular superficial, epitelioma basocelular pagetóide, carcinoma pagetóide de Darier, carcinoma eritematoso benigno de Little	épithélioma basocellulaire superficiel
296.	4.29.6.1.5.	epitelioma basocelular esclerosante, carcinoma basocelular esclerodermiforme	épithélioma basocellulaire sclérodermiforme
297.	4.29.6.1.6.	epitelioma basocelular terebrante, carcinoma basocelular terebrante	nenf
298.	4.29.6.1.7.	epitelioma basocelular nodular	épithélioma basocellulaire nodulaire

299.	4.29.6.1.8.	epitelioma basocelular vegetante	épithélioma basocellulaire bourgeonnant et végétant
300.	4.29.6.2.	espinalioma, carcinoma espinocelular, epitelioma espinocelular	carcinome épidermoïde « spinocellulaire », cancer spino-cellulaire, carcinome spino-cellulaire
301.	4.29.6.3.	carcinoma verrucoso	carcinome verruqueux
302.	4.29.6.3.1.	carcinoma verrucoso plantar, carcinoma <i>cuniculatum</i> , epitelioma <i>cuniculatum</i> .	carcinome <i>cuniculatum</i>
303.	4.29.6.3.2.	codiloma acuminado gigante de Buschke-Loewenstein, carcinoma verrucoso da região anourogenital, condiloma pontiagudo, papiloma acuminado venéreo, verruga acuminada, excrescência em couve flor, verruga das vestes, verruga úmida, verruga pontiaguda, verruga venérea, cavalo de crista (<i>bras. pop.</i>), crista de galo (<i>pop.</i>)	condylome ano-génitaux (vénériens), tumeur de Buschke-Lœwenstein, condylome géant du pénis, condylome acuminé, crête-de-coq, végétations, crêtes vénériennes (<i>v.x.</i>), crêtes, crêtes de coq
304.	4.29.6.3.3.	papilomatose oral florida, carcinoma verrucoso da cavidade oral, tumor de Ackerman	papillomatose orale floride
305.	4.29.6.3.4.	carcinoma verrucoso cutâneo	nenf
306.	4.29.7.	neoplasia maligna dos anexos	nenf
307.	4.29.7.1.	adenocarcinoma sebáceo, carcinoma sebáceo, epitelioma sebáceo	adénocarcinome sébacé
308.	4.29.7.2.	adenocarcinoma sudoríparo écrino	nenf
309.	4.29.7.3.	adenocarcinoma sudoríparo apócrino	adénocarcinome apocrine
310.	4.29.7.4.	carcinoma das células de Merkel, carcinoma trabecular, carcinoma neuroendócrino merkeloma	carcinome à cellules de Merkel, carcinome neuroendocrine cutané, tumeur à cellules de Merkel, merkéliome, apudome cutané, carcinome trabéculaire
311.	4.29.8.	neoplasia melanocítica	nenf
312.	4.29.8.1.	nevo melanocítico, mancha hepática, mancha café-com-leite (<i>pop.</i>)	nævus à mélanocytes, tache hépatique, tache café au lait
313.	4.29.8.1.1.	nevo melanocítico juncional, nevo juncional, nevo epidérmico-dérmico	nævus jonctionnel
314.	4.29.8.1.2.	nevo melanocítico dérmico, nevo intradérmico	nævus intradermique
315.	4.29.8.1.2.1.	nevo melanocítico composto, nevo composto	nævus composé
316.	4.29.8.1.3.	nevo melanocítico congênito, nevo pigmentar congênito, nevo pigmentado	nævus pigmentaire
317.	4.29.8.2.	nevo azul	nævus bleu
318.	4.29.8.2.1.	nevo azul maligno	nævus bleu malin
319.	4.29.8.2.2.	nevo azul de Jadassohn-Tieche, nevo azul comum	nævus de Tièche-Jadassohn
320.	4.29.8.2.3.	nevo azul celular	nævus bleu cellulaire
321.	4.29.8.3.	leucodermia centrífuga adquirida, halo-nevo, vitiligo perinéxico, nevo de Sutton	nævus en halo, halo nævus, nævus de Sutton
322.	4.29.8.4.	nevo em cocarde	nenf
323.	4.29.8.5.	melanoma juvenil benigno, nevocitoma juvenil, nevo de Spitz, nevo celular epitelióide, nevo celular fusiforme	nævus de Spitz, mélanome juvénile, nævus juvénile, nævus à cellules épithélioïdes et fusocellulaires
324.	4.29.8.6.	tumor neuroectodérmico melanocítico da	tumeur mélanique neuro-ectodermique

		infância	
325.	4.29.8.7.	síndrome do nevo displásico, síndrome B-K mole	nævus dysplasique symétrique
326.	4.29.8.8.	melanoacantoma	mélano-acanthome
327.	4.29.8.9.	lentigo maligno de Hutchinson, melanose circunscrita pré-câncerosa de Dubreuilh, sarda infecciosa melanótica de Hutchinson, lentigem maligna, melanose pré-cancerosa de Hutchinson	mélanose circunscrite précancéreuse de Dubreuilh, mélanome de Dubreuilh, mélanose de Dubreuilh
328.	4.29.8.10.	melanoma, câncer melanótico, melanoma maligno, sarcoma melanótico, melanoblastoma, melanocarcinoma, melanossarcoma, nevocarcinoma, nevomelanoma, tumor maligno melanocítico	mélanome, mélanome malin de la peau, mélanoblastome
329.	4.29.8.10.1.	melanoma do lentigo maligno	mélanome sur mélanose de Dubreuilh, LMM, lentigo <i>maligna melanoma</i>
330.	4.29.8.10.2.	melanoma de crescimento superficial, melanoma extensivo superficial	mélanome superficiel extensif, superficial spreading melanoma, S.S.M., mélanome à extension superficielle, MSE
331.	4.29.8.10.3.	melanoma nodular	mélanome nodulaire
332.	4.29.8.10.4.	acromelanoma, melanoma da mucosa, melanoma lentiginoso acral	mélanome acral lentigineux, mélanome acral
333.	4.29.9.	cisto cutâneo, cisto, quisto, quisto cutâneo	kyste
334.	4.29.9.1.	cisto epidérmico, cisto intradérmico, cisto subcutâneo, cisto epidermoide	kyste épidermique, kyste épidermoïde, kyste sébacé (impr.)
335.	4.29.9.1.1.	lúpia, esteatoma, lobinho (<i>pop.</i>), lombinho (<i>bras. pop.</i>), calombo (<i>bras. pop.</i>)	loupe, tanne, comédon, point noir (<i>cour.</i>)
336.	4.29.9.2.	milium, milio	milium, grains de milium, millet
337.	4.29.9.2.1.	milium primário	milium primitif
338.	4.29.9.2.2.	milium secundário	milium secondaire
339.	4.29.9.3.	cisto sebáceo, cisto triquilemial, cisto pilar, mondrongo (<i>pop.</i>)	kyste sébacé, kyste trichilemmal, kyste pileux
340.	4.29.9.4.	esteatocistoma múltiplo, esteatoma múltiplo, sebocistomatose múltipla hereditária	stéatokystose multiple
341.	4.29.9.5.	cisto dermoide	kyste dermoïde
342.	4.29.9.6.	cisto da linha rafe mediana do pênis	nenf
343.	4.29.9.7.	cisto eruptivo do velus	nenf
344.	4.29.10.	neoplasia cutânea de origem mesenquimal	tumeurs mésenchymateuses
345.	4.29.10.1.	neoplasia cutânea benigna de origem mesenquimal	nenf
346.	4.29.10.1.1.	dermatofibroma, histiocitoma fibroso, hemangioma esclerosante, fibroso subepidérmico nodular, fibroxantoma, xantoma fibroso	dermatofibrome
347.	4.29.10.1.2.	histiocitoma, histiocitofibroma	histiocytofibrome, fibrome en pastille
348.	4.29.10.1.3.	quelóide	chéloïde, cicatrices hypertrophiques
349.	4.29.10.1.4.	fibroma mole, acrocórdon, molusco pêndulo, fibroma molusco, nevo molusco	acrochordons, <i>molluscums pendullums</i>
350.	4.29.10.1.5.	mixoma, mucinose focal	myxome
351.	4.29.10.1.6.	lipoma, adipoma, liparoccele, esteatoma	lipome
352.	4.29.10.1.6.1.	lipomatose simétrica, doença de Decrum	lipomatose douloureuse [Dercum]

353.	4.29.10.1.6.2.	lipomatose familiar, doença de Roch-Leri, lipomatose mesossomática, lipomatose múltipla circunscrita	lipomatose multiple familiale, maladie de Roch-Leri, lipomatose mésosomatique, lipomatose multiple circonscrite
354.	4.29.10.1.6.3.	hibernoma, lipoma adiposo imaturo	hibernome
355.	4.29.10.1.6.4.	angiolipoma	angiolipome
356.	4.29.10.1.7.	leiomioma, dermatomioma	léiomyome
357.	4.29.10.1.7.1.	angioleiomioma, angiomioma, leiomioma vascular	angiomyome
358.	4.29.10.1.7.2.	piloleiomioma, leiomioma cutâneo múltiplo, dermatomioma múltiplo eruptivo	tricholéiomyome
359.	4.29.10.1.7.3.	mioma dartóico, dermatomioma solitário	léiomyome daroïque
360.	4.29.10.1.8.	angioma, hemangioma	angiome, hémangiome
361.	4.29.10.1.8.1.	angioma plano, <i>nevus flammeus</i> , nevo de vinho do porto (<i>pop.</i>), hemangioma plano, mancha vinhosa, <i>nalvus flammeus</i> , nevo teleangiectásico, nevo capilar, mancha de salmão (<i>pop.</i>), nevo em chama	angiome plan, <i>nævus flammeus</i> , nævus en tache de vin, tache de vin, tache saumonée, envie (<i>fam.</i>)
362.	4.29.10.1.8.2.	hemangioma tuberoso, hemangioma capilar, angioma tuberoso, angioma cavernoso	angiome tubéreux, hémangiome capillaire
363.	4.29.10.1.8.3.	angioma puntiforme, ponto de rubi, angioma senil, hemangioma senil, angioma framboesa, ectasia papilar, ectasia senil, lago nevoso, aneurisma capilar, variz papilar	tache rubi, angiome tardif, anévrysme capillaire
364.	4.29.10.1.8.4.	telangiectasia nevóide unilateral, telangiectasia congênita	télangiectasie nævoïde unitalérale
365.	4.29.10.1.8.5.	telangiectasia generalizada	télangiectasie essentielle généralisée
366.	4.29.10.1.8.6.	hemangioma verrucoso	hémangiome verruqueux kératosique
367.	4.29.10.1.8.7.	angioma serpiginoso, angioma <i>serpiginosum</i> , telangiectasia essencial, angiíte purpúrica pigmentar	dermatose purpurique pigmentée, angiome serpigineux
368.	4.29.10.1.8.8.	angioma estelar, angioma aracneiforme, <i>spider nevus</i> , hemangioma estelar, <i>nevus araneus</i> , angioma aracnóide, nevo aracnóide, aranha arterial, aranha vascular	angiome stellaire, nævus arachnéen, nævus stellaire
369.	4.29.10.1.8.9.	linfangioma, angioqueratoma	lymphangiome
370.	4.29.10.1.8.9.1.	linfangioma superficial	lymphangiome superficiel circonscrit
371.	4.29.10.1.8.9.2.	linfangioma profundo	lymphangiome profond, lymphangiome dermohypodermique ou caverneux
372.	4.29.10.1.9.	angioceratoma, angioqueratoma, verruga telangiectásica, telangiectasia verrucosa, ceratoangioma	angiokératome
373.	4.29.10.1.9.1.	angioceratoma de Fordyce, angioqueratoma do escroto	angiokératomes du scrotum (Fordyce)
374.	4.29.10.1.9.2.	angioceratoma de Mibelli, angioqueratoma de Mibelli	angiokératomes des doigts (Mibelli)
375.	4.29.10.1.9.3.	angioceratoma circunscrito, angioqueratoma circunscrito	angiokératome circonscrit næviforme, angiokératome serpigineux Hutchinson
376.	4.29.10.1.9.4.	angioceratoma de Fabry, angioqueratoma difuso de Fabry, <i>angiokeratoma corporis diffusum</i> , angioceratoma corporal difuso, lipidose glicolipídica	maladie de Fabry

377.	4.29.10.1.10.	granuloma piogênico, granuloma telangiectásico, botriomicoma, granuloma <i>gravidorum</i> , caruncula uretral, angiofibroma faríngeo, GP	granulome pyogénique, granulome inflammatoire hypertrophique, botriomycome
378.	4.29.10.1.11.	tumor glômico, glomangioma, angiomioneuroma, tumor de glomus	tumeur glomique, glomangiome
379.	4.29.10.1.11.1.	tumor glômico solitário	nenf
380.	4.29.10.1.11.2.	tumor glômico múltiplo	nenf
381.	4.29.10.1.12.	hemangiopericitoma	hémangiopéricytome
382.	4.29.10.1.13.	hemangioendotelioma	hémangio-endothéliome
383.	4.29.10.1.14.	hiperplasia angiolinfóide com eosinofilia, doença de Kimura	maladie de Kimura, hyperplasie angiolymphoïde avec éosinophilie
384.	4.29.10.1.15.	neuroma, nevroma	neurome, neurome vrai
385.	4.29.10.1.15.1.	neuroma traumático, neuroma de amputação	névrome sur moignon d'amputation
386.	4.29.10.1.16.	neurilema, schwanoma, nevriema	schwannome
387.	4.29.10.1.17.	schwanoma de células granulosas, tumor de Abrikossoff, tumor de células granulosas, mioblastoma de células granulosas, mioblastoma grânulo-celular, rabdomioma	rhabdomyome
388.	4.29.10.1.18.	ganglioneuroma, ganglioma	ganglioneurome
389.	4.29.10.1.19.	mastocitose	mastocytose
390.	4.29.10.1.19.1.	mastocitose cutânea, urticária pigmentosa, xantelasmoidea, urticária pigmentar	mastocytose maculopapuleuse, urticaire pigmentée, urticaire pigmentaire
391.	4.29.10.1.19.1.1	telangiectasia macular eruptiva <i>pertans</i> , <i>telangiectasia macularis eruptiva pertans</i>	<i>telangiectasia macularis eruptiva pertans</i>
392.	4.29.10.1.19.1.2	mastocitose eritrodérmica, mastocitose difusa	mastocytose érythrodermique diffuse
393.	4.29.10.1.19.1.3	mastocitoma	mastocytome
394.	4.29.10.1.19.2.	mastocitose sistêmica	leucémie à mastocytes
395.	4.29.10.1.20.	fibromatose	fibromatose
396.	4.29.10.1.20.1.	fibromatose congênita	fibromatose congénitale
397.	4.29.10.1.20.2.	fibromatose hialina juvenil, fibromatose hialino juvenil, hialinose sistêmica	fibromatose hyaline juvénile
398.	4.29.10.1.20.3.	fibromatose coli, fibromatose do pescoço, fibromatose cervical	fibromatose du cou, fibromatose du sternocléidomastoïdien
399.	4.29.10.1.20.4.	fibromatose infantil agressiva	fibromatose infantile agressive
400.	4.29.10.1.20.5.	fibromatose digital infantil, fibromatose digital infantil recorrente, edema digital fibroso, fibromatose infantil digital	fibromatose digitale infantile
401.	4.29.10.1.20.6.	fibromatose palmoplantar, contratura de Dupuytren, fibromatose plantar e palmar, moléstia de Dupuytren, fibromatose palmoplantar juvenil	fibromatose de l'aponévrose palmaire [Dupuytren], maladie de Dupuytren
402.	4.29.10.1.20.7.	fibromatose peniana, doença de Peyronie, <i>indurativo penis plastica</i> , doença de Dupuytren, moléstia de Peyronie	induration plastique des corps caverneux, maladie de La Peyronie
403.	4.29.10.1.20.8.	fibroma aponevrótico, fibromatose palmoplantar juvenil, fibroma calcificante	fibromatose palmoplantaire juvénile, fibrome aponévrotique juvénile calcifié
404.	4.29.10.1.20.9.	tumor desmóide	tumeur desmoïde, fibrome envahissant
405.	4.29.10.1.20.10.	dermatofibrose lenticular disseminada, síndrome de Buschke-Ollendorff,	syndrome de Buschke-Ollendorff

		síndrome de Ollendorff, osteodermatopecilose	
406.	4.29.10.1.20.11.	fasciíte nodular, fasciíte nodular, fibromatose subcutânea pseudossarcomatosa, fasciíte pseudo-sarcomatosa, fibromatose pseudo-sarcomatosa	fasciíte nodulaire, fibromatose sous-cutanée pseudo-sarcomateuse
407.	4.29.10.1.20.11.1	fasciíte para-óstea	nenf
408.	4.29.10.1.20.11.2	fasciíte proliferativa	fasciíte proliférative
409.	4.29.10.1.20.11.3	fasciíte necrotizante	fasciíte nécrosante infectieuse
410.	4.29.10.1.20.11.4	fasciíte eosinofílica, fasciíte eosinófila, síndrome de Shulman	fasciíte disséminée (à éosinophiles), fasciíte à éosinophiles, syndrome de Shulman
411.	4.29.10.1.20.12.	fibroceratoma acral, fibroceratoma digital adquirido, fibroqueratoma digital adquirido	fibrokératome acral, fibrokératome digital acquis
412.	4.29.10.1.20.13.	coxim falangiano, coxim falangeano, coxim das articulações dos dedos, coxim dos nós	coussinet des phalanges
413.	4.29.10.1.21.	pseudolinfoma, hiperplasia linfóide benigna	pseudo-lymphome, pseudolymphome
414.	4.29.10.1.21.1.	linfocitoma cútis, linfocitoma da pele, linfocitoma benigno da pele, linfadenose benigna da pele, pseudolinfocitoma de Spiegler-Fendt, linfoplasia cutânea, linfodenóide sarcóide de Spiegler-Fendt, infiltração linfocitária da pele	lymphocytome cutané benin
415.	4.29.10.1.21.2.	pseudolinfoma provocado por picada de insetos	pseudolymphome par piqûres d'insectes
416.	4.29.10.1.21.3.	infiltrado linfocítico de Jessner-Kanof, infiltração linfocitária da pele (Jessner-Kanof)	infiltration lymphocytaire de la peau, maladie de Jessner-Kanof
417.	4.29.10.1.21.4.	síndrome de hipersensibilidade à fenitoína	nenf
418.	4.29.10.1.21.5.	reticulóide actínico	actinoréticulose, pseudo-lymphome actinique, <i>actinic reticuloid</i> , actino-réticulose
419.	4.29.10.1.21.6.	manifestação cutânea reveladora de neoplasia	nenf
420.	4.29.10.1.21.6.1	metástase cutânea de câncer visceral e infiltrações, manifestação cutânea reveladora de neoplasia de primeiro grupo	métastases cutanées, métastases cutanées de cancer profond
421.	4.29.10.1.21.6.2	doença potencialmente reveladora de malignidade interna, manifestação cutânea reveladora de neoplasia de segundo grupo	nenf
422.	4.29.10.1.21.6.3	dermatose paraneoplásica, manifestação cutânea reveladora de neoplasia de terceiro grupo	dermatose paranéoplasique
423.	4.29.10.1.21.6.3.1.	eritema <i>gyratum repens</i>	<i>erythema gyratum repens</i>
424.	4.29.10.1.21.6.3.2.	acantose nigricante	<i>acanthosis nigricans</i>
425.	4.29.10.1.21.6.3.3.	síndrome do glucagonoma, eritema migratório necrolítico, eritema necrolítico, eritema necrolítico migratório	érythème annulaire nécrolytique pancréatique
426.	4.29.10.1.21.6.3.4.	tromboflebite migratória	thrombophlébite migratrice, thrombo-

			phlébite migratrice
427.	4.29.10.1.21.6.3.5.	síndrome carcinóide	syndrome carcinoïde
428.	4.29.10.1.21.6.3.6.	dermatomiosite	dermatomyosite
429.	4.29.10.1.21.6.3.7.	ictiose adquirida	ichtyose acquise, ichtyose diffuse
430.	4.29.10.1.21.6.3.8.	paniculite eosinofílica multicêntrica	panniculite pancréatique
431.	4.29.10.1.21.6.3.9.	hipertricrose lanuginosa adquirida, hipertricrose adquirida	hypertrichose lanugineuse acquise
432.	4.29.10.1.21.6.3.10.	doença de Bazex, acroceratose paraneoplásica	acrokératose para-néoplasique
433.	4.29.10.1.21.6.3.11.	píderma gangrenoso, fagedenismo geométrico	pyodermite gangréneuse, dermite gangréneuse, pyodermite phagédénique, <i>pyoderma gangrenosum</i>
434.	4.29.10.1.21.6.3.12.	doença de Paget, moléstia de Paget	maladie de Paget du sein, maladie de Paget avec carcinome claire invasif du sein
435.	4.29.10.2.	neuplasia cutânea maligna de origem mesenquimal	tumeurs des parties molles, tumeurs mesenchymateuses malignes
436.	4.29.10.2.1.	dermatofibrossarcoma protuberante, Darier-Ferrand, fibrossarcoma cutâneo, dermatofibrossarcoma <i>protuberans</i> , dermatofibrossarcoma, dermatofibroma progressivo, fibrossarcoma da pele	dermatofibrome de Darier-Ferrand, dermatofibrosarcome de Darier-Ferrand
437.	4.29.10.2.2.	fibrossarcoma, sarcoma fuso-celular	fibrosarcome
438.	4.29.10.2.2.1.	fibrossarcoma verdadeiro	fibrosarcome vrai
439.	4.29.10.2.3.	sarcoma epitelióide	sarcome à cellules épithélioïdes
440.	4.29.10.2.4.	histiocitossarcoma	histiocytosarcome
441.	4.29.10.2.5.	fibroxantoma atípico	fibroxanthme atypique, fibrosarcome paradoxal, dermatofibrome pseudosarcomateux
442.	4.29.10.2.6.	lipossarcoma	liposarcome
443.	4.29.10.2.7.	angiossarcoma, angioendotelioma maligno	angiosarcome
444.	4.29.10.2.7.1.	angiossarcoma do couro cabeludo e da face do idoso	nenf
445.	4.29.10.2.7.2.	angiossarcoma secundário a linfedema crônico, linfangiossarcoma em linfedema, síndrome de Stewart-Teves	angio-sarcome secondaire, syndrome de Stewart-Treves
446.	4.29.10.2.8.	hemangiopericitoma maligno	hémangiopéricytome malin
447.	4.29.10.2.9.	hemangioendotelioma maligno	hémangio-endothéliome malin
448.	4.29.10.2.10.	sarcoma de Kaposi, SK	maladie de Kaposi, sarcome de Kaposi (<i>impr.</i>), M.I.H.S., <i>multiple idiopathic hemoragic sarcoma</i>
449.	4.29.10.2.10.1.	sarcoma de Kaposi clássico, SKC	sarcome de Kaposi classique
450.	4.29.10.2.10.2.	sarcoma de Kaposi endêmico, sarcoma de Kaposi africano, SKA	sarcome de Kaposi africain
451.	4.29.10.2.10.2.1	sarcoma de Kaposi endêmico nodular, SKA nodular	sarcome papulo-nodulaire
452.	4.29.10.2.10.2.2	sarcoma de Kaposi endêmico florido, SKA florido	sarcome floride généralisée
453.	4.29.10.2.10.2.3	sarcoma de Kaposi endêmico infiltrativo, SKA infiltrativo	sarcome agressive ou infiltrante
454.	4.29.10.2.10.2.4	sarcoma de Kaposi endêmico linfadenopático, SKA linfadenopático	sarcome lymphadénopathique
455.	4.29.10.2.10.3.	sarcoma de Kaposi do imunodeprimido, SKI	sarcome de Kaposi des immuno-déprimés

456.	4.29.10.2.10.4.	sarcoma de Kaposi relacionado à AIDS, sarcoma de Kaposi epidêmico, SKE	maladie de Kaposi du sida, sarcome de Kaposi au cour de l'infection à VIH
457.	4.29.10.2.11.	neurofibrossarcoma	neurofibrosarcome
458.	4.29.10.2.12.	linfoma, granulomatose de Wegner	lymphome, hématomie
459.	4.29.10.2.12.1.	linfoma de células T, LCCT, linfoma cutâneo de células T, linfoma cutâneo de células T adultas, linfoma epidermotrópico de células T, linfoma linfocítico, leucemia de células T do adulto	lymphomes périphériques et cutanés à cellules T
460.	4.29.10.2.12.1.1	micose fungóide, MF, granuloma fungóide	mycosis fongóide
461.	4.29.10.2.12.1.2	síndrome de Sézary, MS, eritrodermia de Sézary, eritrodermia linforreticular, reticulose, moléstia de Sézary	réticulose de Sézary, syndrome de Sézary
462.	4.29.10.2.12.1.3	reticulose pagetoide, RP, reticulose epidermotrópica	lymphome pagétoide
463.	4.29.10.2.12.2.	linfoma de células B, imunocitoma linfoplasmocitóide, linfoma linfocítico	lymphomes à cellules B
464.	4.29.10.2.12.3.	linfoma de Hodgkin, linfogranulomatose maligna, moléstia de Hodgkin, moléstia de Paltauf-Sternberg, doença de Hodgkin	maladie de Hodgkin
465.	4.29.10.2.12.4	linfoma de Burkitt, linfoma africano, tumor de Burkitt	tumeur de Burkitt
466.	4.29.10.2.12.5	mieloma, linfoma linfoplasmocítico, plasmocitoma, mieloma múltiplo	myélome multiple
467.	4.29.10.2.13.	leucose	leucose
468.	4.29.10.2.14.	granuloma da linha médio-facial, granuloma facial, granuloma médio-facial, granuloma médio-facial letal	granulome éosinophile de la peau, granulome malin médio-facial
469.	4.30.	disembrioplasia cutânea e genodermatoses	nenf
470.	4.30.1.	disembrioplasia cutânea	nenf
471.	4.30.2.	genodermatose	génodermatose
472.	4.30.2.1.	genodermatose da ceratinização	génodermatose de la kératinisation
473.	4.30.2.1.1.	ictiose, pele de jacaré, pele de peixe	ichtyose
474.	4.30.2.1.1.1.	ictiose simples, ictiose vulgar, ceratose difusa fetal, hiperkeratose congênita, ictiose intra-uterina	ichtyose vulgaire
475.	4.30.2.1.1.2.	ictiose universal, ictiose universal típica, ictiose congênita, eritrodermia ictiosiforme congênita	ichtyose congénitale
476.	4.30.2.1.1.2.1.	ictiose universal maligna, feto arlequin, ceratoma congênito difuso maligno	foetus arlequin
477.	4.30.2.1.1.2.2.	ictiose universal colodiana, bebê colóide, ictiose lamelar, descamação lamelar do recém-nascido	ichtyose lamellaire, bébé collodion, érythrodermie ichtyosiforme non bulleuse, ichtyose lamellaire autosomique récessive
478.	4.30.2.1.1.2.3.	ictiose universal frusta	nenf
479.	4.30.2.1.1.3.	ictiose bolhosa, ictiose fetal bolhosa, hiperkeratose epidermolítica, epidermólise ictiosiforme, epidermólise bolhosa, epidermólise bolhosa hereditária forma simples, eritrodermia ictiosiforme, epidermólise bolhosa, ictiose espinhosa, pele de porco-espinho	erythrodermie ichtyosiforme bulleuse congénitale, érythrodermie ichtyosiforme bulleuse autosomique dominante
480.	4.30.2.1.1.4.	ictiose histrix, <i>nevus verrucosus</i>	ichtyose histrix

481.	4.30.2.1.1.5.	neuroictiose, ictiose conjugada	nenf
482.	4.30.2.1.1.5.1.	síndrome de Refsum, doença de Refsum	maladie de Refsum
483.	4.30.2.1.1.5.2.	síndrome de Sjögren-Larsson	syndrome de Sjögren-Larsson
484.	4.30.2.1.1.5.3.	síndrome de Netherton, ictiose linear circunscrita, cabelo em bambu, aminoacidúria inconstante	ichtyose linéaire circonflexe
485.	4.30.2.1.1.5.4.	síndrome de Rud	syndrome de Rud
486.	4.30.2.1.1.5.5.	síndrome de Conradi, doença de Conradi, condodistrofia congênita punctata	nenf
487.	4.30.2.1.2.	eritroceratoderma <i>variabilis</i> , eritroceratoderma Mendes da Costa, ceratose rubra figurada, eritroqueratoderma <i>variabilis</i> de Mendes da Costa, síndrome de Mendes da Costa	syndrome de Da Costa
488.	4.30.2.1.2.1.	eritroceratoderma simétrica progressiva, eritroqueratoderma congênita simétrica progressiva	nenf
489.	4.30.2.1.2.2.	eritroceratoderma com ataxia	érythrokeratodermie ataxie
490.	4.30.2.1.3.	queratoderma palmoplantar, ceratose palmoplantar, ceratoderma palmoplantar, ictose palmar e plantar, ceratoma plantar sulcado, tilose palmar e plantar, queratose palmoplantar	kératodermies palmo-plantaires, kératose palmaire et plantaire héréditaire
491.	4.30.2.1.3.1.	queratoderma palmoplantar tipo Meleda, ceratoderma palmoplantar tipo Meleda	maladie de Meleda
492.	4.30.2.1.3.2.	queratoderma palmoplantar tipo Unna-Thost, ceratoderma palmoplantar tipo Unna-Thost	maladie de Thost-Unna
493.	4.30.2.1.3.3.	queratoderma palmoplantar tipo estriado de Siemens, ceratoderma palmoplantar tipo estriado de Siemens	nenf
494.	4.30.2.1.3.4.	queratoderma palmoplantar Howel-Evans, ceratoderma palmoplantar Howel-Evans	kératose palmoplantaire et cancer, syndrome de Howell-Evans
495.	4.30.2.1.3.5.	queratoderma palmoplantar tipo Mantoux, ceratoderma palmoplantar tipo Mantoux	porokératose de Mantoux
496.	4.30.2.1.3.6.	queratoderma palmoplantar tipo Osvaldo Costa, ceratoderma palmoplantar tipo Osvaldo Costa	nenf
497.	4.30.2.1.3.7.	queratoderma palmoplantar tipo Vohwinkel, ceratoderma palmoplantar tipo Vohwinkel, queratoderma difusa mutilante	kératodermie aïnhumoïde et mutilante type Vohwinckel
498.	4.30.2.1.3.8.	queratoderma palmoplantar tipo Richner-Hanhart, ceratoderma palmoplantar tipo Vohwinkel, queratoderma plurifocal com tirosenímia tipo II	tyrosinémie, syndrome de Richner-Hanhart
499.	4.30.2.1.3.9.	queratoderma palmoplantar tipo Greither, ceratoderma palmoplantar tipo Greither, queratoderma difusa progressiva, ceratoderma difusa progressiva	kératodermie de type Greither
500.	4.30.2.1.4.	queratose folicular, ceratose folicular, moléstia de Darier, doença de Darier, doença de White	kératose folliculaire [Darier-White], maladie de Darier

7. Análise dos equivalentes

O estudo dos 500 termos que compuseram o conjunto terminológico com o qual trabalhamos permitiu-nos observar a ocorrência de todos os tipos de graus de equivalência previstos pelos especialistas em Terminologia bilíngüe.

Devemos ressaltar que, apesar de toda a riqueza do material e da grande possibilidade de análises (assimetria da quantidade de equivalentes, diferenças na expressão dos termos da LP e da LC, epônimos etc) fugiríamos de nosso propósito e limites deste trabalho se procedêssemos a um estudo exaustivo de todos esses aspectos. Delimitamos, então, nossa pesquisa e nos ateremos à análise dos graus de equivalência no presente capítulo e da variação terminológica no capítulo seguinte.

Como duas línguas neolatinas, o português e o francês apresentam semelhanças formais nos termos da área médica. Essa semelhança formal foi de preciosa ajuda para a identificação dos equivalentes, embora tenha constituído apenas uma pista inicial.

O fato de o conjunto terminológico do VMD em português estar organizado em um sistema conceptual auxiliou de modo considerável a descrição do conteúdo conceptual dos termos, o que consistiu no principal critério para a identificação dos equivalentes. Para que melhor possamos compreender a análise dos dados a que procederemos, cabe aqui explicar o modelo de verbete do Vocabulário Multilíngüe de Dermatologia, uma vez que o estudo das equivalências e da variação terminológica no domínio da Dermatologia efetuado nesta dissertação só foi possível graças a algumas características dessa obra.

7.1. Modelo de verbete do VMD

O modelo de distribuição de carga sêmica dos termos que designam dermatoses e que compõem a nomenclatura do VMD segue a proposta da Terminologia, ou seja, gênero próximo + diferenças específicas. Um exemplo de verbete do VMD é o que segue:

furúnculo: s m foliculite causada pela bactéria *Staphylococcus aureus*. O excesso de gorduras na alimentação, chocolates e o diabetes podem favorecer o desenvolvimento da doença. Na maioria dos casos, contudo, não é possível detectar nenhuma causa predisponente. Pode iniciar-se ou não com foliculite superficial e caracteriza-se pelo aparecimento de um nódulo agudo, amplo e profundo, de cor vermelho-viva, que resulta da infecção de um folículo pilossebáceo. O nódulo é eritematoso, doloroso e quente. Depois de 2 ou 4 dias apresenta flutuação e, na abertura do folículo, surge uma pústula, que se rompe, deixando sair uma substância amarelo-acastanhada bastante consistente, que ocupa o centro do furúnculo (carnegão). Com a eliminação do carnegão há alívio imediato da dor e, em 10 ou 14 dias, a lesão desaparece, deixando cicatriz, a princípio rósea, depois esbranquiçada. Diferencia-se da miíase furunculóide por ser mais inflamatório e não apresentar orifício central. O número de furúnculos é variável. Quando há múltiplas lesões e recidivas freqüentes a afecção recebe o nome de furunculose. O furúnculo ou a furunculose podem complicar outras dermatoses, como a pediculose e a escabiose. Pode ocorrer febre, enfartamento ganglionar e celulite. Acomete com maior freqüência indivíduos idosos, imunodeprimidos, alcoólatras, desnutridos e diabéticos. Localiza-se, em geral, nas regiões mais pilosas e em áreas cutâneas sujeitas a fricção e perspiração, preferentemente nas nádegas, pescoço e hipogástrio. Dependendo da localização, pode determinar limitação dos movimentos. Quando afeta o nariz, pode ocasionar inflamação das meninges e do encéfalo (meningoencefalite), devido ao acometimento dos seios venosos cerebrais. **Outras Designações:** furunculose, leicença, fruncho (*pop.*), frunco (*pop.*), frúnculo (*pop.*), bichoca (*pop.*), bichoco (*lus. pop.*), cabeça-de-prego (*pop.*), nascida (*pop.*), nascido (*pop.*). **Símbolo de classificação:** 4.21.1.4.2. **CID9:** 680.9/8 **CID10:** L02.-.

O gênero próximo dos termos específicos é sempre o termo mais genérico, o hiperônimo (nesse caso, *foliculite*), que se encontra no nível imediatamente superior dentro da organização hierárquica do sistema conceptual. A indicação do gênero próximo com descritor inicial das definições permite o resgate do conteúdo conceptual desse hiperônimo e, portanto, das características gerais dessa dermatose. Como diferenças específicas compreendem-se as causas das dermatoses, suas características particulares e a parte do corpo onde se localizam.

Além do paradigma definicional, o modelo de microestrutura adotado no VMD também apresenta o paradigma informacional final, que é composto de quatro microparadigmas: “Outras designações”, “Símbolo de classificação”, “CID9” e “CID10”.

A expressão “outras designações” vem imediatamente após a definição, iniciando-se com letra maiúscula, escrita em negrito, seguida de dois-pontos. Esse microparadigma tem por objetivo evidenciar a relação existente entre o termo-entrada e outras formas de designar o mesmo conceito. Nele são registradas todas as variantes do termo-entrada e os respectivos valores sociolingüísticos. A existência desse microparadigma nasceu da decisão da equipe do VMD de que a entrada do verbete deve ser o termo científico de maior prestígio e uso entre a classe médica e que qualquer outro termo equivalente do ponto de vista semântico deve ser registrado no paradigma reservado a esse tipo de informação (“outras designações”).

O “símbolo de classificação” apresenta o código numérico que identifica o lugar do termo definido dentro do sistema conceptual.

Os paradigmas CID9 e CID10 foram colocados após o símbolo de classificação. Deles constam as letras, algarismos e dígitos que correspondem ao código internacional dessa dermatose atribuído pela Classificação Internacional das Doenças, sobre a qual nos referimos no item 6.2 do capítulo 6. *Metodologia*.

7.2. Sistema de remissivas

De acordo com Barros (1999, p. 75), a existência de uma série de variantes terminológicas constitui uma riqueza lingüística, mas, em alguns casos, também uma dificuldade de acesso à informação, notadamente quando um dicionário não registra essas variantes. Nesses casos, o usuário que conhece apenas uma designação da doença e esta não é o termo-entrada, passa a ter dificuldade de localização, na obra, da informação que deseja.

A organização do sistema de remissivas é, nesse sentido, muito importante para a obtenção de bons resultados na pesquisa dos dados. Como uma rede de relações léxico-semânticas, esse tipo de sistema garante a circulação das informações e orienta o leitor sobre o percurso a ser seguido.

No VMD, o sistema de remissivas apresenta-se no nível da macroestrutura: as “outras designações” que constam do verbete principal tornam-se termos-entrada de verbetes remissivos e remetem o leitor ao termo principal, no qual se encontra a definição, como mostra o exemplo abaixo:

bichoca: s f (*pop.*) **Ver:** furúnculo.
bichoco: s m (*lus. pop.*) **Ver:** furúnculo.
cabeça-de-prego: s f (*pop.*) **Ver:** furúnculo.
fruncho: s m (*pop.*) **Ver:** furúnculo.
frunco: s m (*pop.*) **Ver:** furúnculo.
frúnculo: s m (*pop.*) **Ver:** furúnculo.
furunculose: s f **Ver:** furúnculo.
leicenço: s m **Ver:** furúnculo.
nascida: s f (*pop.*) **Ver:** furúnculo.
nascido: s m (*pop.*) **Ver:** furúnculo.

A nomenclatura do VMD compõe-se, no total, de cerca de 3800 termos, sendo 1612 termos-entrada (que encabeçam os verbetes principais) e aproximadamente 2190 variantes (de diferentes tipos) desses termos-entrada. Para a busca dos equivalentes em francês baseamos-nos, fundamentalmente, no conteúdo conceptual dos termos, expresso nas definições dos verbetes principais. De fato, não seria suficiente procurar os equivalentes tomando por base apenas a expressão do termo em português: é necessário analisar seu conteúdo semântico; do contrário, o trabalho poderia ser prejudicado pelos falsos cognatos.

7.3. Graus de equivalência terminológica português – francês em Dermatologia

Consideramos interessante as propostas de Dubuc (1985), Felber (1987) e Alpízar-Castillo (1995) sobre os graus de equivalência, apresentadas no item 2.5 deste trabalho. Assim, passaremos a analisar os termos da Dermatologia que constituem o objeto de nosso estudo sob a ótica das quatro categorias propostas pelo autor, a saber: equivalência total, intersecção, superioridade e não-equivalência.

7.3.1. Equivalência total

Como parâmetros metodológicos para esta parte de nossa análise adotamos os três critérios propostos por Dubuc para a identificação de equivalentes totais ($A = B$), ou seja, identidade conceptual, de nível de língua e de uso (em português e em francês). Observemos, então, em primeiro lugar, se os dois termos apresentam identidade de conteúdo, ou seja, se designam o mesmo conceito. Como exemplo, tomemos o par de equivalências *lipomatose familiar* em português e *lipomatose multiple familiale* em francês:

Português	lipomatose familiar: s m lipoma de origem hereditária, provavelmente autossômica dominante. Não é muito conhecida, assim, discute-se se sua origem estaria em fatores traumáticos endócrinais ou nervosos sobre uma região geneticamente predisposta. Acomete sobretudo homens adultos. São lipomas encapsulados, indolores, simétricos de formações arredondadas sobre a pele. Localiza-se a princípio ao longo dos braços e estende-se pelo corpo e entre dobras dos cotovelos. Outras Designações: doença de Roch-Leri, lipomatose mesossomática, lipomatose múltipla circunscrita. Símbolo de classificação: 4.29.10.1.6.2. CID9: - CID10: - (VMD).
Francês	Lipomatose multiple familiale • Definition Variété de lipomatose encapsulée, de caractère héréditaire, vraisemblablement autosomique dominant. Synonymes : maladie de Roch-Leri, lipomatose mésosomatique, lipomatose multiple circunscrite • Physiopathologie Mal connue ; on discute des facteurs traumatiques endocriniens ou nerveux sur un terrain génériquement prédisposé. • Diagnostic clinique Évoqué surtout chez l'homme adulte devant : - des <i>lipomes multiples</i>, formations arrondies sous-cutanées, indolores, symétriques, touchant la région s'étendant chez un sujet debout les bras, le long du corps, entre le pli des coudes et le creux póplice (lipomatose mesosomatique), - <i>histologiquement</i>, lipomes encapsulés. (DANIEL, 1990, p. 406).

Notamos que os ganchos terminológicos presentes tanto na definição em português quanto em francês são claros e muito semelhantes:

Português	Francês
São lipomas encapsulados	Variété de lipomatose encapsulée - <i>histologiquement</i> , lipomes encapsulés
de origem hereditária, provavelmente autossômica dominante	de caractère héréditaire, vraisemblablement autosomique dominant
Não é muito conhecido	Mal connue
discute-se se sua origem não estaria em fatores traumáticos endocrinais ou nervosos sobre uma região geneticamente predisposta	on discute des facteurs traumatiques endocriniens ou nerveux sur un terrain génériquement prédisposé
Acomete sobretudo homens adultos	Évoqué surtout chez l'homme adulte
indolores, simétricos de formações arredondadas sobre a pele	formations arrondies sous-cutanées, indolores, symétriques
Localiza-se a princípio ao longo dos braços e estende-se pelo corpo e entre dobras dos cotovelos	s'étendant chez un sujet debout les bras, le long du corps, entre le pli des coudes et le creux pœplite

Quanto à identidade de conteúdo, podemos afirmar que os termos das duas línguas apresentam grande coincidência de traços semânticos quanto à causa (transmissão hereditária), características físicas (encapsulados, indolores, simétricos, arredondados), incidência (homens adultos) e localização (região do braço). Desse modo, fica claro que *lipomatose familiar* e *lipomatose multiple familiale* e os respectivos sinônimos em cada idioma apresentam conteúdo idêntico em português e em francês, ou seja, em ambos os idiomas designam o mesmo conceito. Desse ponto de vista são, portanto, equivalentes.

No que tange ao nível de língua, deve-se verificar se, como já vimos ao nos referirmos aos estudos de Auger (2001) no item 6.1, o *corpus* da pesquisa compõe-se de obras de mesma natureza e nível de língua nos dois idiomas comparados. Essa constatação deve ocorrer tanto intralingua quanto interlínguas. Nosso *corpus* em português constituiu-se de três importantes Tratados de Dermatologia escritos pelas maiores autoridades na matéria. Como fontes em francês utilizamos também obras renomadas na área, já referidas no capítulo da Metodologia. Visto que tanto as obras em português quanto as em francês foram escritas por importantes especialistas na área e estes empregam uma linguagem científica, podemos afirmar que os

termos foram extraídos de textos que se situam em um mesmo nível de língua. Isso não significa, porém, que todos os termos sinônimos (de um ponto de vista intralingua) pertençam ao mesmo nível de língua.

Nas “outras designações” dos termos *lipomatose familiar* e *lipomatose multiple familiale*, em português e em francês, identificamos pares bilíngües que mantêm uma relação de equivalência no que concerne ao nível de língua. São os seguintes:

Português	Francês
lipomatose familiar	lipomatose multiple familiale
lipomatose mesossomática	lipomatose mésosomatique
lipomatose múltipla circunscrita	lipomatose multiple circonscrite
doença de Roch-Leri	maladie de Roch-Leri

Os três primeiros termos caracterizam-se como termos puramente científicos; por sua vez, *doença de Roch-Leri* e *maladie de Roch-Leri*, embora também empregado por médicos e utilizado nos tratados de Dermatologia, apresentam a característica de serem epônimos (termos formados por um nome próprio). Esse tipo de termo diferencia-se dos demais pelo uso: a Dermatologia, assim como a Medicina, não aceitam seu emprego em comunicação oficial entre especialistas (em artigos redigidos e publicados em revistas científicas). Por esse motivo, o uso do epônimo se dá em ato comunicativo informal e nunca formal. Nesse sentido, não apresenta o mesmo nível de língua dos demais três pares de equivalentes. Do ponto de vista interlínguas, entretanto, esses epônimos pertencem ao mesmo nível. São, portanto, equivalentes quanto ao nível de língua.

No que concerne ao uso, *lipomatose familiar* e *lipomatose multiple familiale* são os termos mais freqüentemente utilizados pelos especialistas em Dermatologia em ambas as línguas, constituindo, em todas as obras analisadas, os termos-entrada ou principais dos verbetes dos dicionários ou dos capítulos dos tratados de Dermatologia consultados. Em ambas as línguas, as demais designações são apenas citadas pelos especialistas como

sinônimos, sem que sejam fornecidos maiores detalhes, e elas não são utilizadas mais de uma vez (apenas quando dessa menção).

Assim, notamos que esses pares terminológicos apresentam equivalência quanto ao conteúdo conceptual, ao nível de língua e ao uso. Nesse sentido, podemos dizer que são equivalentes totais.

O termo *nevo melanocítico* também é um bom exemplo para se visualizar o fenômeno da equivalência total. Ele apresenta como outras designações os termos *mancha hepática* e *mancha café-com-leite*. Trata-se de um tumor benigno, causado pelo aumento da atividade dos melanócitos e que apresenta manchas de coloração castanho-clara a escura, assemelhando-se à cor de café com leite. Não é uma doença rara, por isso, no que concerne à identidade de conteúdo, os traços conceptuais nas duas línguas são claros quanto à equivalência dos termos. Nos quesitos nível de língua e uso, também há paridade: encontramos a mesma quantidade de termos em francês nos tratados e dicionários de Dermatologia, e estes fazem uso semelhante das três designações:

Português	Francês
nevo melanocítico	nævus à mélanocytes
mancha hepática	tache hépatique
mancha café-com-leite	tache café au lait

A figura abaixo mostra de outra maneira essa equivalência:

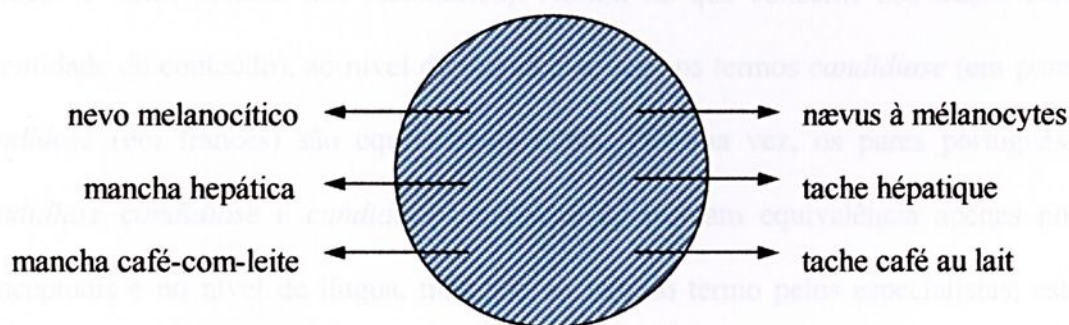


Figura 9: Equivalência total

Os termos *nevo melanocítico* e *nævus à mélanocytes* são preferidos pelos especialistas, e os outros dois são apenas referidos como sinônimos nas duas línguas, sendo o último (*mancha café-com-leite* e *tache café au lait*) um termo mais informal nas duas línguas.

Um fato interessante ocorre com o termo *candidíase*, que apresenta como outras designações *candidose* e *monilíase*. No nível do uso, notamos que há uma “troca” nas denominações português – francês dos termos morfológicamente parecidos. O francês também conta com os termos *candidíase*, *candidose* e *moniliase*. Inicialmente, ao buscarmos o termo na CIM 10 (*Classification Internationale des Maladies*), deparamo-nos com a seguinte situação:

CID 10		CIM 10	
B37	Candidíase <i>Inclui: monilíase</i>	B37	Candidose <i>Comprend : candidíase moniliase</i>

Além dos termos principais nas duas CIDs serem diferentes, digamos “trocados”, a CID em português não inclui o termo *candidose* (este havia sido encontrado nos tratados de Dermatologia em português), mas apenas *monilíase*, enquanto que o francês inclui o termo *candidíase*.

Ao buscarmos o equivalente nas fontes que constituem nosso *corpus* em francês, deparamo-nos com *candidose* em todas elas como termo principal (título de capítulos nos tratados e termo-entrada nos dicionários). Assim, no que concerne aos traços conceptuais (identidade de conteúdo), ao nível de língua e ao uso, os termos *candidíase* (em português) e *candidose* (em francês) são equivalentes totais. Por sua vez, os pares português–francês *candidíase–candidíase* e *candidose–candidose* apresentam equivalência apenas nos traços conceptuais e no nível de língua, mas não no uso do termo pelos especialistas; estes pares passam, na verdade, pelo fenômeno da intersecção, do qual trataremos no item seguinte. Os termos *monilíase* (português) e *moniliase* (francês) são, por sua vez, equivalentes totais, pois

designam o mesmo conceito, encontram-se no mesmo nível de língua e são usados da mesma maneira pelos especialistas brasileiros e franceses. Os pares de equivalência podem ser, então, assim sistematizados:

Português	Francês
candidíase	candidose
candidose	candidiase
monilíase	moniliase

Os casos analisados (*lipomatose múltipla familiar e candidíase*) possuem, portanto, equivalentes totais em francês se analisados com base nas considerações feitas por Dubuc. Essa situação pôde ser notada em um número considerável de termos do nosso *corpus*, a saber, dentre outros:

Português	Francês
urticária medicamentosa	urticaire médicamenteuse
urticária nodular	urticaire nodulaire
uticária aquagênica	uticaire aquagénique
angioedema adquirido	œdème angioneurotique acquis
síndrome do choque tóxico, TSS, <i>toxic shock syndrome</i>	syndrome du choc toxique, SCTS, toxic shock syndrom
erisipelóide cutânea	érysipéloïde cutanée
escleroma, rinoscleroma	sclerome nasal, rhinosclérome
edema maligno	œdème malin
infecção por <i>Pseudomonas aeruginosa</i>	infection cutanée due à <i>Pseudomonas aeruginosa</i>
síndrome de unha verde	syndrome des ongles verts
intertrigo	intertrigo
eritrasma	érythrasma
uretrite	urétrite
angiomatose bacilar	angiomatose bacillaire
micose superficial	mycose superficielle
candidíase cutânea	candidose cutanée
granuloma candidiásico	granulome candidosique
candidíase mucosa	candidose muqueuse
candidíase oral	candidose buccale
esporotricose verrucosa	sporotrichose verruqueuse
zigomicose	zygomycose
úlceras de Marjolin	ulcère de Marjolin
leucoplasia	leucoplasie
neoplasia epitelial	tumeur épithéliale
acantoma de células claras, acantoma de Degos	acantome à cellules claires, maladie de Degos

tricodiscoma	trichodiscome
siringoma, hidradenoma	syringome, hidradénome
hidradenoma papilífero	hidradénome papillaire
epitelioma basocelular nodular	épithélioma basocellulaire nodulaire
carcinoma verrucoso	carcinome verruqueux
nevo azul	nævus bleu
nevo azul maligno	nævus bleu malin
melanoacantoma	mélano-acanthome
cisto dermóide	kyste dermoïde
fibrossarcoma verdadeiro	fibrosarcome vrai
eritroceratodermia com ataxia	érythrokeratodermie ataxie

Atribuímos esses casos de equivalência total principalmente ao fato de a Medicina ser uma área que prima pela harmonização internacional de sua terminologia.

7.3.2. Intersecção

No segundo grau de equivalência, intersecção ($A \cap B$), os termos da LP e da LC apresentam apenas alguns traços semânticos em comum. Apesar disso, a questão da intersecção não repousa na identificação de ganchos terminológicos “parciais”, porque em ambas as línguas a doença (o referente) é a mesma, mas os tratados e dicionários podem dispor de modo diferente esses traços, podem apresentá-los detalhadamente ou ainda omiti-los, ou seja, em uma obra, uma doença dispõe de características que não estão descritas em outra, e vice-versa. Essa situação não significa, porém, que os termos estejam em relação de intersecção: esse grau de equivalência é observado pelas diferenças de *uso* e de *nível de língua* das várias unidades terminológicas que designam o conceito em questão.

Tomemos o exemplo de *câncer* em português. Esse termo designa um tumor maligno e é uma doença que, na maioria dos casos, não possui tratamento eficaz e que tende a reaparecer após tentativa de retirada cirúrgica, podendo levar à morte. Pela natureza supersticiosa do brasileiro e devido a uma cultura marcada pela tendência a amenizar uma realidade mais dura, tanto o povo quanto os médicos brasileiros evitam pronunciar o termo

câncer. Para se referir à patologia, a cultura popular utiliza *aquela doença*, *bicho*, *doença-ruim* ou *prolongada doença*.

Já os médicos dispõem, em português, dos termos *carcinoma* para designar essa doença, *epitelioma* quando o tumor é derivado do epitélio e *neoplasia* para designar tumores em geral (crescimento anormal e progressivo de um tecido). Esses três termos são científicos e atualmente são utilizados com o intuito de amenizar o estigma social que *câncer* impõe. Como existem equivalentes para tais termos na língua francesa (*carcinome*, *épithélioma* e *néoplasie*), *a priori* deveríamos ter os seguintes equivalentes:

Português	Francês
câncer	cancer
tumor	tumeur
carcinoma	carcinome
epitelioma	épithélioma
neoplasia	néoplasie

Notamos, entretanto, que o francês utiliza *cancer* com considerável freqüência, enquanto que o português tende a evitar o termo, fato que origina a não-equivalência no que concerne ao uso e ao nível de língua. Dos termos-objeto de nosso estudo, temos o seguinte quadro de exemplos desse tipo de situação:

Português	Francês
epitelioma basocelular nódulo-ulcerativo, epitelioma basocelular ulcerativo	cancer baso-cellulaire ulcéreux
epitelioma basocelular pigmentado	cancer baso-cellulaire pigmenté
espinalioma, carcinoma espinocelular, epitelioma espinocelular	carcinome épidermoïde « spinocellulaire », cancer spino-cellulaire, carcinome spino-cellulaire
neoplasia epitelial	tumeur épithéliale
neoplasia benigna da epiderme	tumeur bénigne de la peau, tumeur épithéliale bénigne
neoplasia benigna folicular	tumeur d'origine pileaire
neoplasia maligna da epiderme	tumeur maligne de la peau, lésion épithéliale maligne
neoplasia cutânea de origem mesenquimal	tumeur mésenchymateuse

Dessa forma, no que concerne ao uso, os termos *câncer* em português *cancer* em francês, e *tumor* (português) e *tumeur* (francês) apresentam traços exclusivos de cada um deles, uma vez que o francês utiliza com mais frequência essas formas em obras científicas, como atestamos em nosso *corpus* textual, enquanto que os médicos brasileiros procuram evitá-las. Por isso, *cancer* e *tumeur* não podem ser considerados como equivalentes totais de *câncer* e *tumor*. Quanto ao conceito, entretanto, os termos apresentam identidade completa. Nesse último nível é que ocorre o fenômeno da intersecção, como ilustrado na seguinte figura:

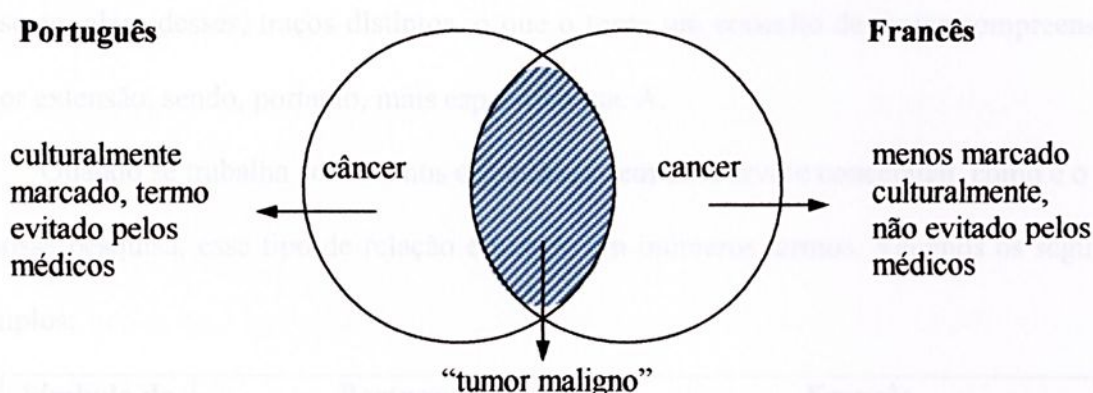


Figura 10: Grau de intersecção

O mesmo ocorre com o termo *lepra* que, no Brasil, por ser fortemente marcado pelo preconceito social, foi substituído a mando da Lei nº. 9010, de 29 de março de 1995, por *hanseníase*, com a intenção de diminuir o preconceito em relação à doença. Conforme o artigo 1º dessa Lei, “o termo ‘lepra’ e seus derivados não poderão ser utilizados na linguagem empregada nos documentos oficiais da Administração centralizada e descentralizada da União e dos Estados-membros”. Tal substituição pode ser vista tanto nos tratados de Dermatologia, quanto na campanha nacional de prevenção a essa doença (“A hanseníase tem cura”). Em francês, todavia, o termo *lèpre* é comumente utilizado como termo principal nos compêndios científicos e como termo-entrada nos dicionários de Medicina e Dermatologia. Assim, podemos dizer que tanto *hanseníase* e *lèpre* quanto *lepra* e *lèpre* apresentam relação de

intersecção, visto que designam o mesmo conceito, mas se encontram em nível de língua distintos e são usados de modo diferente pelos especialistas brasileiros e franceses.

7.3.3. Superioridade

Na categoria que, dos três autores estudados, somente Felber apresenta, a superioridade ($A > B$), encontram-se os termos que estão em uma relação do tipo genérico – específico, ou seja, um termo A possui todos os traços conceptuais de um termo B, mas apresenta, além desses, traços distintos, o que o torna um conceito de maior compreensão e menor extensão, sendo, portanto, mais específico que A.

Quando se trabalha com termos organizados em uma árvore conceptual, como é o caso de nossa pesquisa, esse tipo de relação é notado em inúmeros termos. Vejamos os seguintes exemplos:

Símbolo de classificação	Português	Francês
4.28.6.	queilite	chéilite
4.28.6.1.	queilite glandular simples	chéilite glandulaire
4.28.6.2.	queilite actínica	chéilite liée à une irradiation
4.28.6.3.	queilite glandular apostematosa	chéilite glandulaire apostemateuse

Em português e em francês os termos se comportam de modo semelhante no que diz respeito à árvore conceptual. Observando os símbolos de classificação, podemos deduzir que os termos *queilite* e *chéilite*, por serem o gênero próximo (hiperônimos) dos outros três termos nas duas línguas, possuem maior extensão, englobando os três conceitos mais específicos. Os hipônimos *queilite glandular simples*, *queilite actínica* e *queilite glandular apostematosa*, bem como seus equivalentes em francês, estão em relação de superioridade com *queilite* e *chéilite*, porque possuem alguns traços conceptuais a mais, apresentando, portanto, maior compreensão e menor extensão. Podemos esquematizar essa situação na seguinte figura:

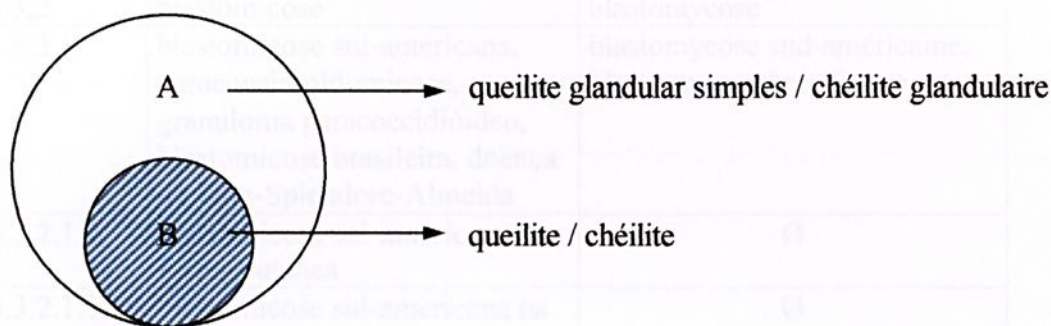


Figura 11: Grau de superioridade.

Como vemos acima, o termo mais específico *queilite glandular simples*, que tem como equivalente francês *chéilite glandulaire*, apresenta os mesmos traços conceptuais de *queilite / chéilite* adicionados aos seus traços específicos, ou seja, as características que o distinguem desse mais genérico e que o individualizam.

Os outros dois hipônimos de *queilite* e *chéilite* (*queilite actínica / chéilite liée à une irradiation* e *queilite glandular apostematosa / chéilite glandulaire apostemateuse*) comportam-se da mesma forma que o termo A ilustrado na figura 7.

A superioridade intralinguas que acabamos de demonstrar está presente na quase totalidade (se não na totalidade) de nosso sistema conceptual, tanto em português como em francês, uma vez que a terminologia de nossa pesquisa é organizada hierarquicamente.

Quanto ao grau de superioridade interlinguas (equivalência por superioridade, de acordo com Felber), demonstraremos um exemplo típico que ocorreu não só em nossa pesquisa, mas também nos outros idiomas pesquisados no VMD. É o caso das *blastomicoses*. Iniciemos por citar essa parte de nosso quadro de equivalências organizado hierarquicamente, com os respectivos símbolos de classificação:

Símbolo de classificação	Português	Francês
4.24.3.2.	blastomicose	blastomycose
4.24.3.2.1.	blastomicose sul-americana, paracoccidioidomicose, granuloma paracoccidióideo, blastomicose brasileira, doença de Lutz-Splendore-Almeida	blastomycose sud-américaine, blastomycose brésilienne
4.24.3.2.1.1.	blastomicose sul-americana na forma cutânea	Ø
4.24.3.2.1.1.1.	blastomicose sul-americana na forma papulosa	Ø
4.24.3.2.1.1.2.	blastomicose sul-americana na forma tuberosa e túbero-ulcerosa	Ø
4.24.3.2.1.1.3.	blastomicose sul-americana na forma ulcerosa e úlcero-vegetante, blastomicose perianal, blastomicose peniana	Ø
4.24.3.2.1.1.4.	blastomicose sul-americana na forma abscedante	Ø
4.24.3.2.1.1.5.	blastomicose sul-americana na forma lupóide	Ø
4.24.3.2.1.2.	blastomicose sul-americana na forma mucosa	Ø
4.24.3.2.1.3.	blastomicose sul-americana na forma ganglionar	Ø
4.24.3.2.1.4.	blastomicose sul-americana na forma visceral e ósteo-articular	Ø
4.24.3.2.2.	blastomicose queloidiana, micose de Jorge Lobo, doença de Jorge Lobo, lobomicose	lobomycose, blastomycose chéloïdienne, maladie de Lobo, maladie de Jorge Lobo
4.24.3.2.3.	blastomicose norte-americana, blastomicose de Gilchrist	blastomycose nord-américaine, maladie de Gilchrist

O termo *blastomicose sul-americana*, em português, apresenta nove hipônimos que não foram encontrados em francês e em nenhuma outra das três línguas do VMD pesquisadas. Em francês encontramos somente o equivalente mais genérico *blastomycose sud-américaine*, que tem como outra designação *blastomycose brésilienne*. Encontramos também os outros dois hipônimos de *blastomycose*: *lobomycose* e *blastomycose nord-américaine*, que estão no mesmo nível de *blastomycose sud-américaine*. Não havia registros em francês, porém, das subdivisões que temos desta em português.

Uma provável explicação para essa situação é a de que a necessidade de precisão denominativa dos falantes da língua francesa é diferente da dos brasileiros. O referido caso é de uma dermatose de alta incidência na América do Sul e de nenhuma ocorrência relatada na França. Por essa razão, é normal que os especialistas brasileiros em Dermatologia lancem-se em estudos aprofundados sobre a matéria e distingam tipos diferentes da dermatose em questão, enquanto que às autoridades médicas francesas interessa apenas um conhecimento mais superficial dessa doença. De modo mais generalizante, o fato de uma determinada língua apresentar apenas um termo mais genérico para vários específicos na outra pode dever-se a um fenômeno puramente extralingüístico e cultural.

É importante ressaltar que no VMD não apontamos como equivalentes em LC termos mais genéricos ou mais específicos que da LP, mas indicamos a não-existência de tais termos, fenômenos sobre o qual discorreremos no próximo item.

7.3.4. Não-equivalência

Na quarta categoria de classificação dos graus de equivalência, a não-equivalência ($A \neq B$), o termo da LP (português) não apresenta traços semânticos em comum com nenhum termo da LC (francês). Isso ocorreu com 14% dos termos que pesquisamos.

O fato de haver esse vazio de equivalência deve-se, muito provavelmente, a uma ausência de necessidade denominativa por parte do francês no que concerne a esses termos, como pudemos observar no caso das *blastomicoses*. Essa situação decorre do fato de que cada língua e seus respectivos falantes apresentam uma determinada necessidade de precisão denominativa e recortam a realidade de modo distinto. Uma outra justificativa para a inexistência de equivalentes em francês pode ser a incidência dessas doenças apenas no Brasil ou por terem sido descritas por médicos brasileiros.



Os termos citados na tabela a seguir, em particular, não foram encontrados em nenhuma das quatro línguas do VMD:

Símbolo de classificação	Português	Francês
4.21.7.	corinebacteriose cutânea	Ø
4.22.2.2.3.	tubercúlida micropapulosa	Ø
4.24.3.1.1.2.	esporotricose abscedante	Ø
4.29.10.1.	neoplasia cutânea benigna de origem mesenquimal	Ø
4.30.1.	disembrioplasia cutânea	Ø
4.30.2.1.1.2.3.	ictiose universal frusta	Ø
4.30.2.1.1.5.	neuroictiose, ictiose conjugada	Ø
4.30.2.1.3.6.	queratodermia palmoplantar tipo Osvaldo Costa, ceratodermia palmoplantar tipo Osvaldo Costa	Ø

A *corinebacteriose cutânea*, por exemplo, é descrita por Azulay e Azulay (1999). Esse termo apresenta seis hipônimos, para os quais encontramos os equivalentes (cf. Quadro de equivalentes), mas percebemos que as obras em francês (e mesmo as outras obras em português) situavam esses seis termos no mesmo nível das outras bacterioses, “omitindo” o hiperônimo presente em Azulay e Azulay (idem).

Dessa forma, seja por incidência exclusiva da doença no Brasil, seja por criação neológica de determinado autor brasileiro para expressar o próprio ponto de vista sobre alguma classificação ou mesmo por necessidade didática em suas obras, é possível que não se encontrem equivalentes de termos da área médica em outros idiomas. Como enfatizamos na fundamentação teórica, o VMD não tem “horror ao vazio”, por isso não preenchemos as lacunas deixadas pelos termos não encontrados, apenas indicamos essa inexistência.

7.4. Equivalências e variação terminológica

O processo da busca das equivalências em francês de um subconjunto de termos em português permitiu-nos verificar a presença marcante da variação terminológica no domínio da Dermatologia em ambos os idiomas.

Esse fenômeno lingüístico chamou-nos a atenção e decidimos estudar mais de perto sua ocorrência no campo da Dermatologia. No próximo capítulo abordaremos em detalhes esse aspecto da terminologia objeto de nosso estudo.

O fenômeno da variação terminológica está muito presente na terminologia da Dermatologia. Todo ser humano é passível de adoecer, e, em todos os lugares, essas doenças precisam ser nomeadas. Daí a tendência à riqueza de variação terminológica no domínio da Medicina. Esse fenômeno se dá no nível pragmático / discursivo, e não conceitual, ou seja, a diferença entre *herpes* e *lepra*, por exemplo, não é a doença em si, nem o conceito que esses termos designam, mas a situação de uso desses termos (cf. capítulo 7, item 7.3.2).

Neste capítulo o estudo da variação terminológica se dará primeiramente intralingua, ou seja, procuraremos a uma análise desse fenômeno lingüístico em português e em francês separadamente para, em seguida, estabelecermos algumas correlações. Separaremos as variantes terminológicas existentes em nosso corpus em categorias (variantes morfológicas, variantes geográficas e outras), mas essa distinção não elimina a possibilidade de um mesmo termo ser classificado em mais de uma categoria.

As variantes terminológicas da Dermatologia pertencem a dois grandes grupos, as variantes lingüísticas e as variantes sociolingüísticas e serão analisadas sob dois ângulos:

1. Procurando classificá-las à luz das categorias propostas pelos linguistas e terminólogos citados no capítulo 3.4 *Variação Terminológica*.

8. Análise das variantes de termos do domínio da Dermatologia

O paciente assustou-se quando o médico proferiu o diagnóstico na forma de uns versinhos.

- Você pegou cancro-mole, cavalo-de-crista, mula. Porém respeitando a bula deste meu medicamento com um mês de tratamento você de novo copula.

Jorge Machado, *As aventuras de Doloca*

O fenômeno da variação terminológica está muito presente na terminologia da Dermatologia. Todo ser humano é passível de adoecer, e, em todos os lugares, essas doenças precisam ser nomeadas. Daí a tendência à riqueza da variação terminológica no domínio da Medicina. Esse fenômeno se dá no nível pragmático / discursivo, e não conceptual, ou seja, a diferença entre *hanseníase* e *lepra*, por exemplo, não é a doença em si, nem o conceito que esses termos designam, mas a situação de uso desses termos (cf. capítulo 7, item 7.3.2).

Neste capítulo, o estudo da variação terminológica se dará primeiramente intralinguas, isto é, procederemos a uma análise desse fenômeno lingüístico em português e em francês separadamente para, em seguida, estabelecermos algumas correlações. Separamos as variantes terminológicas encontradas em nosso *corpus* em categorias (variantes morfológicas, sintáticas, geográficas e outras), mas essa distribuição não elimina a possibilidade de um mesmo termo ser classificado em mais de uma categoria.

As variantes terminológicas da Dermatologia pertencem a dois grandes grupos, as variantes lingüísticas e as variantes sociolingüísticas, e serão analisadas sob dois ângulos:

1. Procurando classificá-las à luz das categorias propostas pelos lingüistas e terminólogos estudados no capítulo 3.4. *Variação Terminológica*;

2. Destacando termos cuja motivação (origem da denominação) se evidencie em sua denominação (expressão formal). As categorias nas quais são classificados esses termos foram por nós criadas com base nas observações que fizemos ao longo de nosso estudo.

As marcas de uso (cf. capítulo 3.4 item 3.4.5.2) relativas aos termos em português estão dispostas entre parênteses após cada termo, de acordo com as fontes consultadas quando da busca das variantes, a saber:

- 1. DICIONÁRIO Aurélio Eletrônico Século XXI. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Lexicom Informática, 1999. CD-ROM, versão 3.0.
- 2. DICIONÁRIO Houaiss Eletrônico. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. CD-ROM, versão 1.0.

Segue abaixo uma lista de abreviações das marcas de uso e seus significados:

Abreviações	Significados
AL	Alagoas
BA	Bahia
bras.	brasileirismo
impr.	impróprio
lus.	lusitanismo
MG	Minas Gerais
obsol.	obsoleto
N	Norte
NE	Nordeste
pop.	popular
S	Sul
SP	São Paulo

Em francês, as marcas de uso estão de acordo com o dicionário *Petit Robert Électronique* e o TLFi, com bibliografia já disposta no capítulo 6. *Metodologia*. As marcas são as seguintes:

Abreviações	Significados
angl.	anglicisme
arg.	argot
cour.	courant
didact.	didactique
par euphém.	par euphémisme

<i>fam.</i>	familier
<i>fig.</i>	figuratif
<i>impr.</i>	impropre
<i>iron.</i>	ironique
<i>méton.</i>	métonimie
<i>pop.</i>	populaire
<i>racomm. offic.</i>	raccommodé officiellement
<i>vieilli</i>	vieilli
<i>vx.</i>	vieux
<i>vulg.</i>	vulgaire

O *Petit Robert Électronique* enfatiza a diferença entre *populaire* e *familier*: a primeira “qualifica uma palavra ou um sentido corrente na língua falada dos meios populares, que não se empregaria em um meio social elevado”. *Familier* designa o “uso falado ou escrito da língua cotidiana”, distinguindo-se de *populaire* por “concernir à situação de discurso e não ao nível social”.

Como enfatizamos no item 3.4.5.2. *Marcas de uso*, nem sempre são nítidos os limites de um termo para que este seja classificado com uma ou outra marca de uso. O termo francês *gourme*, variante de *impétigo*, por exemplo, apresenta, dentro da mesma obra (TLFi) duas classificações: *pop* quando é termo entrada e *fam* quando encontrado no verbete *impétigo*.

8.1. PORTUGUÊS

8.1.1. Variantes terminológicas lingüísticas

Esse primeiro tipo de variante é determinado por um fenômeno propriamente lingüístico, ou seja, as variantes são motivadas por características internas à língua. Subdividimos esse grupo da seguinte forma: variantes fonológicas, variantes morfológicas, variantes ortográficas, variantes lexicais e variantes sintáticas.

8.1.1.1. Variantes fonológicas

Entendemos esse tipo de variante como aquelas que são motivadas pelas diferenças fonéticas na pronúncia do termo. Em alguns casos, a etimologia popular parece ser a principal causa das alterações fonológicas. A ocorrência destas se dá, necessariamente, na fala ou na pronúncia. Em nosso *corpus* ocorreram alguns casos, dentre os quais destacamos:

Termo	Variantes
erisipela	esipra (bras. N. pop.)
furúnculo	frúnculo (pop.), frunco (pop.), fruncho (pop.)
lúpia	calombo (bras. pop.), lombinho (bras. pop.), lobinho (pop.)
terçol (hordéolo)	treçol (pop.), terçó (pop.), treçó (pop.), torçol (pop.), torçolho (pop.), terçolho (pop.), terçogo (lus.)

Nos termos *erisipela* e *furúnculo*, as variantes fonológicas ocorrem por terem surgido de termos proparoxítonos. No primeiro caso, o termo *esipra*, popular do norte do Brasil, é proveniente, segundo Houaiss (2001), de *erisípela*, forma proparoxítona de *erisipela*, e sofreu síncope da pós-tônica (fonema “e” da sílaba “pe”), passando pelas transformações:

erisipela → [erisipla] → [ersipra] → esipra

As três variantes fonológicas de *furúnculo* também são alterações populares desse termo, por motivo semelhante ao de *erisipela*. Por ser proparoxítona, o termo *furúnculo* pode apresentar dificuldades de pronúncia a algumas classes sociais menos cultas, o que abre espaço para síncope no termo e, conseqüentemente, ao aparecimento das variantes *frunco*, *fruncho* e *frúnculo*. Existe a possibilidade dessas variantes terem-se originado na fala dos portugueses, que têm a tendência a eliminar de sua pronúncia as vogais.

No caso de *lúpia*, de acordo com o dicionário Houaiss (idem), as variantes *lobinho* e *lombinho* foram formadas por influência de *calombo*. Essas variantes sofreram transformações fonológicas passando pelo seguinte processo:

calombo → [lombo] → lombinho → lobinho

Quanto a *terçol*, podemos observar a rica seqüência de variantes em torno do termo. Nesse caso, Houaiss (idem) explica que a forma *hordéolo* deriva do latim *hordeulus*, diminutivo de *hordeum*, que significa *cevada*. *Hordeum* é proveniente do arcaísmo *orçoo*, que uma etimologia popular interpretara como *torce olho*. A “etimologia popular” é um fenômeno que “une uma palavra a outra por semelhança fonética e alguma associação semântica, sem qualquer base no parentesco genético” (HOUAISS, idem). Assim, a forma *torce olho* passou por processos fonéticos na fala popular, gerando as variantes fonológicas *torçolho*, *terçolho*, *torçol*, *terçol*, *treçol*, *terçó*, *treçó*, *terçogo*.

Algumas variantes que vimos neste item, além de serem fonológicas, também se caracterizam como geográficas e socioletais, confirmando, assim, o que dissemos anteriormente: uma variante pode ser classificada em mais de uma categoria.

8.1.1.2. Variantes morfológicas

São aquelas que apresentam, na estrutura do termos, alteração de ordem morfológica, sem que o conceito se modifique.

Em Medicina, são comuns os sufixos *-ose*, *-ase*, *ite*, *-ismo*, *-ia*, dentre outros, e radicais como *perio-*, *osteo-*, *mico-*, *epi-*, *trico-* dentre outros. A alternância entre eles em um par de termos provoca a variação morfológica. A lista abaixo apresenta alguns exemplos encontrados em nossa pesquisa:

Termo	Variantes
actinomicose	actinomicetose
albinismo	albinia
candidíase	candidose
osteofoliculite	periofoliculite
piodermite	piodermia, piodermatite
radiodermite	radiodermatite
rickettsíase	rickettsiose
tinha fávica	tinha favosa
treponemose	treponemíase, treponematose
urticária macular	urticária macuslosa

O sufixo *-ose*, de acordo com Houaiss (2001), é utilizado em Medicina “por uma especialização do greco-latino *-ose*, para formar os substantivos de diversos processos patológicos e doenças, sobre uma base que designa quer o órgão, quer parte dele, quer determinada manifestação do processo em causa (como em *candidose*, *rickettsiose*), quer a natureza desse processo”. O sufixo *-íase* (*candidíase*, *rickettsíase*) é, segundo Houaiss (idem) “equivalente a *-ase*, formador de substantivos de estado”. Houaiss explica, então, que *-ase* é um sufixo típico da terminologia médica e biocientífica que vem sendo empregado desde o século XIX para indicar processos orgânicos, moléstias ou doenças. Por sua semelhança de sentido, os sufixos *-ase* e *-ose* são, por vezes, empregados em relação sinonímica na terminologia da Dermatologia, produzindo variantes morfológicas.

Significando “inflamação”, o sufixo *-ite* ocorre em grande escala nos termos médicos, como em *foliculite*, *piodermite*, *radiodermite*. Para o sufixo *-ia* (em *albinia*, *piodermia*), Houaiss (idem) atribui a seguinte explicação:

Os vocabulários técnico e científico das línguas ocidentais de cultura foram, a partir do Renascimento e, em especial, do século XVIII, altamente influenciados, através da implantação progressiva do chamado latim científico, pelos radicais gregos em que substantivos abstratos designativos de formas de conhecimento, normalmente em grego *-ía*, e não *-eia*, eram objeto de adaptação em português, com freqüentes casos de vacilação, como se exemplificam na linguagem médica. (HOUAISS, 2001).

Dessa forma, o sufixo *-ia* é um formador de adjetivo sem função semântica específica. No par de variantes *piodermite* e *piodermia*, então, temos que o primeiro termo enfatiza o caráter inflamatório da doença, enquanto o segundo, mais genérico, não atribui essa especificidade.

No par *treponemose* e *treponematose* podemos descrever uma variação morfológica “interna”. O primeiro pode ser decomposto da seguinte forma: *trepo-* + *-nem(a)-* + *-ose*. Sua variante *treponematose* compõe-se dos morfemas *trepo-* + *nemat(o)-* + *-ose*. Todos esses morfemas ocorrem, segundo Houaiss, em cultismos da terminologia médica, desde o século

XIX. *Trepo-* significa “virar, dirigir, girar, mudar”; *-nemat(o)-* significa “fio, filamento”; *-nem(a)* é uma forma haplológica deste último; e *-ose* já foi comentado anteriormente. Por processo semelhante passam os pares *radiodermite* e *radiodermatite*, *piodermite* e *piodermatite*, *actinomicose* e *actinomicetose*.

O prefixo *ost(e/o)-* é classificado por Dorland (1997, p. xxi) como uma forma combinante da terminologia médica, do grego *osteon*, que significa “osso”. O prefixo *peri-* é descrito como um “prefixo culto, do advérbio e preposição grega *perí* ‘em torno; acima de tudo; em volta de, ao redor de’” (HOUAISS, 2001). Cada um desses prefixos nos termos sinônimos *periofoliculite* e *osteofoliculite* retomam uma característica diferente da doença. O primeiro remete ao halo eritematoso que circunda as pequenas pústulas foliculares centradas por pêlo, e o segundo refere-se ao momento em que o processo ganha profundidade, podendo tornar-se crônico e atingir o osso.

8.1.1.3. Variantes ortográficas

Essa é a classe de variantes que apresentam alguma diferença na grafia. Algumas podem também variar foneticamente. Vejamos os exemplos abaixo:

Termo	Variantes
abcesso	abscesso
antraz	anthrax
ceratose	queratose
cisto	quisto
coxim falangeano	coxim falangiano
feoifomicose	feohifomicose
flegmão	fleimão, freimão
foliculite decalvante	foliculite descavante
framboesia	framboésia
mal das pintas	mal-das-pintas
neuroma	nevroma
piã	pian
queilite	quilite
tricolemoma	triquilemoma
uretrite não-gonocócica	uretrite pós-gonocócica
verruga peruana	verruga-peruana

Em *piã* e *pian*, por exemplo, notamos que a nasalidade da última sílaba proporcionou duas opções de grafia. A primeira forma, entretanto, está mais de acordo com as regras de ortografia da língua portuguesa.

O termo *neuroma* apresenta uma variante que manteve a letra *v*, forma gráfica da letra *u* em latim (*nevroma*).

Anthrax, do latim medieval “úlceras”, remete à lesão característica da doença, que é extensa, profunda, alastrante e rebelde; forma placa, que apresenta múltiplos orifícios, por onde são eliminados pus e carnegão. O termo manteve a forma latinizada e originou a variante ortográfica aportuguesada *antraz*.

No par de variantes *framboesia* e *framboésia*, o acento altera a sílaba tônica do segundo termo, que, por meio desse processo fonológico, tem a última sílaba transformada em ditongo, originando a variante ortográfica.

O termo *abcesso* é uma forma não preferencial de *abscesso*. O mesmo ocorre com *triclemoma* e *triquilemoma*, *quisto* e *cisto* e *queratose* e *ceratose*. Os termos iniciados por *qu-* são formas que provieram do grego (*keratosis*), enquanto que os iniciados por *c* constituem formas latinizadas e são tidas como preferenciais pela ortografia brasileira. Verificamos também que, em latim, a letra *c* antes de *e* e *i* possuía som de [k], tendo o português conservado na grafia que esse fonema.

Os termos *verruga peruana* / *verruga-peruana* e *mal das pintas* / *mal-das-pintas* diferenciam-se na grafia pelo fato de um dos termos, complexo na origem, tornar-se um só termo composto por justaposição por meio de construção hifenizada.

8.1.1.4. Variantes sintáticas

Dois termos complexos são variantes sintáticas quanto se altera sua construção sintagmática. De acordo com Boutin-Quesnel (1985, p. 12) são as variantes caracterizadas por

um conectivo diferente, como ocorre, por exemplo, com o par de termos *tumor glômico*, *tumor de glomus*. Para que um termo seja classificado nesse tipo de variação, deve, necessariamente, ser complexo ou composto por justaposição com hífen, ou seja, não pode ser um termo simples, deve ter mais de um elemento. No caso de *tumor glômico*, o segundo elemento (*glômico*) funciona como adjetivo; em *tumor de glomus*, temos em *de glomus* um adjunto adnominal.

Esse tipo de fenômeno ocorreu em outras variantes do VMD. Em nosso *corpus*, alguns exemplos são:

Termo	Variante
acne cosmética	acne por cosmético
fibromatose cervical	fibromatose do pescoço
urticária ao frio	urticária do frio
urticária física	urticária por agentes físicos

As variantes dos dois primeiros termos podem gerar interpretações diferentes dos termos principais. Em *urticária física*, por exemplo, pode haver a interpretação de que se trata simplesmente de uma doença “do corpo” (física), mas, com base em sua variante *urticária por agentes físicos*, é possível identificar que os agentes físicos (ou o contato com estes) são a causa da doença. No último exemplo, ocorre o caso previsto por Boutin-Quesnel, ou seja, a troca de conectivos *ao* e *do* (*frio*).

8.1.1.5. Variantes lexicais

A estrutura do termo que sofre esse tipo de variação, da mesma forma que a anteriormente descrita, deve ser complexa. Nessas variantes, um dos elementos é substituído por outro, é omitido (elipse lexical), ou, ainda, muda de posição, sem que o conceito do termo se altere.

- Substituição de um dos elementos:

Termo	Variante
dermatofitose do corpo	tinha do corpo
doença de Hansen	mal de Hansen
éctima gangrenoso	pioderma gangrenoso
erisipela metastática	erisipela bolhosa , erisipela gangrenosa , erisipela recidivante
foliculite necrótica	acne necrótica
foliculite ostial	foliculite superficial
hanseníase indeterminada	hanseníase incarcerística , hanseníase indiferenciada
lúpus vulgar	lúpus tuberculoso
micose profunda	micose subcutânea
pele de peixe	pele de jacaré
sífilis congénita	sífilis hereditária
sífilis congênita recente	sífilis congênita precoce
tuberculose cutânea	tuberculose dérmica
úlceras tropicais	úlceras fagedênicas
urticária do frio	urticária do congelamento
verruca necrogênica	verruca anatômica , verruca tuberculosa

- Elipse lexical:

Termo	Variante
acne rosácea	rosácea
epitelioma intra-epidérmico de Borst-Jadassohn	epitelioma de Borst-Jadassohn
foliculite perfurante do nariz	foliculite perfurante
granuloma da linha médio-facial	granuloma médio-facial
granulose apostematosa de Puente	granulose apostematosa
ictiose fetal bolhosa	ictiose bolhosa
impetigo de Fox	impetigo
linfoma cutâneo de células T adultas	linfoma cutâneo de células T, linfoma de células T
necrobiose lipoídica diabética	necrobiose lipoídica
nevo melanocítico juncional	nevo juncional
sicose lupóide de Brocq	sicose lupóide
tuberculose cutânea miliar aguda	tuberculose miliar aguda, tuberculose aguda

- Mudança de posição de um ou mais termos:

Termo	Variantes
eritema migratório necrolítico	eritema necrolítico migratório
fibromatose digital infantil	fibromatose infantil digital
linforreticulose de inoculação benigna	linforreticulose benigna de inoculação
nevo branco esponjoso	nevo esponjoso branco

Na primeira tabela (substituição dos elementos), o fenômeno mais evidente nos termos substituídos é a ênfase de uma ou outra característica da doença. Um exemplo é o termo *erisipela metastática*, que descreve a metástase característica da doença, ou seja, distensão ou deslocamento do tecido. As variantes desse termo, porém, privilegiam outras características: *erisipela bolhosa*, que se refere às grandes bolhas tensas, contendo líquido amarelo-citrino, que surgem devido à obstrução de vasos linfáticos; *erisipela gangrenosa*, que caracteriza a fase em que as bolhas se rompem e evoluem para necrose e úlcera superficial; *erisipela recidivante*, que caracteriza os surtos repetitivos da doença em alguns pacientes devido à baixa resistência tecidual. Esse processo não é observado quando os termos alterados são sinônimos, como em *tuberculose cutânea* e *tuberculose dérmica*, *micose profunda* e *micose subcutânea*.

Na segunda tabela, os termos omitidos perdem uma parte da carga conceptual, como em *ictiose fetal bolhosa* e *ictiose bolhosa*, doença que acomete recém-nascidos, e em *foliculite perfurante do nariz* e *foliculite perfurante*, que se caracteriza por infecção de um folículo piloso do nariz e acaba perfurando a pele.

A mudança de posição de um ou mais termos, na terceira tabela, não afeta o conceito, mas pode privilegiar uma particularidade, assinalando-a em primeiro lugar, como em *fibromatose digital infantil* e *fibromatose infantil digital*, doença que surge nos primeiros meses de vida até o terceiro ano de idade e se localiza preferencialmente na face dorso-lateral dos dedos das mãos. O primeiro termo destaca o local de incidência da doença e o segundo privilegia o paciente acometido.

8.1.2. Variantes terminológicas sociolingüísticas

São as variantes que ocorrem no âmbito do uso dos termos, caracterizadas por serem culturalmente marcadas, de acordo com o nível de língua e de discurso em que o termo ocorre. Fazem parte desse grupo as variantes geográficas, socioletais e cronoletais.

8.1.2.1. Variantes geográficas

São aquelas que ocorrem em diferentes regiões em que se fala a mesma língua. Esse tipo de variação é muito freqüente no Brasil, em todos os domínios. É favorecida pela extensão territorial do país, que, por causa da grande proporção, influencia fatalmente na diferenciação dos falares regionais. Faulstich (2002) explica que pode ocorrer “ou de polarização de comunidades lingüísticas geograficamente limitadas por fatores políticos, econômicos ou culturais, ou de influências que cada região sofreu durante sua formação” (idem, p. 69). Em nossa parte do VMD, temos os seguintes termos que se enquadram nessa classificação:

Termo	Variantes
codiloma acuminado gigante de Buschke-Loewenstein	cavalo de crista (<i>bras. pop.</i>)
erisipela	mal-de-monte (<i>bras. NE pop.</i>), mal-da-praia (<i>bras.</i>), maldita (<i>bras. pop.</i>), esipra (<i>bras. N. pop.</i>)
framboesia	piã (<i>bras.</i>)
furúnculo	cabeça-de-prego (<i>bras. pop.</i>), bichoco (<i>lus. pop.</i>)
hanseníase	mal (<i>bras. S.</i>), mal-do-sangue, (<i>bras. pop.</i>), mal-de-cuia (<i>bras. SP pop.</i>), guarucaia (<i>bras.</i>), macota (<i>bras.</i>), macutena (<i>bras. MG</i>)
hordéolo	terçogo (<i>lus.</i>)
lúpia	lombinho (<i>bras. pop.</i>), calombo (<i>bras. pop.</i>)
pinta	puru-puru (<i>bras. pop.</i>), purupuru (<i>bras. pop.</i>)
queilite angular	canto-de-passarinho (<i>bras. BA pop.</i>), canto-de-sabiá (<i>bras. pop.</i>)

Sabemos que o Brasil, devido à grande proporção física, é muito rico em variantes geográficas. Nos termos acima (apenas uma parte do VMD), temos quase todas as regiões brasileiras: Norte, Nordeste (e o estado da Bahia) e Sul, e os estados de São Paulo e Minas Gerais, na região Sudeste. Os brasileirismos (*bras.*) são as variantes com incidência em todo o

território, sem uma região específica, e opõe-se aos lusitanismos (*lus.*), com incidência em Portugal.

8.1.2.2. Variantes socioletais

Essa classe de variantes é determinada necessariamente pelo nível de língua, na qual se denota o uso real dos termos. Auger (2001) atribui essa classificação às diferenças de registros das variantes. Incluem-se, então, os termos populares, familiares, vulgares etc no nível informal, e os cultos (“cultismos”) no nível formal. Classificamos esses últimos, em Dermatologia, como os termos em latim.

Alguns exemplos dos termos que se enquadram no nível informal são:

Termo	Variantes
candidíase intertriginosa	assadura (<i>pop.</i>), assado (<i>pop.</i>)
codiloma acuminado gigante de Buschke-Loewenstein	cavalo de crista (<i>bras. pop.</i>)
dermatofitose da barba	mentagra (<i>impr.</i>), coceira de barbeiro (<i>pop.</i>)
erisipela	mal-do-monte (<i>pop.</i>), mal-de-monte (<i>bras. NE pop.</i>), maldita (<i>bras. pop.</i>), esipra (<i>bras. N pop.</i>)
estomatite cremosa	sapinho (<i>pop.</i>) sapinhos (<i>pop.</i>)
furúnculo	fruncho (<i>pop.</i>), frunco (<i>pop.</i>), frúnculo (<i>pop.</i>), bichoca (<i>pop.</i>), bichoco (<i>lus. pop.</i>), cabeça-de-prego (<i>bras. pop.</i>), nascida (<i>pop.</i>), nascido (<i>pop.</i>)
gonorréia	esquentamento (<i>pop.</i>), pingadeira (<i>pop.</i>), purgação (<i>pop.</i>)
hanseníase	gafa (<i>pop.</i>), gafo (<i>pop.</i>), lazeira (<i>pop.</i>), elefantíase-dos-gregos (<i>pop.</i>), mal-bruto (<i>pop.</i>), mal-de-lázaro (<i>pop.</i>), mal-de-são-lázaro (<i>pop.</i>), mal-morfético (<i>pop.</i>), mal-do-sangue, (<i>bras. pop.</i>), mal-de-cuia (<i>bras. SP pop.</i>)
hordéolo	terçol (<i>pop.</i>), terçó (<i>pop.</i>), terçogo (<i>lus.</i>), terçolho (<i>pop.</i>), torçol (<i>pop.</i>), treçó (<i>pop.</i>), treçol (<i>pop.</i>)
impetigo	salsugem (<i>pop.</i>)
lúpia	lobinho (<i>pop.</i>), lombinho (<i>bras. pop.</i>), calombo (<i>bras. pop.</i>)
nevo melanocítico	mancha café-com-leite (<i>pop.</i>)
pinta	puru-puru (<i>bras. pop.</i>), azul, doença manchada (<i>pop.</i>), mal das pintas (<i>pop.</i>), mal-da-pinta, mal-do-pinto, purupuru (<i>bras. pop.</i>)
sífilis	mal-americano (<i>pop.</i>), mal-canadense (<i>pop.</i>), mal-céltico (<i>pop.</i>), mal-da-baía-de-são-paulo (<i>pop.</i>), mal-de-coito (<i>pop.</i>), mal-de-fiúme (<i>pop.</i>), mal-de-franga (<i>pop.</i>), mal-de-frenga (<i>pop.</i>), mal-de-nápoles (<i>pop.</i>), mal-de-santa-eufêmia (<i>pop.</i>), mal-de-são-jó (<i>pop.</i>), mal-de-são-névio (<i>pop.</i>), mal-de-são-semento (<i>pop.</i>), mal-dos-cristãos (<i>pop.</i>), males (<i>pop.</i>), mal-escocês (<i>pop.</i>), mal-francês (<i>pop.</i>), mal-gálico (<i>pop.</i>), mal-germânico (<i>pop.</i>), mal-ilírico (<i>pop.</i>), mal-napolitano (<i>pop.</i>), mal-polaco (<i>pop.</i>), mal-turco (<i>pop.</i>), gálico (<i>pop.</i>), venéreo (<i>pop.</i>)

queilite angular	boqueira (<i>pop.</i>), quilite comissural, boqueiro (<i>pop.</i>), canto-de-passarinho (<i>bras. BA pop.</i>), canto-de-sabiá (<i>bras. pop.</i>), sabiá (<i>pop.</i>)
------------------	---

Vemos nos termos acima que, além de socioletais, algumas variantes são também geográficas, como *cabeça-de-prego* (*bras. pop.*), *maldita* (*bras. pop.*), *esipra* (*bras. N pop.*) *lombinho* (*bras. pop.*), dentre outras.

Quanto aos cultismos, variantes socioletais de nível formal, podemos notar que estão bastante presentes na terminologia médica por meio dos termos latinizados. Vejamos o primeiro quadro de termos abaixo:

Termo	Variante
angioceratoma de Fabry	<i>angiokeratoma corporis diffusum</i>
angioma estelar	<i>spider nevus, nevus araneus</i>
angioma plano	<i>nevus flammeus, nãvus flammeus</i>
candidíase intertriginosa	<i>erosio digitalis blastomycetica</i>
cilindroma	<i>tumours turbans</i>
dermatofitose da barba	<i>tinea barbae</i>
dermatofitose da face	<i>tinea faciale</i>
dermatofitose das mãos	<i>tinea manum, tinea nigra</i>
dermatofitose do corpo	<i>tinea corporis, tinea circinata</i>
dermatofitose do couro cabeludo	<i>tinea capitis, tinea tonsurans</i>
dermatofitose dos pés	<i>tinea pedis</i>
dermatofitose imbricata	<i>tinea imbricata</i>
dermatofitose marginada	<i>tinea cruris</i>
dermatofitose ungueal	<i>tinea unguium</i>
fibromatose peniana	<i>indurativo penis plastica</i>
foliculite abscedante	<i>folliculitis abscedens et suffodiens</i>
granuloma anular	<i>granuloma annulare</i>
ictiose histrix	<i>nevus verrucosus</i>
linfogranuloma venéreo	<i>lymphogranuloma venereum</i>
necrobiose lipoídica	<i>necrobiosis lipoidica, necrobiosis lipoidica diabeticolorum</i>
telangiectasia macular eruptiva <i>pertans</i>	<i>telangiectasia macularis eruptiva pertans</i>
tuberculide liquenóide	<i>lichen scrofulosorum</i>
tuberculose luposa	<i>tuberculosis luposa cutis</i>

Na coluna à esquerda, encontram-se os termos sinônimos vernáculos (português) dos latinizados, que constam da coluna à direita. Verificamos, portanto, que, em Dermatologia, existem termos vernáculos (em português) e respectivas variantes cultas, em forma latinizada.

Em nossa pesquisa, observamos também a presença de variantes não totalmente latinizadas, ou seja, nem todos os elementos que formam os termos complexos estão em latim, como podemos verificar no quadro abaixo:

Termo	Variantes
ceratólise pontuada	<i>keratolysis</i> plantar sulcada de Castellani
dermatofitose	dermatofitose inflamatória tipo <i>folliculitis capitis abscedens et suffodiens</i>
herpes simples genital	herpes <i>catarrhalis</i>
ictiose bolhosa	<i>epidermolysis</i> bolhosa
micobacteriose atípica ulcerada	ulceração crônica por <i>Mycobacterium ulcerans</i>
necrobiose lipoídica	necrobiose lipoídica <i>diabeticorum</i> (Oppenheim Urbach)
tuberculíde liquenóide	líquen <i>scrofulosorum</i>
urticária factícia	urticária <i>factitia</i>

Os termos complexos acima são “híbridos”, ou seja, são compostos por um ou mais elementos em vernáculo (português) e um ou mais elementos em latim.

8.1.2.3. Variantes cronoletais

São as variantes diacrônicas ou temporais, ou seja, que designam o mesmo conceito (ou conceitos muito próximos) em épocas diferentes. Assim, os termos podem cair em desuso e serem substituídos por outros. É o fenômeno da mudança lingüística. Os seguintes exemplos de nosso *corpus* ilustram esse fenômeno:

Termo	Variantes
dermatofitose do couro cabeludo	tinha favosa (<i>obsol.</i>)
doença sexualmente transmissível	doença venérea (<i>obsol.</i>)
hanseníase	gafa (<i>pop. obsol.</i>), gafo (<i>pop. obsol.</i>)
hidroadenite	hidrosadenite (<i>desus.</i>)

Os termos *hidrosadenite* e *tinha favosa* vigoraram durante algum tempo na terminologia da Dermatologia brasileira, tendo caído em desuso, cedendo, atualmente, espaço a *hidroadenite* e *dermatofitose do couro cabeludo* (e suas outras variantes), preferidos pelos especialistas. Esse processo de “construção dos saberes” (AUGER, 2001, p. 205) é o fenômeno de evolução da Ciência em busca de uma terminologia mais adequada e exata.

Sobre o termo *doença venérea* discorreremos no item 8.1.3.5, e os termos *gafa* e *gafo* serão comentados no item 8.1.3.1.

8.1.3. Outros tipos de variantes

Nas próximas categorias apresentamos as variantes que não se enquadram nas classificações precedentes, mas que apresentam aspectos lingüísticos e socioculturais interessantes, os quais consideramos importante destacar.

8.1.3.1. Variantes designativas do aspecto formal da doença

A referência ao aspecto formal das dermatoses designadas constitui um processo gerador de variantes, ou melhor, a expressão formal evidencia a motivação de alguns termos. É um jeito “fácil” de identificação das doenças, uma vez que as denominações lembram-nas geralmente em sua principal característica. A maioria desses termos apresenta uma relação metafórica com a doença à que se refere. Para exemplificar melhor, apresentamos as figuras de alguns dos termos.

- efélide: **ovo-de-peru** (*pop.*)

O termo *efélide* é sinônimo de *sarda* e apresenta como uma de suas variantes o termo popular *ovo-de-peru*. Logo de início observa-se a existência de uma relação entre o objeto “ovo de peru” com a principal característica da dermatose:

Este acúmulo [de melanina] dá origem a pequenas manchas amareladas ou acastanhadas, de tonalidade mais clara ou mais escura, de formato puntiforme ou lenticular. [...] O aparecimento de efélides é mais comum em indivíduos ruivos e claros (VMD).

Um ovo de peru, por sua vez, também é dotado de pequenos pontinhos amarelados.

José de Alencar evidencia a relação entre a efélide (*sarda*) e o ovo de peru em uma cena da peça teatral *O demônio familiar*:

Ora, senhor não sabe; este pó que mulher deita na cara com pincel. Sinhá Henriqueta tem rosto pintadinho, como ovo de peru; para não aparecer, caia com pó de arroz e essa mistura que cabeleireiro vende (José de Alencar, 1857).

Nesse caso, a denominação popular da dermatose acima é devida à semelhança com a principal característica da doença: o aspecto físico de um ovo de peru.

- angioma estelar: **aranha arterial, aranha vascular.**

Esse caso é semelhante ao anterior. Os termos designam uma dermatose que se manifesta geralmente na região facial:

Apresenta um ponto angiomaso central arteriolar, arredondado, de cor vermelha ou vermelho-brilhante, de onde irradiam, em várias direções, vasos capilares lineares tortuosos, dilatados, irregulares, lembrando uma aranha ou estrela (VMD).



Figura 12: Aranha arterial.

Os traços conceptuais expostos na descrição acima demonstram a semelhança do angioma com um aracnídeo, tanto na forma quanto no tamanho, como vemos na figura acima.

- síndrome de Netherton: **cabelo em bambu.**

Essa síndrome se caracteriza pela presença de nódulos ao longo da haste pilosa, provocados pela quebra intermitente e pelo espichamento do cabelo, o que dá o aspecto de bambu, como observamos nas figuras abaixo:

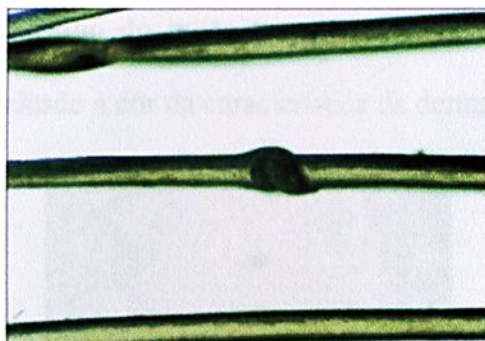


Figura 13: Cabelo em bambu.

A foto acima, ampliada em microscópio, mostra o aspecto físico da doença e focaliza uma espécie de “nó” no fio de cabelo, característica presente também nos troncos dos bambus.

- codiloma acuminado gigante de Buschke-Loewenstein: **crista de galo** (*pop.*), **excrecência em couve-flor**.

Trata-se de lesões em forma de pápulas vegetantes não corneificadas, de superfície irregular, de cor rósea e aspecto couve-flor. O termo *condiloma* é sinônimo de *verruga* e esta é uma das semelhanças com uma crista de galo, que também exhibe aspecto verrucoso e cor avermelhada. Temos abaixo um caso do referido condiloma:



Figura 14: Crista-de-galo, excrecência em couve-flor

O legume couve-flor, apesar de ser de cor diferente, é constituído por pequenos blocos que também lembra o aspecto “verrucoso”, como define Houaiss, “numerosos pedúnculos florais carnosos”; daí a variante da doença acima, *excrecência em couve-flor*.

- angioma plano: **nevo de vinho do porto** (*pop.*), **mancha de salmão** (*pop.*): esses dois termos populares fazem alusão à cor da característica da dermatose, como se mostra:



Figura 15: nevo de vinho do porto, mancha de salmão

Como vemos na figura acima, a doença apresenta placas numulares avermelhadas ou de cor rósea em quase todo lado do rosto da criança. Daí as designações *vinho* e *salmão*.

- nevo melanocítico: **mancha café-com-leite** (*pop.*): Do mesmo modo que o exemplo anterior, a variante terminológica correspondente a essa doença também se refere à sua coloração.



Figura 16: mancha café-com-leite

Trata-se de lesão castanho-clara a escura, lembrando a cor de café-com-leite.

- ictiose: **pele de peixe**, **pele de jacaré**: Devido ao ressecamento característico da doença, essa dermatose dá aparência escamosa à pele, lembrando escamas de peixe ou a pele de um jacaré, como se pode ver na ilustração abaixo:

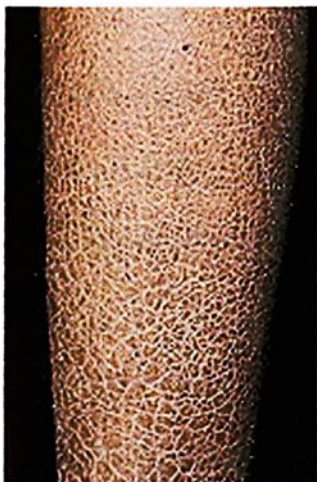


Figura 17: pele de peixe, pele de jacaré

Na figura acima pode-se visualizar claramente a pele ressecada e quebradiça, em forma de escamas.

- hanseníase: **mal-morfético** (*pop.*), **morfêia** (*bras.*), **gafa** (*pop. obsol.*), **gafo** (*pop. obsol.*).

De acordo com o dicionário Houaiss eletrônico (2001), a etimologia do termo *morfêia* está calcada no grego *morphê*, que significa “forma”, “em virtude das deformações causadas pela moléstia” (HOUAISS, 2001).

O termo *gafa*, que originou também *gafo*, é classificado como um diacronismo (antigo) no dicionário Houaiss (*idem*) e é definido como um “gancho com que se puxava a corda da besta para armá-la”. Esse último explica por que *gafo* tornou-se variante de *hanseníase*: “pelo fato de a doença causar, no corpo do indivíduo que dela sofre, uma contração, especialmente nos membros, que lhes dá uma forma encurvada” (*idem*).

- dermatofitose do couro cabeludo: **favo**

A doença é caracterizada pela formação de pequenas crostas recobertas de pus no couro cabeludo e se assemelham a um favo de mel.

- framboesia: **piã** (*bras.*)

Na língua tupi, *pi'ã* significa “pele erguida, tumor” (HOUAISS, *idem*), característica da doença: “A lesão é, em geral, única e aumenta de volume em poucos dias. Em seguida ulcera-se [...]. Muitas vezes as bordas são elevadas, marginadas e talhadas a pique para o fundo da úlcera” (VMD).

Esta variante também existe devido à contribuição das línguas indígenas ao processo de formação da língua portuguesa em sua variante nacional brasileira.

- candidíase intertriginosa: **assadura** (*pop.*), **assado** (*pop.*)

Caracteriza-se por lesões em áreas eritematosas, de cor vermelho-vivo, de extensão variável, de superfície úmida e exsudante, com descamação mais ou menos intensa. Quando o processo é muito pronunciado, pode haver maceração intensa, resultando em erosão superficial recoberta de exsudato viscoso. Uma *assadura* (da pele) apresenta esse mesmo aspecto característico da doença.

- furúnculo: **cabeça-de-prego** (*bras. pop.*), **nascida** (*pop.*), **nascido** (*pop.*).

Todas essas variantes referem-se à forma do furúnculo: o carnegão escuro que se encontra no centro da lesão assemelha-se a uma cabeça de prego. Quanto aos termos *nascido* e *nascida*, temos que o furúnculo é uma “elevação”, algo que se ergueu, que “acabou de nascer”.

- gonorréia: **esquentamento** (*pop.*), **pingadeira** (*pop.*).

O quadro clínico caracterizado por febre é típico da doença, daí o termo popular *esquentamento*. Nos homens, há uma tendência a ocorrer parafimose acompanhada de grande quantidade de pus (balanopostite). Nas mulheres pode ocorrer corrimento abundante, espesso,

amarelo-esverdeado, quando em fase aguda. Essas características de *gonorréia* deram origem ao termo popular *pingadeira*.

- pinta: **doença manchada** (*pop.*), **mal das pintas** (*pop.*), **mal-da-pinta** (*pop.*), **mal-do-pinto** (*pop.*), **azul** (*pop.*)

As manchas são característica nessa dermatose, daí os termos *doença manchada* e *mal-da-pinta*. Por influência desse último, surgiu o termo *mal-do-pinto*. O termo *mal-das-pintas* possui o último elemento no plural porque a doença nem sempre tem apenas uma única lesão, como explica a definição do VMD: “Quando múltiplas, dispõem-se no mesmo local, e as menores fundem-se às maiores, formando placas de bordas elevadas e contornos policíclicos ou serpiginosos, medindo 15 ou mais centímetros de diâmetro” (VMD). Por fim, a variante *azul* deve-se à possível coloração inicial da pinta: “O período primário dura de dois a seis meses e caracteriza-se por uma pequena pápula, de cor eritematosa ou acastanhada ou, ainda, azul-escura ou ardosiada” (VMD).

8.1.3.2. Variantes designativas da causa da doença

No domínio da Dermatologia encontramos termos populares em cuja expressão evidencia-se a causa da doença em questão.

- linforreticulose de inoculação benigna: **doença da arranhadura do gato**

A definição desta no VMD inicia-se da seguinte forma:

Rickettsiose causada pelo bacilo *Rochalimaea henselae*, geralmente após uma mordida ou arranhadura de gato. É uma doença benigna, de evolução autolimitada (cerca de dois meses), caracterizada por uma erupção papulonodular que aparece, dentro de dez a trinta dias, no local da mordida ou arranhadura (VMD).

Percebe-se, portanto, uma nítida relação entre a causa da dermatose e o termo *doença da arranhadura do gato*. O mesmo processo ocorre com:

- **sodoku: febre da mordida do rato**

Trata-se de uma dermatose causada por bactérias que são transmitidas ao homem através da mordida de um rato ou outro roedor.

- **herpes simples: beijo de aranha (AL. pop.), mijo-de-aranha (AL. pop.).**

Essas duas designações populares têm origem no vocabulário popular de Alagoas. A motivação do último termo é explicada por Santiago (1968):

Mijo-de-aranha: pustulazinha que aparece nos lábios, sobretudo nas comissuras e que o povo supõe ser causado pelo mijo das aranhas que transitaram no telhado enquanto o paciente dormia (SANTIAGO, 1968).

Essa é uma etimologia muito interessante para as duas denominações populares da *herpes simples* que, na verdade, é uma dermatovirose causada pelo herpes vírus dos tipos 1 e 2, de transmissão por contato pessoal.

- **tungíase: pulga-da-areia (bras.), bicho-de-porco (bras.).**

A tungíase tem em uma pulga seu causador direto e, como esta pode parasitar tanto a pele do porco quanto a do homem, as variantes populares citadas levaram o nome desses dois animais.

8.1.3.3. Variantes que designam topônimos

Alguns termos da Dermatologia são formados em parte por topônimos (nome geográfico próprio de região, cidade, país, povoação etc) ou adjetivos pátrios, que geralmente denotam o lugar de origem ou de maior incidência da doença, como é o caso do seguinte termo:

- verruga peruana: **verruga dos Andes** (*pop.*), **verruga-do-peru**

Esse termo apresenta essas designações porque é uma doença infecciosa de alta incidência nas regiões montanhosas da América do Sul, mais propriamente no Peru. Outros termos que designam topônimos são:

Termo	Variantes
dermatofitose dos pés	pé-de-Hong-Kong
erisipela	mal-da-praia (<i>bras. pop.</i>), mal-do-monte (<i>pop.</i>), mal-de-monte (<i>bras. NE, pop.</i>).
hanseníase	elefantíase-dos-gregos (<i>pop.</i>)
sífilis	mal-americano (<i>pop.</i>), doença britânica (<i>pop.</i>), mal-canadense (<i>pop.</i>), mal-céltico (<i>pop.</i>), mal-da-baía-de-são-paulo (<i>pop.</i>), mal-de-nápoles (<i>pop.</i>), mal-escocês (<i>pop.</i>), mal-francês (<i>pop.</i>), mal-gálico (<i>pop.</i>), mal-germânico (<i>pop.</i>), mal-ilírico (<i>pop.</i>), mal-napolitano (<i>pop.</i>), mal-polaco (<i>pop.</i>), mal-turco (<i>pop.</i>), gálico (<i>pop.</i>)

No caso de *sífilis*, por exemplo, a explicação das variantes toponímicas não é simplesmente o lugar de origem, uma vez que estas designam várias cidades, países e povos diferentes. Tantos topônimos assim se explicam por fatos históricos e políticos: no século XV, a sífilis tornou-se uma praga na Europa, tomando proporções gigantescas após combates entre tropas francesas e napolitanas, quando esses dois exércitos contraíram a sífilis (FIOCRUZ, 2003, p. 1). Dessa forma, os dois países mais infestados foram França e Itália. Assim, foram lançadas várias hipóteses sobre a origem da doença e, em geral, os inimigos acusavam-se mutuamente. A princípio, os termo *mal napolitano* e *mal-de-nápoles* era usado pelos franceses, que afirmavam que a doença provinha de Nápoles. Os termos *mal francês*, *mal-gálico* e *gálico*, ao contrário, eram usados pelos povos que culpavam os franceses pela disseminação da doença na Europa. Surgiram também as hipóteses: 1. de que a doença já existia na Europa, mas não fosse identificada como uma enfermidade distinta da lepra; 2. de que era proveniente das Américas, tendo chegado ao Velho Continente por meio dos marinheiros da esquadra de Cristóvão Colombo, daí a designação *mal americano*. O fato é que a doença se espalhava pelos quatro cantos do mundo por meio dos contatos de guerra e

comerciais, atingindo também os turcos, árabes, africanos, chineses, russos e outros (BARROS, 2004b, no prelo). Em outras palavras, esses termos exprimem denúncias ou acusações entre povos como responsáveis pela enfermidade.

8.1.3.4. Variantes designativas de termos religiosos

Aspectos religiosos entram em jogo na denominação de algumas variantes em português. No caso de *sífilis*, por exemplo, temos:

- sífilis: **mal-de-santa-eufêmia** (pop.), **mal-de-são-jó** (pop.), **mal-de-são-névio** (pop.), **mal-de-são-semento** (pop.), **mal-dos-cristãos** (pop.).

O termo *mal-de-são-jó*, por exemplo, deve-se ao fato de que, por longo tempo, confundiu-se a sífilis com a lepra. Os doentes de sífilis, nos séculos XV e XVI, oravam, então, ao personagem bíblico Jó, que sofreu de lepra, pedindo-lhe socorro e cura. As outras denominações, em especial *mal-dos-cristãos* foram forjadas por muçulmanos e outros povos de religião não-católica, como contrapartida no processo de acusações mútuas pelo contágio (BARROS, 2004b, no prelo). Nesse caso, a identificação da doença com o santo não é lisonjosa.

Outros exemplos de variantes que fazem menção a santos da Igreja Católica são:

Termo	Variantes
coccidioidomicose	febre de São Joaquim
hanseníase	mal-de-lázaro (pop.), mal-de-são-lázaro (pop.)

A coccidioidomicose é uma doença causada pela inalação de um fungo encontrado no solo em determinadas áreas do sudoeste dos Estados Unidos, México e América do Sul. A região do Vale de São Joaquim, na Califórnia, é considerada como área endêmica para a patologia; por essa razão, a forma pulmonar da doença é, quase sempre, chamada de *febre de São Joaquim*. Sobre *mal-de-lázaro* trataremos no item 8.1.3.8.

8.1.3.5. Variantes designativas de termos relacionados à sexualidade

- doença sexualmente transmissível: **doença venérea** (*obsol.*).

De acordo com Azulay e Azulay (1999), as doenças sexualmente transmissíveis (DST) eram chamadas, antigamente, de *doenças venéreas*, homenagem à deusa do amor Vênus. Sobre a queda em desuso do termo, os autores afirmam:

A estreita relação dessas doenças com prostituição, a transmissão fundamentalmente através do ato sexual e a sintomatologia inicial geralmente localizada na região genital fizeram com que a denominação “doenças venéreas” passasse a ter conotação estigmatizante. O doente era encarado, e encarava a si próprio, como sendo portador de uma doença vergonhosa, muitas vezes fugindo de um tratamento correto junto aos médicos ou aos serviços de saúde. (AZULAY; AZULAY, 1999, p. 245).

Vemos que, entretanto, o termo preferido pelos especialistas, *doença sexualmente transmissível*, pode não ser estigmatizante, mas é ainda mais explícito.

- sífilis: **mal-de-coito** (*pop.*), **venéreo** (*pop.*), **mal-de-franga** (*pop.*), **mal-de-frenga** (*pop.*).

O termo popular *mal-de-coito* remete diretamente ao meio de transmissão da sífilis, o contato sexual. *Venéreo* encerra o mesmo sentido explicado no exemplo acima, é uma alusão à deusa Vênus que também se refere à sífilis. O termo *franga*, em sua acepção de “homossexual masculino”, denota a crescente frequência com que a doença atinge os indivíduos com essa opção sexual; *frenga*, por sua vez, é uma alteração ortográfica de *franga*.

8.1.3.6. Variantes designativas de profissões

- dermatofitose dos pés: **pé-de-atleta**

Trata-se de uma infecção fúngica que, freqüentemente, atinge os pés dos esportistas. A existência de várias pregas interdigitais nos pés, acrescidas das características dos calçados

esportivos, em sua maioria fechados, geram a situação própria para a manifestação da doença nos atletas.

- dermatofitose marginada: **cocceira de jóquei, prurido de jóquei**

As denominações populares *cocceira de jóquei* e *prurido de jóquei* fazem alusão ao local de manifestação na doença no corpo. Vejamos a explicação do VMD: “Em seguida, avança sobre a coxa, com nitidez de borda, podendo invadir a virilha e propagar-se para as nádegas, região pubiana e até mesmo baixo ventre”. De acordo com essas características, notamos que a doença atinge as regiões de contato de um jóquei sentado no cavalo.

8.1.3.7. Variantes designativas de animais

Os animais parecem ser muito lembrados nas denominações populares das doenças, principalmente se forem causadores dessas (zoonoses). Temos abaixo a lista dos termos ocorridos em nosso subconjunto do VMD:

Termo	Variantes
angioma estelar	aranha arterial, aranha vascular
codiloma acuminado gigante de Buschke-Loewenstein	crista de galo (pop.), cavalo de crista (bras. pop.)
efélide	ovo-de-peru (pop.)
estomatite cremosa	sapinho (pop.), sapinhos (pop.)
herpes simples	beijo de aranha (AL pop.), mijo-de-aranha (AL pop.)
linfogranuloma venéreo	mula (pop.)
linforreticulose de inoculação benigna	doença da arranhadura do gato
queilite angular	canto-de-passarinho (bras. BA pop.), canto-de-sabiá (bras. pop.), sabiá (pop.)
sudoku	febre da mordida do rato
tungíase	pulga-da-areia (bras.), bicho-de-porco (bras.)

A maioria dessas doenças foram comentadas em itens anteriores. Temos que a população nomeia os termos de acordo com o que vivencia e os animais estão sempre

presentes nas casas e sítios, além de serem referência para o ser humano, visto pertencerem à natureza que o envolve.

8.1.3.8. Variantes influenciadas por fatores ideológicos

As doenças são, por definição, “males”, manifestações “perniciosas” que alteram o estado físico dos indivíduos. Por essa razão, tendem a ser marcadas negativamente no meio social, fato que também se reflete na denominação. Os termos abaixo deixa clara essa referência:

Termo	Variantes
doença sexualmente transmissível	doença social (pop.)
erisipela	maldita (bras. pop.)
sífilis	males (pop.)

Outros termos do domínio da Dermatologia enquadram-se nessa situação:

- hanseníase: **lazeira** (pop.). **mal-bruto** (pop.).

De acordo com Houaiss, *lazeira* significa “revés da fortuna; azar, desdita, infelicidade, miséria”. A etimologia do termo é o latim *Lazarus*, uma alusão ao pesonagem bíblico Lázaro, mendigo doente e coberto de úlceras. O termo é usado também na acpção de “leproso”.

Já o termo *bruto* tem sentido de “violento” ou “feio”, vindo do latim. Essas duas variantes denotam, portanto, o caráter vergonhoso, desafortunado e horrorizante do portador da doença que, principalmente nos tempos antigos, era excluído e isolado da sociedade.

- gonorréia: **purgação** (pop.).

Também no Houaiss podemos ler a definição de *purgação*: “imposição de sofrimento como pena; castigo, provação, penitência”. A gonorréia é uma das doenças sexualmente transmissíveis de maior ocorrência. É infecto-contagiosa, pandêmica e se inicia repentinamente, com coceira ou prurido intra-uretral e/ou dificuldade de urinar, seguidos de

fluxo uretal mucopurulento, espesso, abundante, amarelo-esverdeado. Causa grande dor no infectado. A designação popular *purgação* pode referir-se a dois aspectos: 1. o “fluxo uretal mucopurulento” pode ser visto como purgação no sentido de “limpeza”, “esvaziamento” do pus que se encontra dentro do corpo; 2. a dor que o paciente sente o faria purgar-se (pagar) dos pecados.

8.1.3.9. Variantes designativas do local de ocorrência no corpo

- estomatite cremosa: **farfalho** (*pop.*)

Segundo Houaiss, *farfalhar* significa “produzir sons rápidos e indistintos; falar muito e rapidamente falar com exagero sobre; ostentar, bazofiar”. Podemos relacionar, então, com o local de manifestação da doença, na boca, (bordas ou parte inferior da língua). O mesmo ocorre com *queilite angular*, que apresenta as variantes *boqueira* (*pop.*) e *boqueiro* (*pop.*).

8.2. FRANCÊS

8.2.1. Variantes terminológicas lingüísticas

8.2.1.1. Variantes fonológicas

Não foi encontrado, em francês, esse tipo de variação. Não há registros, em nosso *corpus*, de termos com alterações fonológicas ou influenciadas pela fala.

8.2.1.2. Variantes morfológicas

Henri Cottez (1988) estuda a morfologia do vocabulário científico em francês e se refere a *formantes*, que podem ser radicais, prefixos ou sufixos. O autor explica que utiliza o

termo geral *formantes* porque é “o mais neutro e exprime o fato de que são signos inanalísáveis, que *formam* signos analisáveis e que existem apenas porque formam efetivamente esses signos complexos” (COTTEZ, 1988, p. viii, grifos do autor). De fato, podemos dizer que são assim chamados porque deles parte a formação dos vocábulos, e são inanalísáveis por serem insegmentáveis em unidades significativas menores.

No quadro seguinte, temos alguns exemplos de formantes:

Termo	Variante
candidose	candidiase
chromomycose	chromoblastomycose
dermatophytose	dermatophitie
lymphogranulomatose vénérienne	lymphogranulome vénérien
mélanome de Dubreuilh	mélanose de Dubreuilh
nodule rhumatoïde	nodule rhumatismal
pyodermite gangréneuse	Ødermite gangréneuse
rhinosporidose	rhinosporidiose

Em *dermatophytose* e *dermatophitie* houve alterações de sufixos: *-ose*, para Cottez, é um sufixo freqüentemente utilizado na área médica para “formar nomes que exprimem um funcionamento ou um processo” (idem, p. 294), e o formante *-ie* é um sufixo empregado na mesma área para “formar nomes de doenças baseando-se na origem grega ou latina que designa seja o órgão atingido, seja um fenômeno característico da doença” (idem, p. 200).

O formante *-iase*, por sua vez, é um “sufixo que serve para formar o nome de algumas doenças, baseando-se no que designa a natureza ou a causa da doença” (idem, p. 195). Assim, o termo *candidiase*, por exemplo, denota uma “doença causada pela *candida*”, enquanto *candidose* enfatiza o processo da doença.

No caso do par *rhinosporidose* e *rhinosporidiose*, a variação dá-se entre *-ose*, no primeiro termo, e *-iose*, no segundo termo. Segundo Cottez, “*-i-*” do segundo termo é uma “vogal de transição entre dois formantes de origem latina” (idem, p. 195).

O formante *-(o)ïde* (como em *nodule rhumatoïde*) é o mesmo que *-ïde*, segundo Cottez. Esse formante significa “aquele que aparenta por sua forma, seu aspecto, sua natureza” (idem, p. 199).

O formante *-ome*, como em *mélanome* e *lymphogranulome*, é um “sufixo do vocabulário médico que forma o nome de diversos tumores ou produções patológicas, com um radical que designa o tecido atingido, o aspecto ou a origem do neoplasma em questão” (idem, p. 282). Esses dois termos com *-ome* são, portanto, mais “gerais” que suas variantes *limphogranulomatose* e *melanose*, que, com o sufixo *-ose*, designam, como vimos, o processo da doença.

Em *pyodermite gangréneuse* e *dermite gangréneuse*, o formante *py(o)-* significa, segundo Cottez, “pus, purulento”. A ausência do radical *py(o)-* no segundo termo elimina da designação o conceito de “pus”, que é uma característica da doença.

O formante *(-)blasto(-)*, que se encontra no interior de *chromoblastomycose*, variante de *chromomycose*, significa “embrião, brotamento” (idem, p. 53), a lesão inicial da doença, que se apresenta em forma de botão.

8.2.1.3. Variantes ortográficas

As diferenças de grafia de um mesmo termo ocorreram com frequência em francês. Lembramos que esse aspecto diferencia-se das variantes morfológicas e lexicais por não alterar morfemas e nem modificar ou omitir uma unidade, mas por apresentar formas distintas de se grafar um termo. Ocorreram em francês os seguintes exemplos:

Termo	Variantes
actionoréticulose	actino-réticulose
albinisme oculocutané	albinisme oculo-cutané
cancérigène	cancéro g ène (<i>racomm. offic.</i>)
carcinome basocellulaire	carcinome baso-cellulaire
chaudepisse (<i>pop. vulg.</i>) (blennorragie)	chaude-pisse (<i>fam.</i>)

chéilite	cheilite
crêtes de coq	crête-de-coq
dermite périorale	dermite péri-orale
érysipèle	érésipèle, érésypèle
hidrosadénite	idrosadénite
perlèche	pourlèche
pian	epian
pilomatrixome	pilomatricome
pseudolymphome	pseudo-lymphome
thrombophlébite migratrice	thrombo-phlébite migratrice
trichoépithéliome	tricho-épithéliome
verruca peruana	verruca pervana

No quadro acima há termos que variam quanto à pronúncia, como *perlèche* e *pourlèche*, e termos cuja pronúncia não se modifica, como em *hidrosadénite* e *idrosadenite*. Há também ocorrência de termos compostos por justaposição com ou sem hífen. Esse fenômeno é comum na língua francesa, como é o caso de *actionoréticulose* e *actino-réticulose* e tantos outros. O termo tupi *piã* também influenciou o francês, que dispõe do termo *pian* e sua variante ortográfica *epian*. O termo *crêtes de coq* era, inicialmente, um termo complexo, mas a recorrência de uso levou-o a um alto grau de lexicalização. Os itens lexicais e gramaticais que o compõem passaram a ser ligados por hífen, transformando essa unidade lingüística em um termo composto por justaposição (*crête-de-coq*).

8.2.1.4. Variantes sintáticas

Certos termos em francês, presentes em nosso *corpus*, sofreram mudança na formação sintagmática. Por isso, podemos classificá-los como variantes sintáticas. Alguns exemplos são os que seguem:

Termo	Variantes
infection gonococcique	infection à gonocoques
millet	grains de milium
orgelet	grain d'orge

stomatite candidosique	stomatite à candida
urticaire au froid	urticaire provoquée par le froid

Em *stomatite candidosique* e *infection gonococcique* os adjetivos finais tornam-se adjuntos adnominais: respectivamente, *à candida* e *à gonocoques*. No caso de *urticaire au froid*, o conectivo *au* modifica-se, como prevê Boutin-Quesnel (1985) (cf. item 8.1.1.4), para a forma mais expandida *provoquée par le*.

Os casos de *millet / grains de milium* e *orgelet / grain d'orge* podem, a nosso ver, ser considerados tanto como variantes sintáticas, quanto como variantes lexicais. No primeiro caso, justifica-se pela referência a grão (*grain*) seguida da preposição *de*, *d'*, idéia que se sintetizaria no sufixo *-et*. No segundo caso, ocorre o apagamento (elipse) de *grain de*, o que caracterizaria uma variante lexical.

8.2.1.5. Variantes lexicais

Como vimos na análise dos termos em português (cf. item 8.1.1.5), nas variantes lexicais podem ocorrer três fenômenos. O primeiro é um dos termos ser trocado por outro, o segundo é que ele seja omitido e o último é que mude de posição na unidade terminológica complexa. Esse último caso, entretanto, não foi encontrado em nosso *corpus* em francês.

O primeiro caso ocorreu com os termos abaixo:

Termo	Variantes
acné néonatale	acné infantile
cancer spino-cellulaire	carcinome spino-cellulaire
dermatophytose du cuir chevelu	teigne du cuir chevelu
erythrodermie ichtyosiforme bulleuse congénitale	érythrodermie ichtyosiforme bulleuse autosomique dominante
granulome vénérien tropical	granulome ulcéreux tropical
kératose séborrhéique	verrue séborrhéique
mélanome juvénile	nævus juvénile
stomatite candidosique	stomatite crémeuse , stomatite aiguë
tinea nigra	pityriasis nigra

Podemos classificar em dois grupos os termos acima apresentados: o grupo em que os termos “trocados” são sinônimos, e o grupo em que esses termos não são sinônimos e, dessa forma, uma característica distinta da doença é apresentada em cada denominação. Um exemplo da primeira classificação é *cancer spino-cellulaire* e *carcinome spino-cellulaire*: como demonstramos no item 7.3.2, *cancer* e *carcinome* são sinônimos em francês. Para a segunda classificação temos *granulome vénérien tropical* e *granulome ulcéreux tropical*. No primeiro termo, *vénérien* dá a característica de doença sexualmente transmissível e *ulcéreux*, no segundo termo, lembra as lesões úlcero-vegetantes características da doença.

As variantes com termos omitidos são descritas a seguir:

Termo	Variantes
acné iatrogène médicamenteuse	acné médicamenteuse
acné rosacée	rosacée
acné vulgaire	acné
compère -loriot	loriot (orgelet)
folliculite décalvante du cuir chevelu	folliculite décalvante
folliculite staphylococcique	folliculite
furoncle habituel , furoncle simple	furoncle
grains de milium	milium
intertrigo candidosique	intertrigo
kératolyse poncée des pieds macérés	kératolyse poncée
maladie de Paget avec carcinome invasif du sein	maladie de Paget du sein
maladie du rouget du porc	rouget du porc (érysipéloïde)
muguet buccal	muguet
onyxis à candida	onyxis
périonyxis à candida	périonyxis
syphilis congénitale précoce	syphilis précoce
syphilis congénitale tardive	syphilis tardive
tuberculose miliaire aiguë	tuberculose miliaire
vulvo -vaginite	vaginite

Nesses casos, um dos termos vai necessariamente apresentar características a mais do que o outro, detalhando a doença por meio da denominação. *Syphilis congénitale precoce*, por exemplo, mostra que a doença é congênita, diferentemente de sua variante, que omite o

elemento *congénitale*. Em todas as unidades acima ocorre o apagamento de um ou mais elementos do sintagma terminológico.

8.2.2. Variantes terminológicas sociolingüísticas

8.2.2.1. Variantes geográficas

Não foram encontrados registros de variantes geográficas do domínio da Dermatologia na língua francesa em nosso *corpus*. Esse fato pode ter ocorrido porque a França é um país de extensão relativamente pequena em comparação com o Brasil e, por esse motivo, a linguagem é mais “unificada” (cf. item 3.4.7). Acreditamos, porém, que haja regionalismos, muitos deles ligados a *patois*, porém os dicionários de língua geral franceses não os registram. Ao menos o *Petit Robert Électronique* e o TLFi não trazem nenhuma indicação nesse sentido relativamente aos termos que constituíram o *corpus* de nossa pesquisa.

8.2.2.2. Variantes socioletais

São as variantes que diferem quanto ao uso e nível de língua, geralmente em uma relação *formal / informal*, *culto / popular* / *familiar* etc. Em francês temos:

Termo	Variantes
angiome plan	envie (<i>fam.</i>)
furoncle	clou (<i>fam.</i>)
impétigo	gourme (<i>vieilli pop. f am.</i>)
infections à gonocoques	chaude-pisse (<i>fam.</i>), chtouille (<i>arg.</i>), chaudepisse (<i>pop. vulg.</i>), chaude-lance (<i>pop</i>) castapiane (<i>arg. iron.</i>), échauffement (<i>vieilli ou pop.</i>)
loupe	point noir (<i>cour.</i>)
maladie sexuellement transmise	maladie honteuse (<i>fam.</i>)
orgelet	compère-loriot (<i>pop.</i>), grain d’orge (<i>fam.</i>), loriot (<i>pop.</i>)
syphilis	chtouille (<i>arg.</i>), vérole (<i>pop.</i>)

Classificamos também como vairantes socioletais os termos marcados como *imprópios*, porque, apesar de pertencerem ao mesmo domínio e ao mesmo nível de língua, possuem prestígio diferente entre os especialistas da área; são, de certa forma, excluídos. Há, em nosso *corpus* em francês, três ocorrências:

Termo	Variantes
kyste épidermique	kyste sébacé (<i>impr.</i>)
maladie de Kaposi	sarcome de Kaposi (<i>impr.</i>)
syphilis congénitale	hérédosyphilis (<i>impr.</i>)

Presumia-se, antigamente, que a *syphilis congénitale*, por exemplo, era uma doença hereditária, e não adquirida, mas os médicos descobriram que, na realidade, essa patologia é transmitida ao feto durante os últimos meses da gravidez. O termo *hérédosyphilis* (“sífilis hereditária”) é considerado, por isso, impróprio pelos especialistas. Processo semelhante ocorreu com os demais termos. Por oposição aos imprópios, temos alguns recomendados oficialmente. É o caso de *cancérogène*, em relação a *cancérigène*.

Quanto aos “cultismos”, deparamo-nos com a seguinte lista de termos latinizados no *corpus* em francês:

<i>acanthosis nigricans</i>
<i>erythema gyratum repens</i>
<i>pityriasis nigra</i>
<i>telangiectasia macularis eruptiva perstans</i>
<i>xeroderma pigmentosum</i>

O quadro acima apresenta os termos que são sempre utilizados em latim pelos especialistas, não apresentando correspondentes em vernáculo (francês). Encontramos, porém, em nossa pesquisa, termos em francês que apresentam variantes cultas, em forma latinizada. É o caso de:

Termo	Variantes
acrochordons	<i>molluscums pendullums</i>
angiome plan	<i>nævus flammeus</i>
ecthyma gangréneux	<i>pyoderma gangrenosum</i>
kératolyse ponctué	<i>kératolysis plantare sulcatum</i>
mélanome sur mélanose de Dubreuilh	lentigo <i>maligna melanoma</i>
<i>pityriasis nigra</i>	<i>tinea nigra</i> , <i>keratomyces nigricans</i> palmaire
pyodermite gangréneuse	<i>pyoderma gangrenosum</i>
teigne imbriquée	<i>tinea imbricata</i>
tuberculose cutanée	<i>cutis tuberculosis</i>

Alguns desses termos possuem variantes totalmente latinizadas, enquanto que outros são mistos (“híbridos”), formados por elementos em vernáculo e outros elementos em latim.

8.2.2.3. Variantes cronoletais

Os termos antigos ou em desuso que encontramos em nosso *corpus* em francês foram:

Termo	Variantes
condylome ano-génitiaux	crêtes vénériennes (vx)
impétigo	gourme (<i>vieilli pop. fam.</i>)
lèpre	ladrerie (vx.), gangrène (<i>fig. vieilli</i>) choléra (<i>méton. vx.</i>), gale (<i>méton. vx.</i>), peste (<i>méton. vx.</i>)
maladie sexuellement transmise	maladie vénérienne (<i>vieilli</i>), vilaine maladie (<i>vieilli</i>)
sypphilis	vérole (<i>vieilli pop.</i>)
scarlatine	fièvre scarlatine (vx)
stomatite à candida	blanchet (vx)

Alguns desses termos foram, com o tempo, caindo em desuso e sendo substituídos por outros julgados mais adequados pelos especialistas, como é o caso de *fièvre scarlatine* e *maladie vénérienne*.

Outros termos são culturalmente marcados, como *peste* e *vérole*, por exemplo, e caíram em desuso após as descobertas de cura para as doenças, outrora incuráveis (cf. item 8.2.3.7). O termo *verole* data, de acordo com o TLFi, de 1505, oriundo de *grosse verolle* (“doença venérea grave”). Passou a designar a sífilis e posteriormente caiu em desuso.

O termo *ladrerie* tem como uma de suas acepções “hospital reservado aos leprosos, leprosário”, muito comuns em séculos passados. Com o fim desses isolamentos, o termo caiu em desuso.

8.2.3. Outros tipos de variantes

Nessa parte da análise, veremos que alguns termos apresentam variantes semelhantes ao português no que concerne à forma e à etimologia. Nesses casos, não entraremos em muitos detalhes se estes já tiverem sido explicados em português.

8.2.3.1. Variantes designativas do aspecto formal da doença

- stomatite à candida: **blanchet, muguet**.

Essa dermatose se caracteriza-se pela “presença de placas circulares ou ovais esbranquiçadas, cremosas, bem delimitadas e apresenta halo vermelho-vivo” (VMD). O termo *blanchet* é diminutivo de *blanc*, ou seja, “branquinho”; o termo *muguet* designa uma planta, o *lírio-do-vale*, constituída de pequenas flores brancas, em forma de campânula, pendentes e aromáticas, e pequenos frutos em forma de globo, verdes, que, com o tempo, avermelham-se.

As figuras abaixo mostram as semelhanças:



Figura 18: Muguet

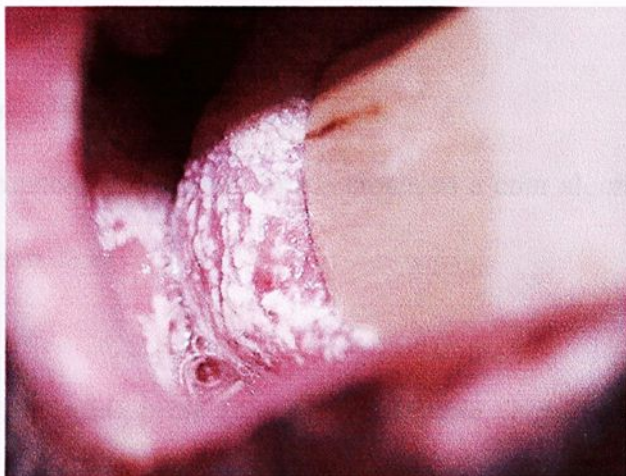


Figura 19: Muguet

A primeira figura mostra as pequenas flores do *muguet* e a segunda mostra as lesões brancas da *stomatite à candida* (*muguet*) na parte inferior da língua, levantada com um palito de madeira.

- syphilis: **chtouille** (*arg.*)

Essa gíria data de 1845 e é uma alteração de *jetouille*, segundo o TLFi. Este último termo, por sua vez, é oriundo de *jetage*, que significa “escorrimento de muco pelas narinas do cavalo”. O termo faz alusão, portanto, à secreção característica da doença.

- orgelet: **grain d’orge** (*fam.*)

De acordo com o TLFi, *orgelet* é proveniente do latim *hordeòlus*, diminutivo de *hordeum*, que significa *cevada* (em francês, *orge*), daí a origem da forma variante *grain d’orge*.

- furoncle: **clou** (*fam.*)

O carnegão escuro presente no meio do furúnculo assemelha-se a uma cabeça de prego, que em francês é denominado *clou*.

- dermatophytose du cuir chevelu: **favus**

As lesões características dessa dermatose apresentam forma crostosa e com algumas subdivisões simétricas, semelhante a um favo de mel.

- blennorragie: **castapiane** (*arg. iron.*), **chaude-pisse** (*fam.*), **chaudepisse** (*pop. vulg.*), **chaude-lance** (*pop.*), **échauffement** (*vieilli* ou *pop.*)

Segundo o TLFi, *castapiane* seria uma alteração de *cataplasme*, em português “cataplasma”, um tipo de pasta medicamentosa feita de farinha, polpa ou pó de raízes. A designação ocorre provavelmente por analogia entre o aspecto de um cataplasma e as placas mucosas características da gonorréia (*blénorragie*).

Os termos *chaude-pisse*, *chaudepisse* e *chaude-lance* fazem referência ao escorrimento mucoso característico da doença. Os dois primeiros termos podem ser entendidos como “mijo quente” e, quanto a *chaude-lance*, o TLFi atribui sua etimologia à influência da gíria italiana *lenza*, *slenza* (rio, chuva, urina, bebida).

O termo *échauffement* (“esquentamento”), como já referido em português, refere-se à febre que a doença provoca.

- milium: **grains de milium, millet**

O *milium* é um pequeno tumor branco-amarelado, que atinge as pálpebras, e que leva as designações *grains de milium* e *millet* por ter a dimensão e cor de um grão de milho.

- condylome ano-génitaux: **crête-de-coq, crêtes, crêtes de coq**

Esses condilomas são verrugas que se desenvolvem nas regiões genitais apresentam semelhança a uma crista de galo (*crête de coq*), como mostra a figura do item 8.1.3.1.

- nævus à mélanocytes: **tache café au lait**

A variante *tache café au lait* (mancha café-com-leite) refere-se à cor marrom-clara do *nævus à mélanocytes*, como descrito em português.

- loupe: **tanne, point noir** (*cour.*).

O significado de *tanne* é “marca marrom que fica na pele de um animal após marcação (*tannage*)”. Essa designação, juntamente com *point noir* (ponto negro), são denominações populares de *loupe* (lúpia), pequeno cisto epidérmico escuro.

- angiome plan: **nævus en tache de vin, tache de vin, nævus flammeus**.

As três variantes acima, respectivamente, “nevo em mancha de vinho”, “mancha de vinho” e “nevo flamejante” referem-se à cor vermelha, predominante do angioma plano.

- sporotricose: **gomme**
- syphilis tertiaire: **gomme**

Gomme (“goma”) lembra o aspecto mucilaginoso e transparente tanto da esporotricose quanto da sífilis terciária.

- acne rosacée: **couperose**

Uma suposta origem para *couperose*, segundo o TLFi, é que este seja composto do latim *cuprum* (cobre) e *rosa* (rosa), bolhas se levantando do cobre em fusão, lembrando, por suas cores, o desabrochar de uma flor e, dessa forma, faz alusão ao surgimento da acne rosácea, que nasce e algum tempo depois tende a estourar.

8.2.3.2. Variantes designativas da causa da doença

- érysipéloïde: **maladie du rouget du porc, rouget du porc**.

Trata-se de uma bacteriose causada por um bacilo que provoca uma erisipela no porco e em outros animais. “A contaminação do homem é acidental e dá-se através de ferimentos

provocados pelo manuseio de objetos contaminados” (VMD). É também caracterizada por placas avermelhadas no corpo, por isso o elemento *rouget* presente nas variantes.

- chéilite commissurale: **perlèche, purlèche**

Essas duas variantes são provenientes de *(se) purlécher*, que significa “passar a língua nos lábios”. Essa doença, caracterizada por lesões nas comissuras dos lábios, geralmente causa sensação de coceira e ardência e, por causa disso, as crianças, principalmente, lambem os lábios a todo momento. Segundo o TLFi, é essa a origem de *purlèche*, que possui *perlèche* como variante.

8.2.3.3. Variantes designativas de animais

- orgelet: **compère-loriot** (pop.), **loriot** (pop.).

Em sua primeira acepção, *compère-loriot* é o papa-figos, pássaro de cor predominantemente amarela. De acordo com o TLFi, a origem etimológica do termo com sentido de “orgelet” é obscura. Uma das explicações é que *compère-loriot* e *loriot*, “resultam da convergência do latim *aureolus* (“da cor do ouro”) e *hordeolus* (*orgelet*), com aglutinação do artigo definido com o substantivo *oriol* [pássaro].

- érysipéloïde: **maladie du rouget du porc, rouget du porc.**

Como comentamos no item precedente, o porco é o causador indireto da erisipeloïde.

8.2.3.4. Variantes formadas por referência à religião

- lèpre: **mal de saint Lazare.**

O personagem Lázaro, do Novo Testamento da Bíblia, sofria de lepra e foi lembrado na denominação dessa doença, que durante séculos foi epidemia que atormentou a Europa.

- coccidioïdomycose: **fièvre de la vallée de San Joaquim**

Na Califórnia, o vale de São Joaquim, é um local de grande incidência dessa doença, que ficou conhecida com o nome do santo.

8.2.3.5. Variantes formadas por alusão à sexualidade

- doença sexualmente transmissível: **maladie vénérienne (vieilli)**.
- syphilis: **vérole, grosse vérole**.

Como explicamos na análise do termo em português, *maladie vénérienne* surgiu em alusão à deusa do amor Vênus. *Vérole* tem como acepção “doença venérea grave”, sendo atribuído a *syphilis*.

8.2.3.6. Variantes designativas de profissões

- charbon: **maladie des trieurs de laine**

O *charbon* (carbúnculo) é uma bacteriose própria de bovinos e ovinos, causada pelo *Bacillus anthracis* e transmitida ao homem através de solução de continuidade na pele, por ferimentos durante a manipulação de animais contaminados e pela inalação de poeira, no momento da tosquia da lã, ou mesmo pela ingestão de carnes infestadas com esporos do bacilo.

- dermatophytose des pieds: **pied d'athlète**

“Pé-de-atleta” também ocorre em português e, como explicamos em 8.1.3.6, essa é uma doença comum nos atletas por causa da umidade entre os dedos dos pés causada pelo uso de calçados fechados na prática de esportes.

8.2.3.7. Variantes influenciadas por fatores ideológicos

- maladie sexuellement transmise: **maladie honteuse** (*fam.*), **vilaine maladie** (*vieilli*), **maladie secrète, mauvaise maladie**

Podemos ler essas variantes como, respectivamente, “doença vergonhosa”, “doença imoral”, “doença secreta”, “doença cruel”. Todos esses termos são marcados negativamente, designando uma doença muito comum e apontando o paciente como desonroso e indigno. Por esse motivo, os pacientes tendiam a esconder o fato de estarem contaminados, o que deu origem ao termo *doença secreta*.

- angiome plan: **envie** (*fam.*).

Essa doença, que se manifesta em recém-nascidos, pode também ser designada pelo termo *envie*, em português “desejo, vontade”. Essa interessante designação explica-se pelo fato de que, antigamente, acreditava-se que fosse causada na criança por causa de um desejo não satisfeito da mãe durante a gravidez.

- lèpre: **ladrerie, gangrène** (*fig. vieilli*), **peste** (*méton. vx*)

A lepra, negativamente marcada na Europa como *peste*, foi uma doença epidêmica que causou elevado número de mortalidade. Eram construídos os leprosários (*ladrerie*), onde os doentes ficavam isolados como tentativa de fazer cessar a epidemia. Os tecidos do corpo passavam por mortificação e putrefação (*gangrène*), levando os doentes à morte, uma vez que ainda não era possível a cura.

- syphilis: **mal français** (*pop.*), **mal de Naples** (*pop.*)

Como discurremos na análise em português, os franceses e os napolitanos atribuíram mutuamente um ao outro a origem da doença, pois estes eram inimigos de guerra, daí os termos *mal de Naples* e *mal français*.

8.3. Estudo comparado português–francês das variantes terminológicas

No que tange às **variantes fonológicas**, há grande diferença entre o português e o francês. Se entendermos essas variantes como aquelas que são calcadas na *fala*, podemos afirmar que não há registros, em nosso *corpus* textual em francês (três tratados e um dicionário de Dermatologia, um dicionário de língua geral e um tesauro), desse tipo de variantes. Os termos em português que se enquadram nessa classificação são variantes de doenças freqüentes (*erisipela*, *furúnculo*, *hordéolo* e *lúpia*) e que, no cotidiano brasileiro, recebem influências da pronúncia, sofrendo transformações fonológicas quando passam a ser escritos. Acreditamos que esse tipo de processo ocorra em francês, mas que não esteja registrado em obras do tipo que consultamos, talvez pela “ideologia prescritivista” do puro francês, descrita por Abecassis (2003) (cf. item 3.4.7).

Quanto às **variantes morfológicas**, levantamos alguns formantes mais freqüentes em Dermatologia que provocam esse tipo de variação. Muitos designam patologias. Em português e em francês os seguintes morfemas, chamados de modo genérico por Cottez (1988) de formantes, são recorrentes, dentre outros:

Português	Francês
-ase	-ase
-ia	-ie
-ismo	-isme
-ite	-ite
-oide	-oïde
-oma	-ome
-ose	-ose

Verificamos que, entretanto, nem sempre os termos com morfemas semelhantes são equivalentes totais nas duas línguas, como demonstramos na relação entre *candidíase* (português) e *candidose* (francês) no capítulo 7.

Os termos em português apresentam mais **variantes ortográficas** com mudanças de grafemas propriamente ditos, como *cisto* / *quisto* e tantos outros. Os termos em francês, por sua vez, possuem mais opções de variantes grafadas com o uso do hífen, como é o caso de *trichoépithéliome* / *tricho-épithéliome* e demais apresentados no item 8.2.1.3.

A **variação sintática** ocorre de modo semelhante nas duas línguas, havendo termos com mudança na estrutura sintática, como em *stomatite candidosique* / *stomatite à candida* e termos com alteração do conectivo, como em *urticária ao frio* / *urticária do frio*.

Quanto às **variantes lexicais**, dividimo-las em três categorias: substituição de um dos elementos do termo complexo, elipse lexical, com a omissão de um elemento do termo complexo e mudança de posição de um ou mais termos. Em nosso *corpus*, as duas primeiras categorias são recorrentes em português e em francês, enquanto que a última ocorreu apenas em português.

No âmbito das variantes sociolingüísticas, analisamos as **variantes geográficas**, classificadas como aquelas encontradas em diferentes regiões em que se fala a mesma língua. É visível a predominância de regionalismos em língua portuguesa em relação à francesa, uma vez que o francês não apresentou, em nosso *corpus* de estudo, nenhum termo que manifestasse esse tipo de variação.

No que concerne às **variantes socioletais**, determinadas por níveis diferentes de língua entre dois termos, observamos que, quanto aos termos de nível informal (populares, familiares etc), encontramos uma grande lista em português e menos de dez termos com esse tipo de variante em francês. Quanto aos “cultismos”, nos quais classificamos as expressões latinizadas, o português apresenta mais termos “híbridos” (vernáculo + latim) do que o francês, como “urticária *factitia*”. Os dois idiomas apresentam, entretanto, mais termos totalmente latinizados do que termos mistos.



A língua francesa demonstrou mais ocorrências de **variantes cronoletais**, aquelas que caracterizam os termos que eram usados em determinada época e, posteriormente, caíram em desuso. Essa situação talvez se explique pelo fato de os estudos em Medicina na França (e no continente europeu) datarem de muitos anos antes do Brasil. Por isso, os termos antigos seriam mais conhecidos em francês. Deve-se considerar também que as pesquisas de gramática histórica e de caráter diacrônico do léxico são muito mais desenvolvidas nesse país, o que permite maior conhecimento da evolução da terminologia médica e da língua francesa em geral.

Adentrando as categorias propostas por nós, descrevemos as **variantes designativas do aspecto formal das dermatoses**. A maioria dessas variantes provém da sabedoria popular, constituindo uma forma “fácil” de designação, porque, além de lembrarem seu aspecto físico como em *pele de peixe*, variante de *ictiose*, evidenciam também suas principais características, como em *pingadeira*, variante de *gonorréia*. O mesmo se dá em francês, com os termos *favus*, que designa a forma de *dermatophytose du cuir chevelu* e *perlèche*, que enfatiza a causa da *chéilite commissurale*, por exemplo. A relação que se estabelece entre alguns desses termos e seus referentes é metafórica, como *cabeça-de-prego*, que designa *furúnculo*. Alguns termos coincidiram tanto na forma quanto no conteúdo com as variantes equivalentes nas duas línguas. São eles:

Português	Francês
angioma estelar: nevo aracnóide	angiome stellaire: nævus arachnéen
angioma plano: nevo de vinho do porto	angiome plan: nævus en tache de vin
codiloma acuminado gigante de Buschke-Loewenstein: crista de galo	condylome ano-génitiaux: crête-de-coq
dermatofitose do couro cabeludo: favo	dermatophytose du cuir chevelu: favus
furúnculo: cabeça-de-prego	furoncle: clou (prego)
gonorréia: esquentamento	blennorragie: échauffement
nevo melanocítico: mancha café-com-leite	nævus à mélanocytes: tache café au lait

Notamos também que algumas variantes são **designativas da causa da dermatose**, principalmente quando fazem menção a **animais** (em português).

As **variantes de que fazem alusão a topônimos** ocorrem especialmente quando a região geográfica indicada é área de grande incidência ou de origem da doença. Como vimos com o termo *sífilis*, por exemplo, há inúmeras designações toponímicas e adjetivos pátrios em português, remetendo a povos que se acusam, atribuindo um ao outro a origem da doença. Curiosamente, em francês, há registros de apenas duas variantes dessa natureza: uma acusa a própria França e outra acusa a cidade de Nápoles, sua inimiga de guerra, como vemos no quadro comparativo abaixo:

Português	Francês
sífilis: mal-americano (pop.), doença britânica (pop.), mal-canadense (pop.), mal-céltico (pop.), mal-da-baía-de-são-paulo (pop.), mal-de-nápoles (pop.), mal-escocês (pop.), mal-francês (pop.), mal-gálico (pop.), mal-germânico (pop.), mal-ilírico (pop.), mal-napolitano (pop.), mal-polaco (pop.), mal-turco (pop.), gálico (pop.)	syphilis: mal français (pop.), mal de Naples (pop.)

Encontramos também algumas **variantes formadas por referência à religião**, principalmente com nome de santos, que são conhecidos por terem provavelmente padecido da doença cuja designação lhe faz menção. Em português e em francês, houve correspondências nos seguintes termos:

Português	Francês
hanseníase: mal-de-lázaro (pop.), mal-de-são-lázaro (pop.)	lèpre: mal de saint Lazare
Coccidioidomicose: febre de São Joaquim	coccidioïdomycose: fièvre de la vallée de San Joaquim

As **variantes de termos relacionados à sexualidade** mencionam geralmente o ato sexual, como em *mal-do-coito*, em português, ou a deusa do amor Vênus, como *grosse vérole* e *maladie vénérienne*, em francês.

O exercício de algumas profissões é a porta de entrada para algumas dermatoses, o que acaba gerando **variantes designativas de profissões**, como é o caso de *maladie des trieurs de laine* em francês e *coceira de jóquei* em português.

As **variantes influenciadas por fatores ideológicos** são geralmente estigmatizantes, possuem uma carga conceptual negativa ao atribuir ao doente uma certa culpa por portar uma doença “vergonhosa”, como ocorre com os termos *purgação* (gonorréia) e *maladie honteuse* (doença sexualmente transmissível) em francês.

Em Terminologia, quando se busca as equivalências, não se deve traduzir termos da língua de partida para a língua de chegada, pois a tradução envolve interpretação, recriação. Os termos em língua de chegada devem ser buscados em fontes confiáveis, indicadas por especialistas do domínio de chegada e os equivalentes devem ser termos efetivamente utilizados em discussões pelos especialistas.

Ao longo do trabalho de busca das equivalências em francês para o Vocabulário Multilíngua de Dermatologia, verificamos que as modelos teóricas adotadas pela equipe questionam-se adequadas a esse princípio e, portanto, atendendo às propósitos da pesquisa. O estudo terminológico bilíngüe português e francês nos levou a termos do domínio da Dermatologia e de suas variantes linguísticas e sociolinguísticas propiciou algumas observações interessantes. A mais importante é a de que os termos em português e em francês comportam-se de maneira semelhante quanto ao fornecimento da equivalência.

Verificamos que os grupos de equivalências apresentados por Folber, Dubuc e Alpizar-Saxillo aplicam-se na terminologia dermatológica do português e do francês. Em nossa pesquisa, observamos a ocorrência de equivalência total entre termos português – francês, analisados com base nas considerações feitas por esses autores. Essa ocorrência é facilitada pelo esforço de harmonização e de internacionalização das nomenclaturas médicas, já que “essa área biológica exige muita clareza para a denominação das doenças”.

9. Considerações finais

Aprendi novas palavras
E tornei outras mais belas

Carlos Drummond de Andrade

Em Terminologia, quando da busca de equivalentes, não se deve traduzir termos da língua de partida para a língua de chegada, pois a tradução envolve interpretação, releitura. Os termos em língua de chegada devem ser buscados em fontes confiáveis, indicadas por especialistas do domínio trabalhado e os equivalentes devem ser termos efetivamente utilizados em discurso pelos especialistas.

Ao longo do trabalho de busca das equivalências em francês para o Vocabulário Multilíngüe de Dermatologia, verificamos que os modelos teóricos adotados pela equipe mostraram-se adequados a esse princípio e funcionais, atendendo aos propósitos da pesquisa. O estudo terminológico bilíngüe português – francês com os termos do domínio da Dermatologia e de suas variantes lingüísticas e sociolingüísticas propiciou algumas observações interessantes. A mais importante é a de que os termos em português e em francês comportam-se de maneira semelhante quanto ao fenômeno da equivalência.

Verificamos que os graus de equivalência apresentados por Felber, Dubuc e Alpizar-Castillo aplicam-se na terminologia dermatológica do português e do francês. Em nossa pesquisa, observamos a ocorrência de equivalência total entre termos português – francês, analisados com base nas considerações feitas por esses autores. Esse fenômeno é facilitado pelo esforço de harmonização e de internacionalização das nomenclaturas médicas, já que essa área biológica exige muita clareza para a denominação das doenças.

O grau de intersecção foi observado em vários dos termos em uma análise interlínguas, como no caso, por exemplo, de *câncer e cancer*. A equivalência parcial por intersecção deu-se, sobretudo, nos casos em que os termos da LP e da LC pertenciam a níveis de língua diferentes ou não eram usados em situações semelhantes ou com a mesma frequência por especialistas em Dermatologia brasileiros e franceses.

O terceiro grau de equivalência, a superioridade, observou-se principalmente quando trabalhamos com termos organizados hierarquicamente, em um sentido que vai do mais genérico ao mais específico. Com base na árvore conceptual na qual se organizavam os termos em português, procuramos os termos equivalentes em francês. Nesse sentido também se deu o fenômeno da superioridade: em francês, apresentaram-se situações em que foram encontrados apenas os termos mais genéricos, enquanto que o português contava com um mais genérico e outros mais específicos. Nesse caso, essas lacunas que ficaram não foram preenchidas, mas foi indicada inexistência de equivalência total, visto que no VMD não apontamos termos mais genéricos como equivalentes de mais específicos ou vice-versa.

No que concerne ao quarto grau previsto pelos teóricos da Terminologia bilíngüe, isto é, os casos de ausência de equivalência em língua de chegada, em nosso *corpus*, quando essa situação ocorreu, teve como fator determinante as idiossincrasias de médicos brasileiros ou o fato de a patologia não ser freqüente na França, mas apenas no Brasil, o que caracteriza a dispensabilidade de um estudo detalhado da doença por parte dos médicos franceses e, portanto, de uma precisão denominativa.

O trabalho de busca de equivalentes auxiliado pelas duas bases de dados terminológicos e textuais, bem como pela ficha eletrônica bilíngüe, une os conhecimentos sobre Terminologia aos pertencentes ao domínio da Informática. Com isso, verificamos a interação existente entre tais domínios e a grande utilidade e eficácia dos resultados dessa união. Tais ciências não são importantes apenas para a comunidade científica, mas para toda a

humanidade, já que acompanham e ajudam a promover os progressos técnicos e científicos em todas as áreas do saber.

Nos estudos terminológicos atuais, sobretudo após o advento da Socioterminologia, a variação lingüística é reconhecida como um fenômeno natural inclusive nos domínios de especialidade; a variação é passível de ser descrita, categorizada e analisada cientificamente. Assim como a língua geral, as línguas de especialidades não são estáticas, mas estão vivas e em constante evolução, abertas ao surgimento de neologismos, empréstimos e gírias. Esses princípios teóricos nortearam nossos estudos.

Como resultado, observamos que, no domínio da Dermatologia, a variação terminológica em português e em francês comporta-se de modo semelhante no que concerne à categorização lingüística (morfológica, ortográfica, lexical e sintática), com exceção do nível fonológico, no qual não houve ocorrências em francês. A variação de tipo cronoletal e socioletal também se manifestou em ambos os idiomas de modo parecido, com exceção do nível geográfico, uma vez que não encontramos registros, em francês, de variantes regionais.

Percebemos que as classificações propostas por alguns terminólogos não bastavam para dar conta de todo tipo de variação de termos que designam patologias dermatológicas encontrados em nosso *corpus*. Propusemos, então, novas categorias que têm como objetivo enquadrar certas variantes terminológicas que ocorrem no domínio da Dermatologia, particularmente no que concerne às dermatoses.

Verificamos que é comum a ocorrência de termos que fazem alusão ao aspecto físico e às causas da patologia, bem como a nome de animais, local de incidência no corpo, personagens históricos, profissões, elementos religiosos, sexualidade, categorias sociais, povos, nacionalidades ou localidades e fatores ideológicos. Lembramos que uma variante pode ser classificada em mais de uma dessas categorias. Nesse sentido, podem ocorrer as seguintes situações:

- No caso de alusão ao aspecto formal, a nomes de animais, à causa da dermatose e ao local de incidência no corpo, as denominações têm origem na sabedoria e / ou na experiência popular.
- Ao fazer alusão a profissões, em francês e em português, as denominações das dermatoses caracterizam o contexto situacional em que se pode adquirir tais doenças, ou seja, no exercício da profissão. Esses termos não parecem ser preconceituosos ou discriminatórios, mas demonstram que certas profissões, por suas características particulares, levam aqueles que a exercem a ficarem mais propensos à aquisição da doença ou lesão. Os atletas, por exemplo, são grandes candidatos a sofrer de dermatofitose dos pés (*pé-de-atleta*).
- Os termos que, em sua designação, fazem alusão a elementos religiosos, sexualidade, categorias sociais, povos, nacionalidades ou localidades e fatores ideológicos configuram-se, em geral, como resultado de um ato discriminatório exercido por meio lingüístico (terminológico). Em português verificamos, dentre tantos outros, o caso da *hanseníase*, que apresenta *lazeira* (“azar, infelicidade, miséria”) como uma de suas variantes, e *purgação*, variante *gonorréia*, de termos que lembram o infortúnio e a exclusão social do doente. Em francês, *maladie honteuse* dá ao portador da doença sexualmente transmissível a impressão de que deve se “esconder” por ser acometido por uma “doença vergonhosa”.

É, aliás, interessante observar a quantidade e a diversidade denominativas de algumas doenças, como a *sífilis*, por exemplo, quadro que espelha aspectos sociológicos, políticos e mesmo psicológicos de um coletivo. De fato, povos de países e continentes diferentes podem se acusar, culpando ao outro pela disseminação dessa doença.

O discurso técnico e científico parece ser, por definição, invariável ou mesmo estilístico. Os estudos socioterminológicos, entretanto, demonstram que, para qualquer área, há necessidade de adaptação às circunstâncias comunicativas, nas quais a variação é efetiva. A diversidade cultural produz uma grande quantidade de denominações de patologias

dermatológicas e médicas em geral. Esses termos podem assumir caráter simplesmente referencial ou mesmo expressar ideologias estigmatizantes.

Enfatizamos aqui que, apesar das diferenças, o português não tem mais mérito que o francês no que concerne às variantes, e vice-versa, porque ambas as línguas apresentam peculiaridades que as tornam distintas e interessantes aos estudos sociolingüísticos e socioterminológicos. Nenhuma língua é mais rica do que a outra, pois todas possuem o tesouro da variação.

A experiência com a disciplina terminológica e com a elaboração de um dicionário terminológico de Dermatologia, colaborou para a ampliação de nosso conhecimento de mundo e da terminologia dessa área médica, o que poderá vir a contribuir para trabalhos futuros que venhamos a desenvolver. Esperamos, acima de tudo, que nossa pesquisa dê alguma contribuição ao avanço das pesquisas nos campos Terminologia bilíngüe e da linguagem médica.



Referências bibliográficas

- ABECASSIS, M. Le français populaire : a valid concept ? *Marges linguistiques*, n. 6, nov. 2003. p. 116-132.
- ALVES, I. M. A pesquisa em terminologia: algumas considerações. ATAS DO I CONGRESSO NACIONAL DA ABRALIN, Maceió, ed. 21, jun. 1997. p. 88-94.
- ALPÍZAR-CASTILLO, R. El problema de las equivalencias. In: _____. *¿Cómo hacer un diccionario científico-técnico?*. Buenos Aires: Memphis, 1995.
- ALPÍZAR-CASTILLO, R. Reflexiones terminológicas. In: CORREIA, M. (org.). **Terminologia, desenvolvimento e identidade nacional**. Lisboa: Colibri/ILTEC, 2002. p. 27-39.
- AUBERT, F. H. **Introdução à metodologia da pesquisa terminológica bilíngüe**. São Paulo: Humanitas, 1996.
- AUBERT, F. H. Língua como estrutura e como fato histórico-social: conseqüências para a terminologia. In: ALVES, I. M. (org.) *Cadernos de Terminologia*, n. 1, 1996a. p. 11-15.
- AUGER, P. Pour une définition des marques d'usage en lexicographie. ACTES DU COLLOQUE SUR L'AMÉNAGEMENT DE LA LANGUE AU QUÉBEC, Mont-Gabriel, Conseil de la langue française, 7-8 dez. 1989. Disponível em: <http://www.cslf.gouv.qc.ca/Publications/pubc163/c163.html#Pour>
- AUGER, P. Éssai d'élaboration d'un modèle terminologique / terminographique variationniste. *TradTerm*, São Paulo, v. 7, 2001. p. 183-224.
- AZULAY, D. R.; AZULAY, R. D. **Dermatologia**. Rio de Janeiro: Koogan, 1999.
- BARROS, L. A. Variation, synonymie et equivalence terminologique dans les dictionnaires de Médecine monolingues et bilingues. *Alfa*, São Paulo, n. 43, 1999. p. 69-87.
- BARROS, L. A. Processos clássicos e atuais da internacionalização da terminologia médica. *Estudos lingüísticos*. Anais de Seminários do GEL (CD-Rom), 2003.
- BARROS, L. A. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: USP, 2004.
- BARROS, L. A.; SILVA, F. F. É possível a equivalência perfeita português-francês entre termos do domínio da Dermatologia? Comunicação apresentada no LII GEL, 2004a. (no prelo).
- BARROS, L. A. Terminologia da Dermatologia: aspectos da diversidade lingüística e cultural. In: Rede Ibero Americana de Terminologia, RITERM, 2004b. (no prelo).
- BELAÏCH, Stéphane. **Le livre de l'interne: dermatologie et maladies sexuellement transmissibles**. Paris: Flammarion Médecine-Sciences, 1994.
- BOULANGER, J. C. Compte-rendu. *Terminogramme*, n. 7-8, 1981. p. 11-12.
- BOULANGER, J. C. Présentation: images et parcours de la socioterminologie. *Meta*, v. 40, n. 2, jun. 1995. p. 194-205.
- BOUTIN-QUESNEL, R. et al. **Vocabulaire systématique de la terminologie**. Québec: Publications du Québec, 1985.

- CABRÉ, M. T. **La terminología**: teoria, metodologia, aplicaciones. Barcelona: Antártida, Empúries, 1993.
- CABRÉ, M. T. **La terminología: representación y comunicación**. Elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos. Barcelona: IULA, 1999.
- CABRÉ, M. T. Lexicología y variación: hacia un modelo integrado. In: SIMPOSIO IBEROAMERICANO DE TERMINOLOGÍA RITERM, 1996. Disponível em: <http://www.unilat.org/dtil/MEXICO/cabre.html>. Acesso em: 30 ago. 2003.
- CALVET, L.-J. L'argot et la « langue des linguistes » : des origines de l'argotologie aux silences de la linguistique. *Marges linguistiques*, n. 6, nov. 2003.
- CAMACHO, R. G. Algumas reflexões sobre as tendências atuais da lingüística. *Confluência*, Assis: Arte & Cultura, 1994. p. 15-38.
- CAMACHO, R. G. Sociolingüística: arte II. In: BENTES, A. C.; MUSSALIM, F. (orgs.). **Introdução à Lingüística**: domínios e fronteiras. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2001, v. 1, p. 49-75.
- CARNEIRO, G. **História da Dermatologia no Brasil**: dados sobre a especialidade e a sociedade científica.. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Dermatologia, 2002.
- CLASSIFICAÇÃO Internacional das Doenças (décima revisão). v. 2, Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.
- CONFÉRENCE des Services de Traduction des États de l'Europe occidentale. Groupe de travail Terminologie et Traduction. **Recommendations relatives à la terminologie**. Berne : Chancellerie de la confédération suisse, 1990.
- CORBEIL, J.-C. Le plurilinguisme terminologique. In: *Terminología y modelos culturales*. Barcelona: IULA, 1999.
- COTTEZ, H. **Dictionnaire des structures du vocabulaire savant**: éléments et modèles de formation. Paris: Le Robert, 1988. (Les usuels du Robert).
- DANIEL, F. **Dictionnaire de dermatologie**. Paris: Masson, 1995.
- HALIOUA, B. et al. **Dermatologie infectueuse**. Paris; Milão; Barcelona: Masson, 1997.
- DIAS, C. A. Terminologia: conceitos e aplicações. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 1, jan.-abr. 2000. p. 90-92.
- DICIONÁRIO Aurélio Eletrônico Século XXI. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Lexicom Informática, 1999. CD-ROM, versão 3.0.
- DICIONÁRIO Houaiss Eletrônico. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. CD-ROM, versão 1.0.
- DI DIO, L. J. A. Nulla Medicina sine Anatomia (não há Medicina sem Anatomia). 2003. Disponível em: <http://www.skulapius.com.br/opiniaio/ed21/ed21.php>. Acesso em: 15 ago. 2004.
- DILLINGER, Mike. Forma e função na lingüística. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 7, n. 1, 1991. p. 395-407.
- DORLAND, W. A. N. **Dicionário médico**. 25. ed. São Paulo: Rocca, 1997.
- DUBUC, R. **Manuel pratique de terminologie**. 2.ed. Québec: Linguattech, 1985.
- FAULSTICH, E. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 24, n. 3, 1995.

FAULSTICH, E. Variação Terminológica: algumas tendências no português do Brasil. In: *Cicle de conferències 96-97: lèxic, corpus i diccionaris*. Barcelona: IULA, 1997.

FAULSTICH, E. Entre a sincronia e a diacronia: variação terminológica no código e na língua. In: CORREIA, M. (org.). **Terminologia, desenvolvimento e identidade nacional**. Lisboa: Colibri/ILTEC, 2002. p. 61-74.

FELBER, H. **Manuel de terminologie**. [pour le Programme général d'information et l'UNISIST et pour le Centre international d'information pour la terminologie]. Paris: UNESCO/INFOTERM, 1987.

FIOCRUZ. DCC / CICT. Para contar sobre a sífilis. 2003. Disponível em: www.fiocruz.br/cict/arqnoticias/exposifilis.htm. Acesso em 14. jun. 2004

GAMBIER, Y. Travail et vocabulaires spécialisés: prolégomènes à une Socio-terminologie. *Méta*, Montréal, v. 36, n. 1, 1991. p. 8-15.

GASQUET-CYRUS, M. Sociolinguistique urbaine ou urbanisation de la sociolinguistique? *Marges linguistiques*, n. 3, mai. 2002. p. 54-71.

GAUDIN, F. Socioterminologie: du signe au sens, construction d'un champ. *Méta*, Montréal, v. 38, n. 2, p. 293-301, jun. 1993.

GAUDIN, F. **Pour une socioterminologie**: des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles. Rouen: Université de Rouen, 1993a. (Coleção « Publications de l'Université de Rouen », 182).

HOFFMAN, L. **Llenguatges d'especialitat**: selecció de textos. Barcelona: IULA, 1998.

JAMMAL, A. Une méthodologie de la traduction médicale. *Méta*, Montréal, v. 44, n. 2, 1999. p. 217-237.

KRIEGER, M. G. Terminologia revisitada. *DELTA*, São Paulo, v. 16, n. 2, 2000. p. 209-228.

KRIEGER, M. G. Terminologia técnico-científica: seu papel no Mercosul. *Boletim da Abralin*, n. 24, fev. 2001. Disponível em: http://www.letras.ufrj.br/abralin/boletim/boletim24_tema02.html

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1991.

LE PETIT Robert électronique. Bureau van Dijk, Electronic Publishing, 1997. CD-ROM.

LERAT, P. Langue spécialisée et traduction. In: _____. **Les langues spécialisées**. Paris: Presses Universitaires de France, 1995. p. 94-105.

LYONS, J. **Linguistique générale**: introduction à la linguistique theorique. Paris: Larousse, 1970.

MAYANS, I. M. Socioterminologia i planificació lingüística. In: *Jornada panllatina de terminologia: perspectives i camps d'aplicació*. Barcelona: IULA, 1996.

MAURAS, J. **La langue de la publicité des chaînes d'alimentation**: étude sur la qualité de la langue et sur l'implantation terminologique. Québec: Conseil Supérieur de la Langue Française, 1984. (Coleção Dossiers).

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

MONKEN, M. H. Estudo vê problemas em bula de remédio. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2403200417.htm>. Acesso em: 20 jun. 2004.

NEVES, M. H. M. Uma visão geral da gramática funcional. *Alfa*, São Paulo, v. 38, 1994. p. 109-128.

OLIVEIRA FILHO, J. Qual é a missão do dermatologista? Disponível em: www.saudetotal.com.br. Acesso em: 30/08/2004.

PAVEL, S.; NOLET, D. **Manual de terminologia**. Disponível em: www.translationbureau.gc.ca. Acesso em: 01 set. 2002. Hull: Ministério de Obras Públicas e Governamentais do Canadá, 2002.

REY, A. Norme et dictionnaires (domaine du français). In : **La norme linguistique**. Québec: Conseil de la langue française, 1983. p. 541-569.

RODRIGUES, C. C. **Tradução e diferença**. São Paulo: UNESP, 2000.

ROJO, J. A. D. La terminología médica: diversidad, norma y uso. *Panacea*, v. 2, n. 4, jun. 2001. p. 40-46.

RONDEAU, G. **Introduction à la terminologie**. Paris: Gaëtan Morin, 1984.

ROUSSEAU, L.-J. Terminologie et aménagement linguistique. In: *Jornada panllatina de terminologia: perspectives i camps d'aplicació*. Barcelona: IULA, 1996.

SANTIAGO, P. Vocabulário popular de Alagoas. Disponível em: <http://www.jangadabrasil.com.br/revista/marco64/especial6423.asp>. Acesso em 20. jun. 2004.

SAURON, V. A. Les nouvelles technologies pour traducteurs: l'extraction automatique de terminologie. Université de Genève, 2002. Disponível em: <http://home.etu.unige.ch/~sauron3/Mem-DEA-partI.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2004.

SZENDE, T. Problèmes d'équivalence dans les dictionnaires bilingues. In: BÉJOINT, H.; THOIRON, P. **Les dictionnaires bilingues**. Louvain-la-Neuve: Duculot, 1996.

TARALLO, F. **A pesquisa Sociolingüística**. São Paulo: Ática, 1985.

TOURAINÉ, R.; REVUZ, J. **Dermatologie clinique et vénéréologie**. 4.ed. Paris; Milão; Barcelona: Masson, 1997.

TRESOR de la Langue Française informatisé. ATILF; CNRS, 2004. Disponível em: <http://atilf.atilf.fr/tlfv3.htm>. Acesso em: 05 fev. 2004.

TURELL, M. T. La base teòrica i metodològica de la variació lingüística. In: TURELL, M. T. (ed.). **La sociolingüística de la variació**. Barcelona: PPU, 1995. p. 17-49.

VIEIRA, R.; LIMA, V. L. S. **Lingüística computacional: princípios e aplicações**. JAIA – ENIA, Fortaleza, 30 jul. – 03 ago. 2001. Disponível em: <http://www.inf.unisinos.br/~renata/labor/Anacort/jaia12-vf.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2002.

COLIN, J.-P. Terminologie et dictionnaires. In: *La terminologie et le dictionnaire*. Paris: Larousse, 1996. p. 17-49.

DIKI-KIDIRI, M. La signification des termes dans la documentation. *Méla*, Montréal, v. 34, n. 4, 1996. p. 373-381.

DUBOIS, J. **Le vocabulaire technique et social en France de 1860 à 1872**. Paris: Larousse, 1962.

FINATTO, M. J. B. **Unidade e variação na língua portuguesa: a variação em terminologia**. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, Lisboa, n. 13, jul. 1996. p. 61-68.

Bibliografia

- ADELSTEIN, A.; CABRÉ, M. T. The specificity of units with specialized meaning: polysemy as explanatory factor. . *DELTA*, São Paulo, v. 18, n. spe, 2002.
- ALVES, I. M. **Neologismo**: Criação lexical. São Paulo: Ática, 1990.
- ALVES, I. M. Polissemia e homonímia em uma perspectiva terminológica. *Alfa*, São Paulo, v. 44, 2000. p. 261-272.
- ALVES, I. M. Um estudo sobre a neologia lexical: os microssistemas prefixais do português contemporâneo. Livre Docência, USP, 2000.
- ALVES, I. M. Terminologia e neologia. *Tradterm*, São Paulo, v. 7, 2001. p. 53-70.
- ALVES, I. M. et al. A pesquisa em terminologia: aspectos da variação nas línguas de especialidade. *Estudos Lingüísticos*, São Paulo, v. 31, 2002.
- AUGER, P.; ROUSSEAU, L.-J. **Méthodologie de la recherche terminologique**. Québec: Office de la langue française, 1978.
- BARBOSA, M. A. Aspectos da produção dos vocabulários técnico-científicos. *Estudos lingüísticos*. Anais de Seminários do GEL. São Paulo: GEL/USP, 1989. p. 105-112.
- BARBOSA, M. A. Terminologia técnico-científica: diálogos transdisciplinares. 56ª. reunião anual do SBPC, 2004. Disponível em: http://200.189.244.60/programa_sbpc56ra/sbpccontrole/textos/MaApBarbosa.htm. Acesso em: 15. jun. 2004
- BARBOSA, M. A. Terminologização, vocabularização, científicidade, banalização: relações. *Acta semiotica et linguistica*, São Paulo, v.7, 1998. p. 25-44.
- BIDERMAN, M. T. **Teoria lingüística: lingüística quantitativa e computacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BOURIGAULT, D.; JACQUEMIN, C. Construction de ressources terminologiques In: PIERREL, J.-M. (ed.). **Ingénierie des langues**. 2000. p. 215-233.
- CABRÉ, M. T. La terminología hoy: concepciones, tendencias y aplicaciones. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 24, n. 3, 1995.
- CALVET, L.-J. La sociolinguistique et la ville: hasard ou nécessité ? *Marges linguistiques*, n. 3, mai. 2002. p. 46-53.
- COLIN, J.-P. L'impossible récolte : heurs et malheurs d'un lexicographe argotologue. *Marges linguistiques*, n. 6, nov. 2003. p. 1-10.
- DIKI-KIDIRI, M. Le signifié et le concept dans la dénomination. *Méta*, Montréal, v. 44, n. 4, 1999. p. 573-581.
- DUBOIS, J. **Le vocabulaire politique et social en France de 1869 à 1872**. Paris: Larousse, 1962.
- FINATTO, M. J. B. Unidade e variação na língua portuguesa: a variação em terminologia. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, Lisboa, n. 15, jul. 1996. p. 64-68.

- FISHER, P. Bases de Dados – Básicos. Disponível em: www.famed.ufrgs.br. Acesso em: 13 jul. 2002.
- GADET, F. « Français populaire » : un classificateur déclassant ? *Marges linguistiques*, n. 6. nov. 2003.
- GALISSON, R. Entrer en langue / culture par les mots : esquisse d'un modèle d'organisation et de description des contenus lexico-culturels d'enseignement/apprentissage". ATAS DO COLÓQUIO DE LEXICOLOGIA E LEXICOGRAFIA. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1991.
- GOUADEC, D. Terminologie et Terminographie: le point de la situation. In: TERMINOLOGIE ET TERMINOTIQUE: OUTILS, MODELES ET METHODES. Rennes, 21-26 set. 1992.
- HJELMSLEV, L. **Prolégomènes à une théorie du langage**. Paris: Minuit, 1968.
- JESUS, A. M. R. O auxílio de um banco de dados terminológicos na busca de equivalências em francês para o Vocabulário Multilíngüe de Dermatologia (VMD). *Estudos lingüísticos*. Anais de Seminários do LI GEL (CD-Rom), 2003.
- MATHIEU, P. Entre *argot* et *langue populaire*, le *jargon*, usage de la place publique. *Marges linguistiques*, n. 6. nov. 2003.
- MONLLO, M. G. Les necessitats terminològiques d'Europa en la Societat de la Informació des del punt de vista de la socioterminologia. Disponível em: <http://www.unilat.org/dtil/IVjornadas/monllo.htm>. Acesso em: 02. ago. 2004.
- OLIVEIRA, M. L. W. et al. Social representation of Hansen's disease thirty years after the term 'leprosy' was replaced in Brazil. *História, Ciências, Saúde*, Rio de Janeiro, v. 10, 2003.
- POTTIER, B. **Sémantique générale**. Paris: PUF, 1992.
- PIRES DE OLIVEIRA, A. M. P. Brasileirismos e regionalismos. *Alfa*, São Paulo, v. 42, n. esp., 1998. p. 109-120.
- RASTIER, F. **Recherches en sémantique cognitive**. Paris: PUF, 1991.
- SANTOS BORBUJO, A. Terminología y socioterminología. In: REAL, E. et al. (eds.). **Écrire, traduire et représenter la fête**. Universitat de València, 2001. pp. 657-664.
- SARDINHA, T. B. Teoria Lingüística : Introdução à Lingüística de *Corpus*. Disponível em: www.lael.pucsp.br. Acesso em 13 jul. 2002.
- SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1971.
- SILVA, A. S. Sobre a estrutura da variação lexical: elementos de Lexicologia Cognitiva. ACTAS DO XI ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA. Lisboa: APL/Colibri, v. III, 1996. p. 413-423.
- STREHLER, R. G. A socioterminologia como base para a elaboração de glossários. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 24, n. 3, 1995.
- TRAN, T. D. et al. Lexicographie et recherche d'informations médicales par croisement de langues : une approche socioterminologique d'un lexique trilingue. 2004. Disponível em: <http://www.univ-lyon3.fr/partagedessavoirs/termino2004/abstracts/tran.pdf>. Acesso em: 03 mai. 2004.

VAN HOOFF, H. Histoire des dictionnaires techniques. In: SCHAETZEN, C. **Terminologie diachronique**. Paris: Conseil International de la Langue Française; Bruxelles: Service da la Langue Française, 1989. p. 27-37.

VAN HOOFF, H. La traduction des éponymes médicaux banalisés de langue anglaise. *Meta*, Montreal, v. 46, n. 1, 2001. p. 82 a 91.

VAN HOOFF, H. **Manual pratico de la traducción médica**: diccionario básico de términos médicos (inglés – francés – español). Granada: Comares, 1999.

WÜSTER, E. **Norme Internationale ISO 1087**. Barcelona: Universitat de Barcelona, 1996.

XATARA, C. M.; OLIVEIRA, W. A. L. **Dicionário de falsos cognatos francês-português/português-francês**. São Paulo: Casa Editorial Schimidt, 1995.

XATARA, C. M. Os dicionários bilíngües e o problema da tradução. In: **As ciências do léxico: lexicografia, lexicologia, terminologia**. Campo Grande: Editora da UFMS, 2001. p. 181-188.

XATARA, C. M.; OLIVEIRA, W. A. L. **Dicionário de provérbios, idiomatismos e palavrões francês-português / português-francês**. São Paulo: Cultura Editores Associados, 2002.



